



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
E CULTURA CONTEMPORÂNEAS**

ANDRÉ FABRÍCIO DA CUNHA HOLANDA

**ESTRATÉGIAS DE ABERTURA:
O JORNALISMO DE FONTE ABERTA DOS CASOS *INDYMEDIA*, *CMI*,
SLASHDOT, *AGORAVOX*, *WIKINOTÍCIAS* E *WIKINEWS*.**

SALVADOR - BAHIA

ABRIL 2007

ANDRÉ FABRÍCIO DA CUNHA HOLANDA

ESTRATÉGIAS DE ABERTURA:
**O JORNALISMO DE FONTE ABERTA DOS CASOS *INDYMEDIA*, *CMI*,
SLASHDOT, *AGORAVOX*, *WIKINOTÍCIAS* E *WIKINEWS*.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Palacios

SALVADOR - BAHIA

ABRIL 2007

Dedico este trabalho a minha família por haver propiciado sempre um ambiente de aprendizado e crescimento.

AGRADECIMENTOS

A meus pais Eduardo e Leomar pelo exemplo, pela confiança e pelo apoio inestimáveis.

Aos meus irmãos Breno e Juliana pelo companheirismo, pelas reflexões e pelo apoio.

A Sandra pelo carinho, pela força e, em especial, pelo encorajamento na reta final deste trabalho.

A Marcos Palacios pela orientação dedicada e incansável, pela paciência e pelo exemplo de pesquisador e educador.

A Elias Machado e aos colegas do GJol, pelas discussões e reflexões que com certeza deixaram marcas neste trabalho.

À equipe do POSCOM, pelo trabalho de organização que é a base da nossa trajetória.

À comunidade da FACOM e à UFBA, nossa casa na vida estudantil.

À CAPES pelo investimento na nossa busca do conhecimento.

"Quando existe avanço tecnológico sem avanço social, surge quase automaticamente, um aumento da miséria humana."

Michael Harrington

RESUMO

Esta dissertação explora e compara diversas estratégias de produção de noticiário na Internet baseadas nos métodos operativos conhecidos como “*open source*”. Empreende-se, primeiramente, a construção conceitual do objeto através da definição da categoria de Jornalismo de Fonte Aberta, no qual o público participa de todos os níveis da produção noticiosa. A partir deste fundamento conceitual, torna-se possível a caracterização deste modo de produção, assim como a exploração das relações entre público e veículos, questão de fundamental importância no contexto do desenvolvimento do jornalismo na Internet. As afinidades e discrepâncias entre o Jornalismo de Fonte Aberta e outras formas de comunicação mediada por computador auxiliam a delimitação do nosso objeto no seu entorno, permitindo uma visão de conjunto e a sugestão de possibilidades de inserção e articulação com o jornalismo tradicional. Baseada na análise de conteúdo, a pesquisa propriamente dita, utiliza o estudo comparativo de casos, de forma a descrever as características diversas de cada modelo de Jornalismo de Fonte Aberta, avaliar sua eficiência e generalizar as características mais promissoras desta forma de produção.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo *Online*; Jornalismo de Fonte Aberta; *Open Source*; Interatividade; Participação.

ABSTRACT

This dissertation explores and compares different strategies of online news production based on the operative methods known as “*open source*”. First of all it undertakes the conceptual construction of its object through the definition of “Open Source Journalism”, in which the public participates on every step of news production. From this conceptual foundation, it becomes possible to characterize this production mode, as well as to explore the relationships between public and news outlets, matter of utter importance in the context of the development of internet journalism. The affinities and discrepancies between the Open Source Journalism and other forms of computer mediated communication help delimitate our object in its context, allowing a broader view and permitting a suggestion of insertion and articulation with traditional journalism. Based on content analysis, the research itself relies on comparative case study in order to describe the diverse features of each model of Open Source Journalism, measure their efficiency and generalize the most promising characteristics of this form of production.

KEYWORDS:

Online Journalism; Open Source Journalism; Interactivity; Participation.

LISTA DE FIGURAS

Ilustração 1 - Novo eco-sistema midiático. Fonte: (BOWMAN e WILLIS, 2003).	104
Ilustração 2 – Divisão funcional da interface com o usuário (Slashdot)	108
Ilustração 3 – Painel das notícias do Slashdot	110
Ilustração 4 – Divisão funcional da interface com o usuário (Indymedia).	111
Ilustração 5 – Divisão funcional da interface com o usuário (CMI)	112
Ilustração 6 – Divisão funcional da interface com o usuário (AgoraVox)	114
Ilustração 7 – Painel das notícias do AgoraVox	115
Ilustração 8 – Divisão funcional da interface com o usuário (Wikinews)	116
Ilustração 9 – Divisão funcional da interface com o usuário (WikiNotícias)	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Participação dos autores (Slashdot).....	130
Tabela 2 – Autores com média igual ou maior que 1 artigos/semana (Slashdot)	131
Tabela 3 – participação dos editores (Slashdot)	131
Tabela 4 – Artigos por Seções (Slashdot)	132
Tabela 5 – Gatewatching X conteúdo original (Slashdot).....	133
Tabela 6 – fontes mais citadas (Slashdot)	133
Tabela 7 – Participação dos autores (AgoraVox).....	134
Tabela 8 – Autores com média igual ou maior que 1 artigos/semana (AgoraVox)	135
Tabela 9 – Artigos por Seções (AgoraVox)	136
Tabela 10 – Participação dos autores (Wikinews).....	137
Tabela 11 – Autores com média igual ou maior que 1 artigos/semana (Wikinews)....	138
Tabela 12 – Artigos por Seções (Wikinews).....	139
Tabela 13 – Gatewatching X conteúdo original (Wikinews)	140
Tabela 14 – fontes mais citadas (Wikinews).....	140
Tabela 15 – Participação dos autores (Wikinotícias)	140
Tabela 16 – Autores com média igual ou maior que 1 artigos/semana (Wikinotícias)	141
Tabela 17 – Artigos por Seções (Wikinotícias).....	141
Tabela 18 – Gatewatching X conteúdo original (Wikinotícias).....	142
Tabela 19 – fontes mais citadas (Wikinotícias).....	142
Tabela 20 – Participação dos autores (Indymedia).....	142
Tabela 21 – Todos os Autores (Indymedia)	143
Tabela 22 – Gatewatching X conteúdo original (Indymedia)	143
Tabela 23 – fontes citadas (Indymedia).....	143
Tabela 24 – Participação dos autores (?) (CMI).....	144
Tabela 25 – Apelido presentes em mais de 1 artigo publicado (CMI).....	145
Tabela 26 – Gatewatching X conteúdo original (CMI).....	145
Tabela 27 – Fontes citadas (CMI)	145
Tabela 28 – Comparativo dos valores totais e médias.....	146
Tabela 29 – Participação de cada perfil no total de autores.	147
Tabela 30 – Perfil com maior percentual dos artigos publicados.....	147
Tabela 31 – Percentual dos artigos publicados pelos 10% mais ativos de cada <i>site</i>	147
Tabela 32 – Proporção entre artigos originais e repercussões de outros <i>sites</i>	148

SUMÁRIO

Introdução	12
Aspectos Metodológicos.....	15
Organização do Trabalho.....	18
1 - Jornalismo de Fonte Aberta: Construindo a definição.	20
1.1 - Definição Inicial	21
1.2 - História e Repercussões	26
1.2.1 “Open source meets open source”	27
1.2.2 As fontes se apropriam do meio.	35
1.2.3 O modelo híbrido OhMyNews	39
1.2.4 A tentativa do Discordia	41
1.2.5 Bayosphere	42
1.2.6 Tout le monde est capteurs d’informations.	44
1.2.7 A abertura radical do modelo Wiki e o surgimento do Wikinews	47
1.3 – Definição Final	49
1.4 - <i>Corpus</i> de Estudo	52
2 - Entorno Sócio-Técnico do Jornalismo de Fonte Aberta.....	54
2.1 - Internet e Jornalismo <i>Online</i>	55
2.2 - Redes P2P (<i>Peer-to-Peer</i>)	61
2.3 - <i>Open Source</i>	64
2.4 - Blogs.....	67
2.5 - “Mídia Social” e Jornalismo Participativo	71
2.6 - Redes Colaborativas	75
2.7 - Delimitação no contexto.....	79
3 - Novas relações entre público e mídia.....	81
3.1 – Interação e Recepção	83
3.1.1 - Interação Reativa e Interação Mútua.....	87
3.1.2 - Interatividade e Liberação da Emissão:	89
3.1.3 – Saturação Informacional.....	91
3.1.4 – Broadcasting X Narrowcasting.....	93
3.1.5 – A mídia tradicional entra no jogo.....	95
3.2 - Participação e <i>Gatewatching</i>	96

3.2.1 – A Participação do público	99
3.2.2 – Motivação da participação.....	101
3.3 – Nova ecologia dos <i>media</i> ?	102
4 - Possibilidades e restrições à participação.	107
4.1 - Interface Gráfica.....	107
4.1.1 - Slashdot	108
4.1.2 - Indymedia e Centro de Mídia Independente	111
4.1.3 – AgoraVox	113
4.1.4 - Wikinews e Wikinotícias	116
4.2 - Papéis e poderes	118
4.2.1 - O Coletivo Editorial do Indymedia	118
4.2.2 - A função de moderação do Slashdot.....	121
4.2.3 - Escrita colaborativa do WikiNews.....	124
4.2.4 - O Comitê Editorial do AgoraVox	127
4.3 - A realidade na prática.....	128
4.3.1 - Slashdot	130
4.3.2 – AgoraVox	134
4.3.3 – WikiNews	137
4.3.4 – WikiNotícias.....	140
4.3.5 – Indymedia	142
4.3.6 – Centro de Mídia Independente	144
4.4 – Comparativos.....	146
CONCLUSÃO.....	151
REFERÊNCIAS	160

Introdução

Uma iniciativa duplamente pioneira teve lugar, em 25 de setembro de 1690, na cidade americana de Boston. Trata-se do lançamento do jornal *Publick Occurences, Both Foreign and Domestick (sic)* pelo Sr. Benjamin Harris, relatado por Boczkowski no livro *Digitizing the News* (2004, p. 141). Este jornal, que viria a ser o primeiro publicado nos Estados Unidos, contava com uma interessante peculiaridade: das suas quatro páginas, uma era, propositadamente, deixada em branco, de modo que cada leitor pudesse acrescentar ali as suas notícias - ou o que bem entendesse - antes de passar o seu exemplar adiante a amigos ou familiares. Infelizmente para o Sr. Harris, a inventividade da proposta não impediu o banimento da publicação pelas autoridades devido à falta das licenças necessárias. Aquele seria o seu primeiro e único exemplar publicado.

O *Publick Occurences*, apesar da sua vida curta, já exemplificava o elemento central desta dissertação: a abertura para a participação do público na construção do conteúdo jornalístico. Este exemplo interessa-nos ainda por representar, já naquela época, uma concepção do noticiário como algo que não se restringe a ser o assunto das discussões e trocas de informações entre os membros do público, mas pode ser também, o **resultado** destas comunicações.

No caso do jornalismo de fonte aberta, objeto que estudaremos ao longo deste trabalho, esta participação dá-se através da incorporação da interatividade, possibilitada pelas tecnologias da Internet, como parte fundamental (e não apenas acessória) do processo produtivo. Neste modelo de jornalismo, as trocas comunicativas entre os membros do público não são nem paralelas, nem externas à produção jornalística, mas,

muito pelo contrário, são o dispositivo fundamental de certa forma de selecionar e garantir a qualidade do noticiário. Tema que nos levará a abordar questões relativas à liberdade de publicação e de acesso, assim como aos problemas e responsabilidades decorrentes desta liberdade.

A história do *Publick Occurences* impede esta pesquisa de promover qualquer visão evolucionista, ou filiada a alguma forma de determinismo tecnológico, das formas jornalísticas, que supusesse o fenômeno estudado como uma modificação trazida pelas novas tecnologias, de maneira a criar um “jornalismo do futuro”. Ao invés disto, esta dissertação analisará a re-proposição, no contexto das comunicações em meios digitais e interativos, de tendências que acompanham a história do jornalismo desde o seu início, e de processos e características sem as quais, a própria comunicação jornalística não poderia existiria.

O que mobiliza esta dissertação é a constatação de que, agora, no contexto do jornalismo *online*, têm surgido formas de produção colaborativa do noticiário, das quais o jornalismo de fonte aberta é o exemplo radical, que pretendem centralizar a produção da suas coberturas noticiosas nas contribuições do público. Resumindo, nesta forma de produção do noticiário, o público deixa de ser mero consumidor e passa a fazer parte, ativa e diretamente, do processo produtivo.

Se, por um lado, devemos evitar o determinismo tecnológico, por outro lado, devemos buscar compreender o que há de novo e de peculiar no jornalismo realizado na *Internet*. Cada novo meio de comunicação estabelece uma relação nova, em alguma medida, com o seu público, tornando algumas funções mais transparentes, e escondendo do receptor outras parte do processo. Este fenômeno, a *remediação* (BOLTER e GRUSIN, 2002), termina gerando o recorrente apelo ideológico a uma ilusória relação

imediate com a realidade, promovida por cada novo meio de comunicação e que acaba tornando-se, ou objeto de interesse social, ou objeto de promoção publicitária.

A questão que torna estas iniciativas relevantes no contexto atual é que, como nota Boczkowski (2004), apesar da existência de algumas formas de interação como as cartas para redação, colunas de opinião do leitor etc., a criação de conteúdo noticioso esteve, durante toda a história do jornalismo, centralizada nas organizações. Como regra geral, os seus usuários viram-se quase totalmente excluídos do poder de intervenção direta, e até mesmo de colaboração regular com esta produção.

Daí a importância de estudar-se o surgimento recente de formas colaborativas de produção do noticiário capazes de romper com esta centralização, a qual, acrescenta Thompson (1998), é estrutural na comunicação de massa, onde “a capacidade de intervenção ou de contribuição dos receptores é estritamente circunscrita” (THOMPSON, 1998, p.34)

No que se refere ao nosso objeto, radicalizando características da comunicação mediada por computadores como um todo, já não se pode nem mesmo considerar o público destes veículos simplesmente como receptores do processo comunicativo. Não se trata de considerar o público da mídia de massa passivo e indiferenciado, preconceito contra o qual nos advertem o próprio Thompson (1998, p 30), Martin-Barbero (2003, p. 290-291), na sua crítica à visão ideologicamente comprometida da mídia de massa, compartilhada por Giovandro Ferreira (2004, p.6), além de diversos outros autores.

Outro valor central da comunicação de massa que vem a entrar em choque com as formas de noticiário que estudaremos é a sua concepção de informação em geral, inclusive a jornalística, “consagrando o valor de intercâmbio da notícia” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 207), ou seja, tornando-a mercadoria e, portanto, dirigindo a sua

produção pelos moldes da indústria cultural. Como consequência desta industrialização, a mídia produz as suas mensagens tendo em vista o consumo por um público tão grande quanto possível, uma vez que esta é a única forma de pagar os investimentos feitos na criação da indústria de comunicação.

Não se ignora aqui a necessidade de segmentação de mercado e a busca por públicos específicos em nichos de interesse, que também fazem parte deste processo de formação de público e que exigem uma visão mais complexa do conceito de público de massa. De qualquer forma, persiste o imperativo de alcançar o maior número possível de receptores, com o mínimo custo de difusão, que inviabiliza a emissão para públicos muito pequenos e a cobertura de temas de interesse muito restrito.

No modo de produção pós-massivo (LEMOS, 2002) que nos interessa aqui, graças ao barateamento dos custos de emissão trazido com a internet, a notícia pode ser produzida pelos membros de uma comunidade, segundo os seus próprios interesses, valores e meios, reproduzindo a sua visão de mundo, não importando quão restrito este público seja. Desta forma, o veículo voltado para atender a esta comunidade de interesse pode torna-se, teoricamente, livre dos compromissos comerciais e econômicas da mídia tradicional.

Aspectos Metodológicos

Para além do que já foi mencionado sobre o jornalismo de fonte aberta, a definição propriamente dita do nosso objeto de estudo será construída no Capítulo 1, juntamente com as razões da escolha do nosso *corpus*. Sabemos já tratar-se de uma dentre várias formas de jornalismo participativo, ou seja, aquele jornalismo que depende da participação do público para realizar-se. Seria conveniente adiantar também que a diferença entre o nosso objeto e as outras formas de abertura à participação é que, no

caso que ora estudamos, existe uma metodologia peculiar para lidar com a multiplicação de emissores, revertendo o seu efeito dispersivo ao incluí-los do processo de seleção de informação relevante, correção de erros, em suma: de melhoramento da relação sinal/ruído da comunicação.

Diversas questões surgem deste fenômeno: A promessa de diversificação dos emissores graças às características da internet será cumprida pelos veículos aqui estudados? Ou estes serão utilizados por um pequeno grupo de usuários muito influentes que impõem aos outros as suas escolhas? Os grupos reunidos em torno destes *sites* irão produzir e veicular seus próprios discursos ou reproduzir, discutir e criticar a cobertura da mídia comercial? Em que condições este modelo se desenvolve melhor? Na mídia generalista, ou atendendo a pequenas comunidades locais ou nichos de interesse?

Com o intuito de esclarecer estas questões, podemos formular as seguintes hipóteses:

1 – Equipe de “*insiders*” + visitantes - Considerando o risco de que a cacofonia gerada por um grande grupo de emissores descaracterize o discurso do *site*, fazendo-o perder a identidade e, portanto, danificando a sua relação com o público em geral, o mais provável é que estes *sites* dependam de um pequeno grupo de usuários fiéis. Estes seriam, na prática, responsáveis por manter o noticiário, apenas utilizando secundariamente a participação do público, a qual ainda seria representativa, mas de efeitos superficiais.

2 – O papel central da edição - Também devido à concorrência entre sinal e ruído gerado pela abertura dos canais de emissão, espera-se que quanto mais estruturada e fechada for a edição realizada pelo veículo, maiores as suas chances de sucesso.

3 – Discursos periféricos – Melhor do que dedicar-se à veiculação de noticiário de caráter generalista, o modelo deve prestar-se melhor a veicular notícias sobre temas e grupos minoritários específicos, que não recebam suficiente atenção por parte da mídia de massa.

4 – *Gatewatching* X Conteúdo original. Pode-se esperar que parte do discurso destes *sites* seja voltada a alimentar o seu público com informação provinda de outros veículos, além de ser utilizado pelo grupo como espaço para criticar a cobertura comercial. Desta forma, a expressão de conteúdo original perderá algum espaço para a atividade de coleta, filtragem e crítica de informação publicada por outros veículos, ou seja, a função de *gatewatching*, (a observação das saídas do processo de produção de notícias, com o intuito de selecionar notícias importantes) que Axel Bruns (2005), contrapõe ao tradicional papel de *gatekeeping* do jornalismo comercial.

5 – A ampliação do campo jornalístico – A confirmação do papel do *gatewatching* prevista pela hipótese 4, indicaria que esta nova forma de produção noticiosa não substitui, mas, sim, acopla-se aos modelos tradicionais e a inserção representa uma ampliação do campo jornalístico tal como descrito por Sorrentino (2006).

A metodologia a ser utilizada para testar estas hipóteses filia-se à tradição da Análise de Conteúdo e constará do acompanhamento do noticiário dos *sites* *Indymedia*¹, *CMI*², *AgoraVox*³, *Slashdot*⁴, *Wikinews*⁵, e *Wikinotícias*⁶, durante o período de um mês. A escolha deste *corpus*, será justificada no item 1.4 do próximo capítulo, por ser

¹ <http://www.indymedia.org>

² <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/>

³ <http://www.agoravox.fr/>

⁴ <http://slashdot.org/>

⁵ http://en.wikinews.org/wiki/Main_Page

⁶ http://pt.wikinews.org/wiki/P%C3%A1gina_principal

dependente da construção de uma definição operacional realizada ao longo do Capítulo 1 e apresentada no item 1.3. O acompanhamento destes veículos visa registrar todos os emissores, temas, origem das informações e fontes utilizadas.

Estes dados serão analisados de modo a definir qual é a “distribuição de responsabilidades” pela produção do conteúdo, quer dizer: que parcelas do público produzem que quantidades de notícias e se existe um perfil de usuário responsável por fazer funcionar o *site*: o autor eventual, o habitual, ou uma combinação entre os dois tipos.

Estes dados servirão, ainda, para definir a concentração temática de cada *site* e sua função principal: produzir material original ou reflexão sobre a agenda noticiada pelas fontes escolhidas.

Além disto, faz-se necessária uma análise tanto das interfaces gráficas, quanto da estruturação das tarefas de edição, com o intuito de estabelecer as possibilidades técnicas e organizacionais para os papéis que o público e as equipes que mantêm os *sites* podem assumir no processo produtivo.

Mas antes desta pesquisa de interface e cobertura, um esforço teórico deve ser empreendido, principalmente, considerando-se ao surgimento relativamente recente do fenômeno, de modo a construir e formular uma definição do nosso objeto, caracterizá-lo, estabelecer o contexto do seu surgimento e discutir os pontos centrais da nova relação com o público por este ensejada.

Organização do Trabalho

A tarefa de construção da nossa definição será empreendida no Capítulo 1, através do resgate das primeiras discussões sobre o tema, surgidas no âmbito da reflexão sobre o jornalismo, desde o momento em que os profissionais da área tomam

consciência da sua existência, até a bibliografia mais recente, de forma a selecionar e estabelecer um fundamento conceitual que sirva de base a esta pesquisa.

No Capítulo 2, o esforço para conhecer o fenômeno continua através da descrição dos elementos do contexto sócio-técnico no qual o jornalismo de fonte aberta vem a surgir. O intuito é identificar as influências que mais contribuíram para caracterizá-lo, assim como identificar as representações e categorizações do objeto mais utilizadas pelos pensadores que se ocuparam da tarefa de compreendê-lo.

Uma vez delineado, em figura e fundo, nosso objeto de estudo no seu contexto, o Capítulo 3 focalizará o ponto central do problema: a compreensão das modificações na relação entre público e mídia jornalística, no contexto da comunicação mediada por computadores e no caso específico do modelo de fonte aberta. Neste capítulo, buscaremos compreender o papel da participação do público, seus limites e possibilidades para a produção jornalística.

O quarto e último capítulo apresentará a interface gráfica, interatividade e a organização da produção dos casos estudados, para, em seguida, apresentar os resultados do acompanhamento das suas coberturas, realizado durante o período entre 4 de novembro e 4 de dezembro de 2006. A partir destes dados buscaremos caracterizar: quem escreve para estes *sites*; com que frequência; sobre quais temas, e a partir de que fontes, de forma a compreender o que caracteriza e quem sustenta o funcionamento destes veículos.

Após tudo isto, espera-se que tenhamos condições de traçar algumas conclusões.

1 - Jornalismo de Fonte Aberta: Construindo a definição.

Este capítulo tem como objetivo apresentar o objeto de estudos desta dissertação. Para tal, faz-se necessário, em primeiro lugar, estabelecer a definição de jornalismo de fonte aberta a ser utilizada, assim como apresentar, à luz da bibliografia, o conjunto de características que diferenciam esta prática de outras a ela relacionadas, a exemplo do jornalismo participativo ou do jornalismo cívico.

Com o intuito de construir uma caracterização que englobe os aspectos mais importantes do fenômeno, partiremos de uma definição geral, e aprofundaremos o estudo traçando o histórico do processo. Ao mesmo tempo, analisaremos as primeiras aproximações teóricas do objeto em questão, inclusive as discrepâncias que surgem a partir dos desdobramentos da investigação quanto à melhor forma de defini-lo e caracterizá-lo. Findo este percurso, estaremos em condições de definir o *corpus* da investigação composto pelos casos mais significativos.

Os veículos que nos interessam aqui se caracterizam por utilizar a internet como meio de expressão e como plataforma para as ferramentas e procedimentos que permitem aos seus usuários o envio de matérias, com as quais é construído o noticiário; assim como a discussão destas matérias no próprio *site*; possibilitando inclusive que o público critique-as ou corrija-as. Estas ferramentas abrangem desde dispositivos automáticos de publicação aberta, que garantem a expressão livre de interferências e de censura prévia, até ferramentas para a escrita colaborativa. A escolha dos casos será orientada tanto pela adequação à caracterização adotada, quanto pelo contraste entre as estratégias de cada um no que se refere à abertura para a participação e às formas de normatizá-la.

1.1 - Definição Inicial

A definição da qual parte este trabalho é aquela proposta por Luís Carlos Nogueira (2002), em artigo a respeito do *site Slashdot*⁷. Para este autor, o que singulariza aquilo que chama de *Open source Journalism*⁸ é a “coincidência do leitor com o jornalista” na construção do noticiário, ou por outras palavras: “Quem escreve é quem lê, quem lê é quem escreve”. A questão que se impõe é qual a razão de ser do jornalista num modelo caracterizado pela coincidência de papéis entre este e o público. Para que o público ainda precisaria de jornalistas?

Também para Madariaga (2004) está aí o ponto fundamental, mas o autor soma a isto à colaboração entre os usuários que dá a tais iniciativas uma característica de veículos de “contra-informação” e de meios de construção coletiva da representação da realidade. Trata-se, portanto, de uma apropriação do discurso noticioso por parte do leitor.

Apesar de muito ampla, a definição de jornalismo de fonte aberta como aquela forma de jornalismo em que o papel de relator dos fatos sociais foi apropriado pelo público, é compartilhada por todos os *sites* avaliados, sendo expressa, por exemplo, por lemas como os da rede de mídia ativista *Indymedia*⁹: “Todos são testemunhas, todos são jornalistas”¹⁰ (HOLANDA, 2004), ou ainda, da mesma rede, “Não odeie a mídia, seja a mídia”¹¹, pelo *site* coreano *OhMyNews*¹²: “Todo cidadão é um repórter”¹³, ou a

⁷ <http://slashdot.net>

⁸ Literalmente Jornalismo de Fonte Aberta. O sentido desta definição será discutido adiante.

⁹ <http://www.indymedia.org>

¹⁰ “Everyone is a witness, everyone is a journalist”.

¹¹ “Don’t hate the media, be the media”.

¹² <http://english.ohmynews.com/>

¹³ “Every citizen is a reporter”.

adaptação atenuada do site francês *AgoraVox*¹⁴ “todo cidadão é um captador de informação, que pode se tornar potencialmente um repórter¹⁵”

O tema oferece algumas dificuldades iniciais à pesquisa por se relacionar a públicos restritos e dispersos geograficamente. Além disto, não se trata de um fenômeno de comunicação de massa¹⁶ e seus efeitos são ainda limitados. Mas a principal dificuldade é responder à pergunta: Trata-se efetivamente de jornalismo?

Não há dúvida quanto à pertinência da questão, no entanto, a definição do que é o jornalismo e de quem está capacitado a realizá-lo, longe de ser ponto pacífico, é tema de discussões permanentes no âmbito dos estudos da área. O tema do jornalismo de fonte aberta é interessante justamente por se colocar no cerne deste problema, e vale notar que apesar de que a sua influência seja bastante limitada, seu modelo de produção noticiosa já provoca resultados e polêmicas no mundo do jornalismo, questionando nada menos que o próprio papel social dos profissionais da área. Por este motivo faz-se necessário, antes de entrar mais a fundo no nosso tema, situá-lo no contexto em que se encontra o jornalismo nos nossos dias.

Este questionamento da condição de exclusividade do profissional de jornalismo na tarefa de noticiar a realidade não é um fenômeno isolado nem tampouco recente, mas uma preocupação tradicional e recorrente na academia¹⁷. A partir do surgimento da internet, a junção deste tema recorrente ao contexto do jornalismo *online* tem oferecido dificuldades tanto para profissionais, quanto para acadêmicos (BRAMBILLA, 2005a, DEUZE, 2005; ZELIZER, 2004; HALL, 2005; FAKAZIS, 2006 e ROBINSON, 2006).

¹⁴ <http://www.agoravox.fr>

¹⁵ “*tout citoyen est un ‘capteur d’information’ qui peut devenir potentiellement un ‘reporter’*”.

¹⁶ Para uma discussão sobre a Internet e massividade veja-se Palacios, 2003b.

¹⁷ Para uma síntese particularmente importante e próxima ao âmbito dos estudos do jornalismo na academia brasileira, vide os dois volumes de Traquina (2005a e 2005b).

De acordo com Matheson (2004, p. 456), a insatisfação do público quanto ao seu papel na relação com o jornalismo tem preocupado diversos profissionais como Andrew Nibley, ex-presidente da *Reuters*, Alan Rusbridger, editor do *The Guardian* e o correspondente político do *Washington Post*, David Broder que chega a afirmar que:

Idealmente, o jornal deveria incluir uma advertência em cada edição dizendo: É o melhor que pudemos fazer nas circunstâncias [presentes] e nós voltamos amanhã com uma versão corrigida e atualizada (apud MATHESON, 2004)¹⁸.

Precisamente a transparência do jornalismo de fonte aberta quanto à natureza parcial e inacabada do noticiário, que neste modelo é dependente da interação com o público através de comentários ou do contraste entre perspectivas diversas, é o que motiva as iniciativas que serão estudadas a seguir, como demonstra o trabalho de diversos autores (INDYMEDIA, 2004a), (LEONARD, 1999), (MOURA, 2002), (CASTILHO, 2004), (AMORIM e VICÁRIA, 2006) etc. Trata-se de conceber a construção da notícia como um processo de aprimoramento interativo, segundo os métodos do desenvolvimento de *software* de código aberto e de desenvolvimento da comunicação em redes de computadores, como estudaremos em maior detalhe no capítulo 2.

Neste contexto, descrito por Matheson (2004, p. 444) como o embate entre jornalismo institucional versus redes informais de notícias, questiona-se a adequação dos conceitos e valores do jornalismo tradicional.

Derivada da industrialização e da intensa urbanização do século dezenove (MACHADO, 2000, p. 90), comprometida com a massificação tanto da produção,

¹⁸ “Ideally the newspaper should include a warning in each edition that: ‘It’s the best we could do in the circumstances and we’ll be back tomorrow with a corrected and updated version’”.

quanto do consumo e tendo seu produto final e a sua razão de ser: a notícia, reduzida à mera *commodity* (HALL, 2005), a profissão jornalística deve à industrialização, seus métodos, padrões, e valores fundamentais, inclusive o anonimato do jornalista e o apagamento da sua subjetividade, em nome da objetividade e da padronização do relato.

Estes valores são utilizados frequentemente como fundamento das críticas a estas “redes informais de notícias” de que fala Matheson, tanto nas discussões do jornalismo de fonte aberta, quanto nas discussões recentes sobre os *blogs* de jornalistas (ROBINSON, 2006, p. 13). Exemplo disto é a disputa entre as percepções do jornalismo que valorizam a subjetividade ou a objetividade, que tem, há algum tempo, chamado a atenção de profissionais e estudiosos e, até mesmo, gerado conflitos nos tribunais (FAKAZIS, 2006).

Também as disputas a respeito da profissionalização da área têm sido revisitadas nesta perspectiva de crítica dos valores clássicos do jornalismo, levando, Ian Hargreaves, antigo editor do *The Independent*, a afirmar que não se precisa de qualificação para trabalhar na área porque “numa democracia todos são jornalistas” (ZELIZER, 2004, p. 7), argumento análogo aos utilizados por veículos como *OhMyNews*, *AgoraVox* e *Indymedia*.

No Brasil, inclusive, disputa-se na justiça em torno da obrigatoriedade ou não do diploma jornalístico. Disputa que implica a dúvida sobre a existência, ou não, de uma série de competências ou conhecimentos específicos requeridos para o exercício da profissão, bem como sobre a forma de aquisição de tais conhecimentos. A definição de jornalismo e, principalmente, das competências necessárias ao seu exercício são questões controversas em toda parte, como sugere Fakazis (2006):

O jornalismo não é uma entidade unificada e estática, com limites fixos. Ao invés disto, como a ciência de Gieryn, é um campo

composto por diversos ‘jornalismos’ com fronteiras continuamente defendidas e desafiadas em competições específicas por credibilidade, nas quais a autoridade para definir o que é jornalismo e o que jornalistas fazem está em disputa¹⁹.

Apesar da importância de todos estes questionamentos, adotamos o pressuposto que, como quer que se defina o que é, e quem tem condições de fazer o jornalismo, este exercício exige forçosamente um compromisso com a credibilidade do relato e com a relevância dos fatos, sem os quais, deixa de atender às necessidades do seu público. Tendo isto em mente, para que possam legitimar sua atuação como prática jornalística, os veículos de fonte aberta devem se caracterizar por possuir estratégias de filtragem e atribuição de qualidade aos relatos, além de estratégias de atribuição de credibilidade e reputação aos emissores.

No entanto, é preciso levar em consideração que a última palavra quanto ao sucesso dos veículos na aplicação destes valores e estratégias pertence às comunidades para os quais aqueles estão voltados, e que, portanto, esperam deles uma adequação à sua visão compartilhada de mundo. A princípio, não existe razão para recusar a reivindicação desta forma específica de jornalismo. Faz-se necessário, apenas, investigar o seu funcionamento e a sua inserção no campo jornalístico.

Para compreender este enquadramento do jornalismo de fonte aberta no campo do jornalístico, adotaremos a perspectiva apresentada por Carlo Sorrentino de que estaríamos vivendo um momento de ampliação deste campo sob a influência das novas tecnologias e da mídia interativa (SORRENTINO, 2006). Esta perspectiva torna possível conceber o nosso objeto como parte do jornalismo mesmo que, em alguma

¹⁹ ‘journalism’ is not a unified, static entity with fixed borders. Instead, like Gieryn’s science, it is a field composed of several ‘journalisms’ with boundaries and borders that are continually defended or challenged within specific credibility contests, in which the authority to define what journalism is and what journalists do is at stake.

medida, venha a representar uma força contrária à ortodoxia ou à autonomia que asseguram a integridade do seu campo.

Por fim, com o intuito de operacionalizar esta pesquisa, analisaremos a proposta de re-distribuição de papéis entre público e jornalistas que o modelo de fonte aberta representa como uma proposta válida de re-proposição do fazer e dos valores jornalísticos adequados às condições técnicas e sociais em que vivemos. Não se trata aqui de aceitá-la *a priori*, mas sim, de considerá-la plausível como ponto de partida da investigação.

1.2 - História e Repercussões

Uma vez estabelecida uma definição geral que torna explícita a característica mais importante e mais problemática do nosso objeto de estudo e tendo defendido a reivindicação de validade desta proposta no sentido de uma possível ampliação do campo jornalístico, podemos passar a aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno. Este aprofundamento será realizado através de um percurso histórico que estabeleça marcos de referência e inclua os posicionamentos críticos que buscaram, ao longo do tempo, dar sentido a esta classe de fenômenos. Neste ínterim, serão analisadas as diversas perspectivas aplicadas sobre os veículos de fonte aberta por estudiosos e jornalistas, de forma a avaliar a validade e refinar a nossa definição do objeto.

Nem todos os veículos visitados e discutidos nesta reconstituição histórica farão parte do nosso *corpus*. O intuito é construir uma definição completa e estabelecer uma caracterização do fenômeno que oriente a seleção, dentre os exemplos disponíveis, de um *corpus* significativo das diversas estratégias de abertura à participação.

1.2.1 “Open source meets open source”²⁰

A frase de Robert Miller (1999) ilustra bem o evento que dá início ao jornalismo de fonte aberta. A repercussão na mídia tradicional e as discussões sobre a influência desta forma de noticiário começam segundo Miller (1999), Cringley (1999), Leonard (1999), Moon (1999) e Madariaga (2004), na primeira semana de outubro de 1999. Então, Johan Ingles-le Nobel, editor da revista impressa *Jane's Intelligence Review*, que trata de inteligência militar, segurança nacional e geopolítica, envia para o *Slashdot*, o rascunho de um artigo sobre ciber-terrorismo, solicitando que os usuários do *site* comentassem o texto que seria publicado na revista.

A idéia de Nobel aplicava o conceito de inteligência de fonte aberta, ou seja, o uso de “*non-classified sources*” (MILLER, 1999) que traduzimos por “fontes publicamente acessíveis”²¹. Além disto, incorporava a abertura à crítica e às correções, em uma organização de trabalho colaborativo que são características do movimento do *open source software* e que já estavam presentes no *Slashdot* desde o seu surgimento, com o nome de “*Chips & Dips*” em 1997, por iniciativa do estudante Rob Malda, utilizando, como era de se esperar, *open source software*.

“*Open source*” é traduzido ora como código aberto, ora como fonte aberta. A expressão se refere ao código fonte de um programa de computador, ou seja, o programa antes de ser compilado, quando se torna código binário, executável. O código fonte pode, portanto, ser alterado de modo a produzir diferentes versões do *software*. Esta possibilidade de apropriação por parte de quem realiza correções no código é fundamental para o movimento também chamado de *Software Livre*.

²⁰ O autor quer dizer que o movimento do *software* de fonte aberta encontra a inteligência de fonte aberta.

²¹ Segundo o dicionário Oxford, a palavra *Classified* aplicada a informações designa um segredo oficial, cujo acesso é restrito a pessoas autorizadas.

Como afirma o próprio Johan Ingles-le Nobel, em correspondência publicada por Robert Miller (1999) no *Slashdot* a sete de outubro daquele ano, o tema do artigo exigia conhecimentos muito especializados e levantava questões que apenas técnicos qualificados poderiam responder de maneira apropriada. Desta forma, pareceu-lhe que a melhor maneira de encontrar as informações que a revista desejava pareceu ser buscar *online* o conhecimento de especialistas no assunto. Acontece que, como segue dizendo Nobel, encontrar boa informação na internet não é tão fácil quanto deveria ser e, por esta razão, a equipe da *Jane's* recorreu ao *Slashdot*, reconhecido por atender a um público composto, em grande parte, por especialistas da área de tecnologia.

O editor se declara encantado por ter adotado tal encaminhamento, recebendo mais de 250 comentários e 35 mensagens de correio eletrônico enviados por desde psicólogos até engenheiros de *software*, além de cartas de agradecimento enviadas por especialistas em segurança de dados motivadas pelo fato de ter decidido experimentar esta abordagem.

Uma vez que a grande maioria dos especialistas criticou severamente a matéria proposta, o editor decidiu informar o jornalista responsável que o artigo seria descartado e que um novo seria produzido a partir das críticas e correções recebidas. Além disto, Nobel garantiu aos seus novos colaboradores uma compensação financeira, segundo os valores tradicionalmente pagos pela revista, a todos os que tiveram suas contribuições incorporadas, assim como acesso livre ao artigo após a publicação no *site* da revista.

A primeira reação à iniciativa foi publicada no mesmo dia do anuncio de Nobel, por Robert Cringley (1999) no seu *The Pulpit*. O autor considerou a estratégia um fracasso. Para ele o *Slashdot* fora utilizado como campo de provas por Nobel: “a única maneira de escrever notícias é escrever notícias. Você faz o melhor que pode e aquece as conseqüências, porque censura dos ‘nerderati’ ainda é censura. É por isso que jornais

fazem erratas²²” (CRINGLEY, 1999). Concorda com ele Rich Jaroslovsky, editor do *Wall Street Journal Interactive Edition* e presidente do *Online News Association*:

Se você não tem dúvidas sobre o mérito de um artigo, publique-o e o defenda. Se você tem dúvidas a respeito, não publique – nem mesmo no *site* de outra pessoa – até que suas dúvidas sejam satisfeitas... A Internet tem mudado muitas coisas a respeito do jornalismo, mas eu não creio que tenha mudado isto²³ (MOON, 1999).

Já Andrew Leonard, no dia seguinte, publicava na revista *Salon*: “Censura da nerdocracia ou um gigantesco passo adiante para o jornalismo colaborativo on-line? Ou ambos? ²⁴” (LEONARD, 1999) Apontando as duas posições em questão: por um lado, a idéia de que “nerds” ou “geeks” haveriam adquirido uma maneira de silenciar o jornalismo e que a iniciativa de Nobel fora uma amostra de “comportamento jornalístico pusilânime”, por outro, a constatação de que abordagem do *software* de código aberto pode ser aplicada ao noticiário e que o *Slashdot* seria “o porta-estandarte de um novo tipo de jornalismo ²⁵”. Para o autor, *sites* como este têm o papel de facilitar o acesso ao conhecimento em benefício de todos, “Os leitores do *Slashdot* estão agora moldando ativamente a cobertura dos tópicos próximos e queridos dos seus pequenos corações de *geeks*. Eles estão ajudando jornalistas a averiguar a estória o que é muito diferente de exercer censura²⁶”. Apesar disto questiona:

O jornalismo resultará melhor se mais repórteres e editores testarem previamente seu trabalho? Difícil dizer – no mundo louco graças aos

²² “the only way to write the news is to write the news. You have to do it the best you can then take the heat, because censorship of the nerderati is still censorship. That's why newspapers make corrections”.

²³ “If you don't have doubts about the merits of an article, publish it and stand behind it. If you do have doubts about it, don't publish it – even on someone else's site – until your doubts are satisfied... The net has changed many things about journalism, but I don't think it changed that”.

²⁴ “Censorship of the nerdocracy or a giant leap forward for collaborative online journalism? Or both?”

²⁵ “a flagbearer for a new kind of journalism”

²⁶ “Slashdot readers are now actively shaping media coverage of the topics near and dear to their geeky little hearts. They are helping journalists get the story /right/ [sic] wich is a far cry from exerting censorship”.

*prazos de fechamento do jornalismo especializado em tecnologia, frequentemente quase não há tempo para ter a estória editada e revisada da maneira apropriada, imagine revisada por centenas de críticos irritados*²⁷.

No dia 14 do mesmo mês surge, no *Media Studies Center*, artigo de Jin Moon (MOON, 1999) relatando o desenrolar desta polêmica, inclusive a resposta de Nobel: “Censura é uma palavra extremamente exagerada para descrever o processo que cada coletor de informações com respeito próprio deveria conduzir, nomeadamente: checar e re-checar seus fatos com pessoas que conhecem o assunto em questão e incorporar suas contribuições²⁸”. Robin Miller, editor do *Slashdot* vai além: “Cada um dos artigos enviado a um periódico acadêmico é sujeito à revisão de especialistas antes da publicação, o jornalismo tradicional exime-se deste rigor²⁹”. Por outro lado, para Rich Jaroslovsky, publicar o artigo no *Slashdot* equivale a publicá-lo no *site* para o qual se trabalha e afirma: “normalmente, jornalistas tentam checar seus fatos e hipóteses antes da publicação e disseminação das notícias³⁰” (MOON, 1999). Para o autor, não há justificativa para que um profissional publique um artigo (mesmo no *Slashdot*) se ele não acredita que a matéria está pronta.

Todas as análises citadas ativeram-se a uma perspectiva que parece adaptar a acepção de *open source* adotada pela área de inteligência ao jornalismo, segundo a qual um jornalista profissional submete o seu trabalho à revisão de uma fonte coletiva e aberta, no caso composta por especialistas (CRINGLEY, 1999), (MOON, 1999).

²⁷ “Will better journalism ensue if more reporters and editor beta test their own work? Hard to say – in the deadline-crazed world of technology journalism, there’s often hardly enough time to get a story properly copy edited and proofed, let alone reviewed by hundreds of frothing critics”.

²⁸ “Censorship is an extremely emotive word to describe a process that every self-respecting information-gatherer should conduct: namely check and double-check your facts with people that know the issue at hand and incorporate their inputs”.

²⁹ “Every single article put in a scholarly journal is subject to expert pre-publication review, traditional journalism exempts itself from this rigor”.

³⁰ “normally, journalists try to check their facts and hypotheses prior to publication or dissemination of their news”.

À exceção de Miller (1999), que faz parte do público do *Slashdot*, nenhum destes autores preocupou-se com a noção de *open source* derivada do *Software Livre*, nem com a perspectiva - ou ameaça - de apropriação da função jornalística por parte do público neste modelo de produção, uma vez aplicado ao noticiário.

A aceção de fonte aberta que é utilizada pela comunidade promotora deste modelo de produção, da qual o público do *Slashdot* é um dos segmentos, implica, na verdade, atitude muito mais radical: a construção coletiva e autônoma de conhecimento, incorporando a crítica permanente, a manutenção da diversidade de abordagens e uma nova noção de autoria, ideais que veremos em detalhe mais adiante.

A adoção por parte da mídia tradicional de uma atitude tão radical seria surpreendente, uma vez que poria em risco o estatuto dos profissionais na construção e comunicação dos fatos sociais, como afirma Madariaga “No caso do jornalismo, seus porta-vozes já não podem reclamar a exclusividade do seu papel com base na autoria³¹” (MADARIAGA, 2004).

Rejeitando os valores jornalísticos tradicionais, os responsáveis por esta nova forma de noticiário questionam o papel do jornalista, como faz Rob Malda, um dos editores e fundadores do *Slashdot*, em entrevista a Glave (1999), “De diversas formas, os jornalistas decidiram que jornalismo é aquilo que jornalistas fazem³²”.

No caso do *Slashdot*, qualquer usuário pode enviar artigos, inclusive preservando o anonimato. No entanto, o simples envio não garante a sua publicação, os artigos são filtrados pelos moderadores e só aqueles que despertem interesse e estejam de acordo com as diretrizes do *site* serão publicados. Toda a relação com o *site* pode ser

³¹ “En el caso del periodismo, sus portavoces ya no pueden reclamar la exclusividad de su papel con el argumento de su autoria”.

³² “In a lot of ways, journalists have decided that journalism is something journalists do”.

virtual, sendo que a participação responsável é premiada com o estatuto de moderador como explica Catarina Moura (2002).

Os moderadores são escolhidos pelo sistema entre os utilizadores mais assíduos e com uma contribuição mais positiva. A sua função é atribuir uma pontuação aos comentários submetidos. Os comentários mais pontuados são, conseqüentemente, os mais lidos. O estatuto de moderador é temporário, de modo a salvaguardar a pluralidade de idéias que caracteriza o */site/*. Por outro lado, e para prevenir eventuais abusos, não lhe é permitido submeter comentários nas discussões que está a moderar (MOURA, 2002).

O sucesso do *site* levou à sua venda para a empresa *OSTG*³³, que por sua vez foi incorporada à japonesa *VA Linux*³⁴, decisão que, segundo Catarina Moura (2002), visava o seu alojamento em servidores mais potentes, capazes de atender as necessidades de um *site* que servia 30 milhões de páginas por mês. Este fato exige atenção, uma vez que, como ressalta Baoill (2000), apesar das garantias de liberdade editorial concedidas por Malda, os mantenedores do *site* são agora funcionários de uma corporação com interesse comercial na promoção do mercado de *software* de código aberto.

Como bem se pode notar, esta é uma situação tão complicada, do ponto de vista ético, quanto à tensão presente em qualquer veículo comercial, entre os compromissos do jornal para com o público e para com os anunciantes, criticada com tanta frequência pelos veículos alternativos.

³³ <http://www.andover.net>

³⁴ <http://www.valinux.co.jp/en/>

Aproveitando e expandindo a experiência do *Slashdot*, o programador de computadores Rusty Foster criou o *Kuro5hin*³⁵ em dezembro de 1999. Apenas no primeiro ano de atividades, o *site* havia recebido 1953 artigos, das quais 1304 foram publicadas, 892 na primeira página. O número de usuários registrados durante o ano foi 10075, os comentários somavam 58942 entradas. Foram mais de sete milhões de páginas visitadas entre fevereiro e dezembro de 2000.

As diferenças deste veículo em relação ao seu predecessor estão, em primeiro lugar, no foco sobre a discussão ao invés das notícias, e segundo, no processo de edição: antes de ser publicado, cada artigo enviado é submetido a crítica dos outros colaboradores, sendo discutido, avaliado e editado.

Esta moderação baseia-se em duas “filas”, a de edição, onde os autores recebem críticas e sugestões por parte dos usuários registrados e a eletiva, onde estes usuários votam pela recusa ou publicação do artigo, que pode ocorrer na primeira página, ou nas páginas das diferentes seções do *site*. Na seção “*Diaries*”, o público pode publicar seus artigos, sem submetê-los a moderação.

A história destes primeiros modelos nos mostra algumas características destes veículos que merecem análise. Em primeiro lugar, o evento que dá início à análise do fenômeno por parte de acadêmicos e profissionais, quando o editor da *Jane's Intelligence Review* recorre ao *Slashdot* para aprimorar uma reportagem sobre ciberterrorismo, torna evidente que existem possibilidades de articulação entre profissionais e veículos de fonte aberta. Desta forma, não há razão para crer que se trate de um processo de substituição do jornalismo profissional por este novo modelo.

³⁵ <http://www.kuro5hin.org>. Quanto ao nome do *site*, seu fundador Rusty (que não fala japonês) esperava que a junção das palavras *kuro* e *shin* significasse ferrugem (*rust* em inglês). Na verdade, esta palavra composta não existe naquele idioma.

Além disto, este evento lembra que o recurso à fonte aberta (no sentido de fontes públicas e não institucionais), não é estranho a prática jornalística, o que este exemplo sugere é que passa a existir uma organização das fontes em torno de métodos e ferramentas de produção e publicação da informação. Esta posse por parte das fontes dos meios para veicular as suas mensagens, por si mesmas, é um dos fatores de transformação do campo jornalístico analisados por Sorrentino (2006).

Outro fator fundamental é a importância dos mecanismos de seleção, correção e refinamento das mensagens utilizados nestes *sites* e que estão intimamente ligados à atribuição de credibilidade a cada emissor. Antes de qualquer coisa, é este compromisso com a qualidade das emissões que colocamos como condição para considerar jornalismo a atuação destes veículos.

A associação destas características, longe de por em risco o fazer jornalístico, pode constituir-se em auxílio valioso em um período marcado pela superabundância de mensagens.

Os exemplos do *Slashdot* e *Kuro5hin* mostram ainda que o jornalismo de fonte aberta surge da confluência entre processos do desenvolvimento do próprio jornalismo, (recusando a dependência em relação às fontes “restritas”, oficiais) e os métodos de correção e refinamento da produção do *software open source*, baseados na transparência do processo de produção e distribuição livre da informação.

Nesta perspectiva, associar esta forma de noticiário diretamente e unicamente ao mundo do *software* deixa de fazer sentido. Por outro lado, vale chamar a atenção para o encontro com esta vertente tecnológica, uma vez que, no desenvolvimento de *software* livre, a reputação e a credibilidade da fonte advêm diretamente do valor das suas

contribuições assim como o valor da informação mesma, da seleção, eventuais correções e da aprovação do público.

1.2.2 As fontes se apropriam do meio.

Ainda no ano de 1999 surge o *Independent Media Center*, em Seattle, visando reunir relatos sobre o primeiro grande protesto anti-globalização que fora realizado naquela cidade. O objetivo deste centro era oferecer local e meios necessários para que “jornalistas independentes, *videomakers* e profissionais de rádio locais” (INDYMEDIA, 2004a, p. 116) pudessem produzir a cobertura jornalística do encontro daquele ano da Organização Mundial do Comércio além, é claro, das manifestações que já eram esperadas. Com o acirramento dos protestos e da sua repressão por parte da polícia, os próprios manifestantes encontraram as portas do IMC Seattle abertas para disseminar eles mesmos seus relatos.

De acordo com os responsáveis, o *site* da rede global³⁶ “registrou mais de 2 milhões de visitas e foi apresentado no *America Online*, *yahoo*, *CNN* e *BBC online*³⁷”.

Desde então, os Centros de Mídia Independente têm se espalhado pelo mundo, oferecendo a qualquer voluntário a possibilidade de divulgar suas notícias e comentários, possuindo ou não, o relator, conhecimentos em mídia e jornalismo. Enquanto, em 2002, havia 89 centros locais, já, em março de 2007, a página principal www.indymedia.org contava 168 *sites* locais, dos quais 61 se concentram nos Estados Unidos, 48 na Europa e 12 no Canadá. Os centros locais formam a rede global da qual o *site indimedia.org* passou a ser o veículo divulgador.

³⁶ <http://www.indymedia.org/en/static/about.shtml>

³⁷ “logged more than 2 million hits, and was featured on America Online, Yahoo, CNN, and BBC Online”.

Atesta a proporção do sucesso desta iniciativa, a marca de dois milhões de acessos que o *IMC-Seattle*³⁸ recebera durante a sua estréia (ANTOUN, 2004), e a recorrência destes picos de audiência durante os protestos políticos mais importantes cobertos pela rede, principalmente as manifestações anti-globalização, além de cem mil visitas diárias - numa estimativa difícil e desatualizada feita pelos próprios ativistas (INDYMEDIA, 2004a).

Principalmente depois dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, os *sites* tiveram um papel diferente daquele pelo qual eram conhecidos até então, (o acompanhamento dos movimentos anti-globalização), assumindo uma cobertura mais ampla da realidade, sem perder a sua vinculação com o ativismo em geral.

Os *sites* que utilizam este modelo possuem duas colunas distintas para a apresentação dos artigos, a coluna central que é o noticiário propriamente dito e que é controlada pelo coletivo editorial responsável pelo *site*, e a coluna da direita, onde se misturam notícias, opiniões, reclamações e textos diversos, que aparecem em ordem cronológica inversa, como em um *blog*.

Na “coluna da direita”, a publicação do conteúdo é automática, no entanto, na “coluna central”, dedicada ao noticiário propriamente dito, só se publica aquilo que for produzido ou selecionado por um coletivo editorial formado por voluntários, que não são necessariamente jornalistas.

O *Indymedia* aposta no engajamento dos usuários nos coletivos locais, que dão suporte à rede de *sites*, como condição do exercício do papel de editores. Uma vez participando da rede de coletivos, é possível assumir qualquer das funções editoriais, financeiras, ou de manutenção.

³⁸ <http://seattle.indymedia.org/>

Existe o risco de que a matéria seja enviada para fora da primeira página, para a seção de “artigos escondidos”, espaço destinado aos textos do público que são considerados pelo coletivo editorial como inadequados à política editorial do *site*, apesar do nome da página, estas mensagens ainda permanecem acessíveis aos usuários. Além do envio para a página de artigos escondidos, existe a possibilidade de eliminação pura e simples das matérias enviadas, informação contradiz o discurso dos militantes e que não é passada para os visitantes do *site* (HOLANDA, 2004).

Diversos problemas têm surgido da abertura oferecida pela “coluna da direita”. Os centros têm sido ameaçados, frequentemente, por forças de segurança em diversos países, além de enfrentar diversas críticas quanto a determinadas posições ali expressas. A análise destas crises nos será de grande auxílio na compreensão de importantes problemas relacionados à publicação aberta, como a anonimato e a ausência de censura prévia na coluna da direita, ainda que, como demonstrado em estudo anterior (HOLANDA, 2004, p. 29), o coletivo editorial tenha os meios para eliminar completamente aquele artigo que julgue perigoso ou inoportuno.

No dia 25 de novembro de 2002, as páginas da rede receberam a confissão enviada por Andrew Mickel, do assassinato do policial David Mobílio, realizado seis dias antes. Vinha acompanhada pelas justificativas do autor: o crime seria um protesto contra a política americana de segurança pública. O criminoso divulgou ainda a sua tática para escapar da justiça; ele havia agido em nome de uma corporação a *Proud and Insolent Youth*³⁹, criada por ele mesmo, uma vez que pessoas jurídicas não podem ser processadas por assassinatos. Preso no dia seguinte à confissão, representou a si mesmo no tribunal em 2005 (BOOTH, 2005).

³⁹ Juventude orgulhosa e insolente – retirada da história de Peter Pan.

Entre maio 2003 e outubro de 2004, o hábito de certos membros da rede ativista de chamar os israelenses de “Zionazis” levou o agregador *Google News*, após diversas reclamações, a excluir de suas fontes os centros do *Indymedia*. Após polêmica com a Google, ficou decidido que a política editorial retiraria da primeira página aqueles termos que a comunidade do *Indymedia* considerasse ofensivos.

Em sete de outubro de 2004, o FBI apreendeu dois dos servidores ingleses, a pedido de autoridades Italianas e Suíças. As razões da apreensão não são oficialmente conhecidas. Daniel Zapelli, procurador do cantão de Genebra, confirmou a existência de investigação sobre o *Indymedia* e o jornal italiano *Il Manifesto* afirmou que Marc Olderlin, advogado de dois policiais que haviam sido flagrados enquanto trabalhavam disfarçados em manifestações, admitiu a realização de contatos com o FBI, embora negue ter pedido a apreensão. Já Marina Plazzi, procuradora federal da Bolonha, confirmou abertura de investigação por suspeita de apoio ao terrorismo (LEYDEN, 2004), (WIKIPEDIA, 2006), (INDYMEDIA, 2004b), (SYDNEY MOURNING HERALD, 2004), (EFF, 2005).

Na Itália, desde novembro de 2003, o partido “pós-facista” e membro da base de apoio do governo Berlusconi, *Alleanza Nazionale* (AN), que conta com a participação de Alessandra Mussolini, neta de Benito Mussolini, havia exigido o fechamento do *Indymedia* com a mesma acusação. A AN anunciou cooperação com as autoridades americanas e o porta-voz Mario Landolfi declarou bem-vinda a apreensão dos servidores realizada pelo FBI (WIKIPEDIA, 2006), (INDYMEDIA, 2004b).

Este percurso mostra que, apesar do radicalismo da proposta, a história do *Indymedia* revela que a primeira destinação do *IMC-Seattle* foi servir a jornalistas (INDYMEDIA, 2004a, p. 116), sendo a seguir tomado pelos manifestantes. Esta

apropriação não elimina a possibilidade de complementaridade entre jornalismo tradicional e fonte aberta.

Como a história das manifestações anti-globalização tem mostrado, o *Indymedia*, além de cumprir sua função informativa para com o seu público, converteu-se em fonte aberta e coletiva, oferecendo e selecionando testemunhos e informação de primeira-mão em geral para o trabalho dos jornalistas profissionais. Fenômeno que se estendeu nos anos seguintes para o recurso por parte dos meios tradicionais ao cidadão comum equipado com telefones celulares, câmeras digitais e aos *Blogs*, como será analisado no segundo capítulo.

1.2.3 O modelo híbrido OhMyNews

Também no ano de 1999, surgia na Coreia do Sul, graças à iniciativa de Oh Yeon Ho, o *OhMyNews*. Na redação deste veículo, um grupo de jornalistas profissionais produz material e edita os artigos enviados pelo público, que segundo Outing (2005) respondem por 70% do conteúdo. Quem decide o que vai ou não para o *site* é a equipe profissional, por outro lado, artigos de qualidade que chegam a ser publicados são premiados com uma quantia em dinheiro, a critério da empresa (BRAMBILLA, 2005b).

Seria mais preciso enquadrar o *OhMyNews* como um híbrido de jornalismo cidadão, tal como sugere Steve Outing (2005). Apesar disto, este veículo nos interessa aqui devido ao seu sucesso econômico, e também porque esta concentração de poder na função de edição está presente em todos os veículos estudados. De qualquer forma, o próprio lema do *site*: “Todo cidadão é um repórter” define precisamente o interesse central desta dissertação.

Uma observação pertinente quanto às contradições do modelo, no que se refere aos papéis distribuídos entre público e jornalistas, é que, enquanto Oh Yeon Ho, afirma:

“um repórter é aquele que tem a notícia e que está tentando informar os outros⁴⁰”. (GILLMOR, 2004, p. 127). Na verdade persistem diferenças fundamentais na relação do veículo com a sua equipe profissional, por um lado, e com o seu público, por outro, como frisa Steve Outing: “*OhMyNews* trata os seus repórteres cidadãos como se fossem jornalistas, (ainda que mal pagos)⁴¹” (OUTING, 2005). Este parêntese sobre a diferença de remuneração é fundamental para demarcar os papéis do usuário e do profissional no processo produtivo do *site*. É necessário levar em conta, é claro, que o cidadão repórter não precisa trabalhar todo o tempo, nem sob a pressão, nem com os mesmos critérios e exigências de qualidade que o profissional.

A importância do veículo cresceu rapidamente e cresce cada vez mais, em um país dominado há décadas por um estado rigidamente anticomunista, em que três publicações, ligadas às legislaturas de direita, detêm 80% da circulação diária de notícias (BRAMBILLA, 2005).

Em 2002, o político reformista Roh Moo Hyun, recém eleito presidente da Coreia do Sul, dava a sua primeira entrevista pós-eleições, com exclusividade, para o *OhMyNews*, “esnobando os três jornais conservadores”, segundo Dan Gillmor (2004, p. 93). A entrevista deveu-se ao fato de que a cobertura do *site* e a mobilização popular em torno da sua candidatura haveriam tido papel decisivo na sua eleição (BRAMBILLA, 2005).

Já em junho de 2005, *OhMyNews* contava com a contribuição de mais de 38 mil cidadãos-jornalistas registrados (OUTING, 2005), e atraía 700,000 visitas diárias, segundo a *Japan Media Review* (KAMBAYASHI, 2006). Em março de 2006, foi

⁴⁰ “a reporter is the one who has the news and who is trying to inform others”.

⁴¹ “*OhMyNews* treats its citizen reporters as though they were journalists (albeit low paid ones)”.

anunciado o plano de expansão para o Japão, contando com um investimento de US\$ 11 milhões do SoftBank Inc. (KOH, 2006), (KAMBAYASHI, 2006).

1.2.4 A tentativa do Discordia

O *Discordia*⁴², surgido em 2003, foi expressamente construído segundo o modelo de moderação comunitária do *Slashdot* e o uso da publicação aberta segundo o exemplo do *Indymedia*. Os seus fundadores, um grupo de sete pessoas, que incluía programadores de computador, artistas e editores, espalhados por Estados Unidos, Inglaterra, Austrália e Áustria, definiam o projeto como um *blog* coletivo, e mais, como um experimento em filtragem das informações, através da moderação colaborativa de conteúdos (DISCORDIA, 2003a, 2003b).

A escolha do modelo de *blog* comunitário se deveu ao fato de que os seus criadores acreditavam que a crítica e a análise de cada artigo presentes nos comentários contribuiriam mais para tornar o veículo interessante do que a oferta de conteúdo sempre atualizado ou exclusivo. O que equivale a dizer que o valor do conteúdo estava diretamente associado à construção e a moderação coletiva - o valor fundamental das comunidades *open source*.

Um dispositivo de moderação via *software*, semelhante ao do *Slashdot*, foi a maneira buscada para permitir que os usuários pudessem exercer controle direto sobre o conteúdo sem precisar fazer parte de nenhum grupo ou coletivo, tal como ocorre com o *Indymedia*. Por outro lado, a exemplo deste último, buscava-se a produção de um noticiário de maior abrangência, capaz de atingir um público maior do que aquele propiciado pelo modelo de “*news for nerds*”⁴³ a que se restringe o *Slashdot*.

⁴² <http://www.discordia.us/scoop/>

⁴³ Notícias para *nerds*.

A participação no *site* requeria o cadastramento dos usuários, inclusive registrando um endereço de correio eletrônico válido como condição para a postagem e para o desempenho das funções de moderação. Os responsáveis pelo *site* garantiam a privacidade destes dados e justificavam a exigência afirmando que a medida visava impedir abusos, principalmente na moderação, dificultando, por exemplo, que um usuário criasse diversas contas e pudesse, dessa forma, impor à comunidade as suas matérias como *spam*.

Quanto à motivação à participação, “Discordia pressupõe uma base de usuário informados e interessados com acesso a miríades de informação⁴⁴” (DISCORDIA, 2003b). Vale ressaltar que os veículos que motivaram o seu surgimento contavam com um público homogêneo e comprometido com o *site* e suas propostas, nomeadamente: especialistas em tecnologia no caso *Slashdot* e militantes no *Indymedia*. Para lembrar outro exemplo, o *OhMyNews* aposta na premiação em dinheiro, como incentivo à participação. Já no caso presente, não há como avaliar qual seria a motivação para o trabalho dos usuários, o que talvez tenha contribuído para o fim da experiência, tornado público a quatro de novembro de 2004.

1.2.5 Bayosphere

*Bayosphere*⁴⁵ é um projeto iniciado pelo jornalista americano Dan Gillmor, autor do livro “*We the media*”⁴⁶. O objetivo é cobrir os acontecimentos da região californiana conhecida como *Bay Area*, focalizando especialmente os temas relativos ao mercado de tecnologia de *Silicon Valley*, que são, por um lado, a sua principal atividade econômica,

⁴⁴ *Discordia presupposes an informed and interested user base with access to myriad information..*

⁴⁵ <http://sf.backfence.com/bayarea/>

⁴⁶ Nós a mídia.

por outro, a área de atuação jornalística do próprio Gillmor. Hoje a marca *Bayosphere* faz parte da rede *Backfence*, também dedicada à mídia participativa.

No *site* original, que já não se encontra disponível on-line, existiam dois espaços para a publicação, a página do público em geral e o *blog* pessoal de Gillmor, que explicava esta hierarquia dizendo que o objetivo era atrair, com seu prestígio, leitores e anunciantes. Segundo ele, seu papel não negava as suas idéias sobre participação, “Sou o anfitrião aqui e não o editor⁴⁷.” (DUBE, 2005).

A filtragem do conteúdo era realizada através da avaliação de cada comentário, como ocorre com o *Slashdot*, sendo que no *Bayosphere* não há o sistema de moderadores, todos os usuários registrados podem avaliar cada comentário segundo as categorias estabelecidas pelo *site*: “Úteis (melhores que o usual) ou Inapropriadas (fora de tópico, publicitárias ou ofensivas)⁴⁸”.

Apesar deste esforço, o próprio Gillmor reconhece que é difícil encontrar conteúdo de qualidade em meio à dispersão provocada pela publicação aberta. Tendo isto em vista, o veículo põe em discussão em junho de 2005, o *Citizen Journalist Pledge*⁴⁹ com o qual cada usuário deveria concordar explicitamente ao se registrar. Este documento estabelecia o compromisso do usuário em ser acurado, justo, transparente, íntegro e voltado para o interesse da comunidade nas suas postagens. Além disto, os membros se comprometiam ainda a defender o pacto, indicando os infratores do acordo.

Após uma série de dificuldades, como a ausência de parceiros comerciais, Gillmor publicou carta aberta⁵⁰, em janeiro de 2006, declarando que deixava oficialmente o projeto, e apresentando suas dificuldades, assim como as lições

⁴⁷ *I'm a host here, not The Editor.*

⁴⁸ *'Useful' (better than usual) or 'Inappropriate' (off-topic, spam or offensive).*

⁴⁹ Compromisso do Jornalista Cidadão.

⁵⁰ http://bayosphere.com/blog/dan_gillmor/20060124/from_dan_a_letter_to_the_bayosphere_community

aprendidas. Entre estas lições: a necessidade de controlar com algum rigor o que vem a ser publicado e, ainda, que seria positivo oferecer alguma estrutura que tornasse o trabalho mais produtivo.

Logo após a sua saída fundou o *Center for Citizen Media*, afiliado às universidades de Harvard e Berkeley, além de ter passado a escrever para seção de tecnologia da *BBC news*⁵¹.

1.2.6 Tout le monde est capteurs d'informations⁵².

O site jornalístico *AgoraVox* foi criada em abril de 2005, por Carlo Revelli e Joël de Rosnay, sócios da empresa Cybion, dedicada à pesquisa estratégica de informações na internet, atividade que os seus fundadores definem como a identificação de fontes, coleta e análise de informação disponível na rede. No mesmo ano em que inicia atividades, o site ganhou o prêmio “*Best of Blogs*”⁵³ de melhor *blog* jornalístico, concedido pela *Deutsche Welle*. Outros números de sucesso incluem a marca de 350 mil leitores, em fevereiro de 2006. Além disto, o veículo contava, em 14 de abril, com 3115 cidadãos-redatores. No mesmo período funcionava também uma versão beta do site em inglês⁵⁴ (AGORAVOX, 2005).

A proposta baseia-se em três princípios: a abertura de espaço para a produção pública das notícias, a ampla utilização dos potenciais tecnológicos que propiciam a liberação da emissão para o uso do cidadão comum e, finalmente, um processo de filtragem de informação também participativo. O site expressa estes três princípios da seguinte forma:

⁵¹ <http://news.bbc.co.uk/1/hi/technology/default.stm>

⁵² Todo mundo é “captador” de informações.

⁵³ http://www.thebobs.de/thebobs05/bob.php?site=winner_kat&katid=17

⁵⁴ <http://www.agoravox/>

“*Nous sommes tous des capteurs d’information*”⁵⁵”.

Para os autores da iniciativa, todos os cidadãos, donos de *blogs*, organizações (e inclusive jornalistas) são capazes de identificar e recolher informações valiosas, podendo, potencialmente, tornarem-se repórteres.

A partir de exemplos como o *tsunami*, ocorrido em dezembro de 2004, no oceano Índico, e os atentados terroristas perpetrados em Londres no ano seguinte, nos quais a mídia utilizou fartamente material produzido por cidadãos, o *site* propõe que uma massa de cidadãos possuidores de dispositivos tecnológicos tais como câmeras de vídeo e fotografia digitais, telefones celulares e computadores portáteis, podem realizar um trabalho de aproximação e relato dos fatos sociais “que nenhuma mídia, nenhuma agência de imprensa, nenhuma associação, poderiam conduzir...”⁵⁶ (AGORAVOX, 2005). Este potencial, segundo os criadores do *site* (*idem*), “permitirá passar, quem sabe, da versão oficial à versão ‘real’...”⁵⁷” como paradigma da cobertura noticiosa.

A passagem da mídia de massas para a “mídia das massas”

Criticando os valores da mídia de massa, o *site* propõe, ecoando diversos autores, que o velho modelo de difusão “um-para-muitos” é no *AgoraVox* subvertido para um padrão “muitos-muitos”, além disto, ao invés da informação migrar “*top-down*”⁵⁸, ali o padrão é “*bottom-up*”⁵⁹. O elemento que faria a diferença seria a diversidade de redatores e a ausência de interferência de outros valores que não a qualidade e a pertinência das informações.

Uma política editorial e um comitê editorial inédito

⁵⁵ Somos todos captadores de informação.

⁵⁶ *qu’aucun média, aucune agence de presse, aucune association ne pourrait mener...*

⁵⁷ *permettra de passer peut-être de la version ‘officielle’ de l’information à sa version ‘réelle’...*

⁵⁸ De cima para baixo.

⁵⁹ De baixo para cima.

O compromisso é publicar informação de atualidade, objetiva, verificável e, tanto quanto possível, inédita. Os autores declaram-se conscientes do risco de desinformação, manipulação e de propagação de rumores. Para evitar estes males, surge a idéia do comitê editorial para filtrar as informações postadas: “A informação enviada é então moderada para evitar qualquer desvio político ou ideológico⁶⁰” (AGORAVOX, 2005). Estes moderadores ficam encarregados de votar nos artigos em função da sua atualidade, pertinência e, sobretudo originalidade.

O comitê é formado por voluntários dentre os redatores que tenham realizado contribuições de qualidade, juntamente com especialistas em informação da Cybion. Além disto, o *site* aposta no processo de inteligência coletiva, fundado nos comentários dos leitores, para criticar, completar, enriquecer ou denunciar os artigos publicados.

Como se pode ver não se trata de modelo inédito como dizem os seus promotores, pelo contrário, parece uma aplicação do mecanismo de moderação do *Slashdot*.

Quanto à motivação para participar, considerando a composição heterogênea do público, este caso deve seu relativo sucesso inicial uma combinação de estratégias diversas. Por um lado atrai o interesse do cidadão em participar da produção do noticiário como forma de adquirir notoriedade pessoal ou para o seu *site* ou *blog*, por outro promete remuneração e mesmo a distribuição eqüitativa entre os redatores, de uma parte dos lucros, caso o *site* venha a receber tráfego (e publicidade) que o tornem lucrativo.

Este caso oferece um bom contraste em relação aos veículos que atendem a segmentos muito específicos de público como *Slashdot* e *Indymedia*. *Agoravox*

⁶⁰ “L’information soumise est donc modérée pour éviter toute dérive politique ou idéologique”.

diferencia-se também do *OhMyNews*, apesar de ambos apostarem no pagamento do trabalho do usuário, por não atribuir aos jornalistas um papel privilegiado em relação ao público na construção do noticiário, abrindo à participação até mesmo a função editorial. Por fim, destaca-se de *sites* como *Discordia* e *Bayosphere*, que não conseguiram mobilizar o público nem, portanto, viabilizar a sua proposta.

1.2.7 A abertura radical do modelo Wiki e o surgimento do Wikinews

O projeto *Wikinews*⁶¹ foi lançado para testes em outubro de 2004 pelo mesmo grupo responsável pela enciclopédia online *Wikipedia*⁶², lançada em 15 de janeiro de 2001 e que reúne mais 3,1 milhões de artigos em 205 línguas e dialetos, sendo em fevereiro de 2006 o 19º *site* mais visitado da internet (AMORIM e VICÀRIA, 2006). Com a ajuda do sistema wiki, um *software* de autoria compartilhada e gerenciamento de conteúdo (desnecessário dizer, de código aberto) Jimmy Wales e Larry Sanger, produziram uma enciclopédia inteiramente construída a partir da colaboração dos seus usuários.

O sistema do *Wikinews* aplica esta filosofia ao noticiário, ou seja, qualquer pessoa, anonimamente, caso assim deseje, e mesmo sem experiência jornalística, pode publicar suas notícias além de corrigir ou ampliar as notícias do *site* que considere incorretas ou insuficientes.

De fato, foi a atualização constante promovida pelos usuários dos verbetes da enciclopédia que já vinha transformando alguns dos seus artigos em verdadeiras coberturas jornalísticas, muito antes do surgimento do *Wikinews*. Dois exemplos posteriores ao início das operações do *site* jornalístico, são os verbetes referentes ao

⁶¹ <http://www.wikinews.org/>

⁶² <http://www.wikipedia.org/>

escândalo do “Mensalão”⁶³, atualizado constantemente à medida que os fatos aconteciam, assim como aquele dedicado à presidente chilena Michelle Bachelet, cujo conteúdo foi modificado para incluir a sua vitória na eleição presidencial, momentos após o anúncio oficial, como relatam Amorim e Vicária (2006).

A iniciativa de aproveitar este potencial em um produto voltado especificamente para o noticiário visa produzir uma agência de notícias que funcione tanto como fonte primária, quanto como mecanismo de agregação de notícias de outros veículos. Segundo Castilho (2004), os inventores do sistema pretendiam aplicar no *Wikinews* os mesmo valores da *wikipedia*: neutralidade político-ideológica, gratuidade no acesso e uso do material publicado, transparência no processo editorial, descentralização administrativa total e respeito à diversidade cultural dos autores.

O noticiário busca um compromisso com a Neutralidade de Ponto de Vista conhecido pela sigla correspondente em inglês NOVP, que os autores fazem questão de separar da objetividade, esclarecendo: “A política é simplesmente que nós deveríamos caracterizar as disputas em vez de nos engajarmos nelas”⁶⁴.

Os problemas decorrentes da inclusão e edição abertas e anônimas de conteúdos que o modelo Wikipedia pode trazer ao jornalismo do Wikinews tornaram-se explícitos quando o jornalista americano John Seigenthaler foi vítima de uma calúnia através da enciclopédia: um usuário, só depois identificado, editou um verbete de forma a envolver Seigenthaler na morte do presidente Kennedy.

⁶³ No dia 6 de Junho de 2005, a Folha de São Paulo publicou uma entrevista com o deputado da base aliada do Presidente Lula, Roberto Jefferson do PTB, que contou que o tesoureiro Delúbio Soares, do PT, pagava uma mensalidade de R\$ 30 mil a alguns deputados do Congresso, para que eles votassem seguindo a orientação do governo. [pt.wikipedia.org/wiki/Escândalo do mensalão](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escândalo_do_mensalão).

⁶⁴ “The policy is simply that we should characterize disputes rather than engage in them” http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Neutral_point_of_view

O artigo permaneceu disponível durante quatro meses, sem que a vítima o alterasse por conta própria e sem que a administração do *site* aceitasse fazê-lo em seu lugar. Após a repercussão do caso na imprensa americana, em novembro e dezembro de 2005, a enciclopédia adotou medidas como a gravação do endereço IP dos usuários, na tentativa de coibir este tipo de abuso. As medidas visam ainda atender à preservação da privacidade das pessoas biografadas para o *site*, preocupação de pessoas como o ex-apresentador da MTV, Adam Curry e Daniel Brandt criador da organização Wikipedia Watch voltada para estas questões.

Outra fonte de problemas são os tópicos polêmicos e “politicamente sensíveis” (AMORIM e VICÁRIA, 2006, p. 46) nos quais a disputa de edições ameaça descaracterizar a natureza da publicação, levando, por exemplo, ao “congelamento” dos verbetes referentes a George W. Bush e John Kerry durante o período de campanha para eleição presidencial na qual eles se enfrentaram.

1.3 – Definição Final

O jornalismo de fonte aberta é aquele em que o público é o principal agente na produção de conteúdo, seja enviando-o em forma de artigos, notícias, comentários e críticas seja simplesmente constituindo uma fonte coletiva e aberta de informação e opinião utilizada por jornalistas profissionais. Mais ainda, a participação do público não só valoriza as mensagens através de comentários e perspectivas divergentes, mas chega a formatar o noticiário e até mesmo a definir a edição do *site*.

A filtragem coletiva é tão, ou mais, importante para a definição do objeto quanto à publicação aberta e produção das matérias pelo público, serve para legitimá-lo como fazer jornalístico, comprometido com a credibilidade e relevância dos relatos publicados, constituindo-se como dispositivo de construção de credibilidade e de

reputação dos emissores individuais. A filtragem serve ainda para delimitar o objeto, diferenciando-o de outras formas de jornalismo participativo e de mídia social (*blogs, forums* etc.).

No contexto de superabundância de informações, o valor e a credibilidade da informação publicada por estes meios é produto do processo de interação, correção, comentário e edição, e não apenas da simples multiplicação de emissores. Trata-se, fundamentalmente, de um mecanismo coletivo de filtragem e validação das mensagens. Desta forma a abertura à participação de um número cada vez maior de emissores deixa de ser simplesmente um aumento potencial no grau de ruído da comunicação, para caracterizar um aumento proporcional do esforço de filtragem, de maneira a melhorar, como já foi dito, a relação sinal/ruído.

Duas maneiras diferentes de encarar o fenômeno do jornalismo de fonte aberta coexistem (e às vezes se confundem) na bibliografia. Como esclarece Silva Jr. (2004), no contexto jornalístico, o conceito “incorpora duas dimensões analíticas: uma fonte aberta enquanto desvinculação profissional; e fonte aberta enquanto pluralidade da fonte informativa”. Não existe uma separação evidente entre as pessoas que trabalham no veículo e o público em geral no que se refere à produção das notícias, uma vez que esta modalidade define-se pela abertura das funções de apuração, reportagem e mesmo, em alguma medida, de edição, à participação do usuário.

Neste sentido, o fenômeno foi inicialmente relacionado ao uso de fontes coletivas de especialistas, feito por parte de jornalistas profissionais, para a realização de matérias, o recolhimento de críticas, sugestões e mesmo como “campo de provas” do artigo antes que este fosse publicado em um veículo tradicional.

Esta perspectiva, apesar de parcial, torna explícita a semelhança com modelos de produção de *software open source*, a segunda acepção de fonte aberta, a mais comum, encontrada na bibliografia. Neste modelo de produção o programa é liberado para que o público o utilize, testando e sugerindo mudanças e correções a serem incorporadas no produto final. Além disto, tais programas podem ser alterados pelos próprios usuários, gerando versões alternativas àquela do produtor inicial, processo que será analisado adiante.

Unindo um pólo ao outro e abrindo a possibilidade de integração ao jornalismo profissional, encontra-se ainda a posição defendida por Gillmor (2004) de um jornalismo participativo e dialógico, no qual a matéria é enriquecida constantemente pela interação com o público. A notícia passa a ser encarada não como produto acabado, mas sim como elemento de um debate contínuo uma vez que, segundo o autor, o público sabe mais sobre o objeto das suas matérias do que ele próprio.

Por estas razões, optamos pela tradução de *open source* como fonte aberta e não código aberto. Com isto, além de fazer referência à influência dos valores e métodos do movimento do *software* livre, incluímos uma característica do objeto que é particularmente significativa para o jornalismo e, além disto, lembramos que estas fontes, longe de ameaçar o papel do jornalista profissional, podem ser utilizadas por estes para o enriquecimento das suas notícias.

Sintetizando os achados desta exploração de várias experiências disponíveis na internet, chegamos à seguinte definição operacional: **Jornalismo de fonte aberta é aquele que depende da participação do público tanto para a produção do conteúdo a ser publicado, quanto para a sua validação através do escrutínio e da correção efetuados pelos leitores. A notícia não vale por ter sido publicada, mas sim por resistir ou incorporar as críticas do público a que se destina.**

1.4 - *Corpus* de Estudo

Dentre os *sites* comentados em nosso percurso em busca de uma definição do objeto de estudo deste trabalho, *Slashdot*, *Indymedia*, *AgoraVox* e *Wikinews* possuem as características típicas da categoria que definimos como jornalismo de fonte aberta. Estes casos diferenciam-se de outras formas de jornalismo participativo por atribuir ao colaborador tanta importância na produção de conteúdo quanto seria dada, tradicionalmente, ao repórter profissional, e ainda mais, por permitir ao usuário participar do processo de edição do noticiário.

Ao mesmo tempo, estes casos oferecem contrastes interessantes uns em relação aos outros. *Slashdot* e *Indymedia* atendem a segmentos muito específicos, enquanto *AgoraVox* e *Wikinews* preferem uma cobertura generalista. Mas, para além das diferentes ferramentas de publicação e estruturas organizacionais, a diferença mais importante é a estratégia de engajamento do público na colaboração com os *sites*: tanto o *Slashdot*, quanto *AgoraVox* fazem apelo à publicidade ganha pelo autor e à construção de sua reputação. O *AgoraVox*, no entanto, promete ganho financeiro para autores mais populares e divisão dos lucros com publicidade (em caso de sucesso do *site*). O *Indymedia* antes de qualquer coisa, atende a interesses muito específicos que o seu público provavelmente não veria atendidos pela mídia comercial, (no que se assemelha muito ao *Slashdot*), e ao mesmo tempo, apela ao seu engajamento político como motivação para a participação e intervenção. O *Wikinews*, por seu turno, destaca-se por ignorar todos estes fatores de atração do público, adotando uma estratégia generalista, não autoral, não remunerada, buscando um ponto de vista neutro, através da competição entre diferentes versões dos fatos.

Aproveitando que duas dentre estas estratégias oferecem versões em português: o *Wikinotícias* no caso *wiki*; e o *Centro de Mídia Independente* na rede *Indymedia*,

torna-se interessante enriquecer este *corpus* analisando as diferenças entre as versões originais, em inglês, e os casos locais.

Ficamos, portanto, com *Slashdot*, *AgoraVox*, *WikiNews* e *Wikinotícias*, *Indymedia* e *Centro de Mídia Independent*, como os casos a serem estudados em mais detalhe, no seguimento deste trabalho.

O que nos interessa nesta dissertação é conhecer o funcionamento e avaliar os resultados destas diferentes estratégias de abertura à participação. Para tal, faz-se necessário conhecer o contexto em que esta forma de jornalismo surge através da análise do seu entorno sócio-técnico, a ser realizado no próximo capítulo. Deste modo, espera-se compreender a relação existente entre os diversos fenômenos que contribuem para o seu surgimento e as distintas perspectivas analíticas aplicadas a ele pela academia.

2 - Entorno Sócio-Técnico do Jornalismo de Fonte Aberta.

De posse de uma definição, conhecendo as características essenciais do jornalismo de fonte aberta e tendo determinado um corpus para observação e análise, podemos aprofundar o conhecimento sobre o nosso objeto.

Diversos fenômenos sociais e tecnológicos, que afetam a sociedade em geral e o jornalismo em particular, contribuem para caracterizar os veículos de fonte aberta. Da mesma forma, condicionam as perspectivas a partir das quais este objeto é analisado pela academia. Todas estas influências cruzam-se no nosso objeto de estudo, configurando-o segundo as suas próprias características e potencializando, através deste cruzamento, propriedades e possibilidades que, de outra forma, encontrar-se-iam dispersas. Faz-se necessário, portanto, compreender este contexto, não só para aprofundar a caracterização do jornalismo de fonte aberta, pondo em evidência o que é peculiar a esta forma de jornalismo, mas também, para esclarecer as divergências entre as diversas abordagens do fenômeno.

Além disto, cada veículo dentre os que serão estudados se relaciona a tais influências e privilegia determinados aspectos destas práticas e dispositivos, o que pode auxiliar na tarefa de especificar as diferenças de cada um, permitindo-nos compreendê-los sem reduzir a heterogeneidade do fenômeno.

Evidentemente, este esforço é legítimo apenas na medida em que tal encontro de múltiplas influências produza um objeto consistente, bem delimitado e dotado de um conjunto coerente de atributos. O que pode ser problemático, uma vez que as fronteiras que separam este de outros fenômenos mais ou menos recentes do jornalismo nem

sempre são nítidas, em especial com relação ao jornalismo conhecido ora como participativo, ora como jornalismo cidadão, ou ainda como *grassroots journalism*⁶⁵.

Além dos problemas de definição e nomenclatura, a questão do papel do jornalista nestas novas formas de noticiário cria confusões entre jornalismo participativo e jornalismo cívico, também chamado de público, no qual o profissional assume compromissos com o seu público e a comunidade em que está inserido, inclusive em detrimento de valores tidos como fundamentais como a imparcialidade jornalística. Trata-se de uma nova relação com o público, que inclusive pode favorecer a participação nas decisões editoriais, mas não de uma apropriação por parte do leitor da função noticiosa, tal como ocorre no jornalismo participativo. Por esta razão apenas este último será analisado aqui.

2.1 - Internet e Jornalismo *Online*

Em primeiro lugar, faz sentido, dentre os fatores condicionantes do jornalismo de publicação aberta na internet, analisar aquele que serve como aglutinador e que, desta forma, pode ser encontrado direta ou indiretamente relacionado às outras, seja doando-lhe sentido, potencializando seus efeitos ou articulando formas diversas em um todo coerente.

Trata-se da influência das novas tecnologias de comunicação e dos processos de apropriação sócio-culturais das mesmas, a que se tem chamado Cibercultura (LEVY, 1999 e 2001); LEMOS (2002), ou, mais simplesmente, o efeito da comunicação

⁶⁵ A melhor tradução de “*Grassroots*” seria “base” como em “consultar as bases partidárias”. Optou-se por preservar a nomenclatura no idioma original da palavra nesta dissertação, de maneira a evitar a introdução de uma terminologia confusa com exemplares como “Jornalismo de Base” e “reportagem de base”.

mediada por computadores sobre a sociedade, tal como estudado por Castells (1999 e 2003).

Antes de tudo, porém, faz-se necessário adotar uma perspectiva quanto à relação entre iniciativas sociais e dispositivos tecnológicos. Deseja-se evitar uma compreensão parcial e utilitária da internet como um mero conjunto de instrumentos tecnológicos, ao mesmo tempo evitando a sugestão de que a evolução dos dispositivos tecnológicos seja o único motor da mudança social. Por estes motivos, vale ressaltar a adoção, neste trabalho, da compreensão da internet, não como uma novo meio de comunicação, mas como um ambiente compartilhado de comunicação e ação (PALACIOS, 2003b). Trata-se de uma rede híbrida de atores humanos e dispositivos técnicos em que subsistemas servem de ambiente sistêmico uns aos outros como sugere Palacios (*idem*), a partir de Stockinger (2001).

Portanto, ao mesmo tempo em que constitui um (sub-) sistema na rede híbrida, a Internet também funciona como ambiente compartilhado (de comunicação, informação e ação) para uma multiplicidade de outros (sub-) sistemas e, evidentemente, para atores humanos (agentes cognitivos) ou sistemas psíquicos, para usar a terminologia de Luhman⁶⁶. (PALACIOS, 2003b)

Desta forma, pode-se adotar uma perspectiva que valorize tanto possibilidades abertas pelos desenvolvimentos técnicos, quanto pela ação dos atores humanos como elementos configuradores do sistema como um todo e, potencialmente, de cada um dos seus elementos. Neste sentido devemos compreender o desenvolvimento do jornalismo

⁶⁶ Therefore, at the same time that it constitutes a (sub-)system in the hybrid network, Internet also functions as shared environment (of communication, information and action) for a multiplicity of other (sub-)systems and, evidently, for human actors (cognitive agents) or psychic systems, to use Luhmann's terminology.

de fonte aberta, como uma apropriação social de dispositivos e métodos tecnológicos, os quais, como veremos, são freqüentemente resultado de outras apropriações.

Uma vez que a complexidade do fenômeno ultrapassa em muito o escopo deste trabalho, impõe-se a adoção de um enquadramento mais próximo, de modo a focalizar as peculiaridades do jornalismo realizado na *web*, local privilegiado das tecnologias e formas culturais que estudaremos neste capítulo.

A interatividade, multimidialidade e hipertextualidade são as características mais citadas como fatores deste ambiente comunicacional que diferenciam o jornalismo praticado na internet em relação às formas anteriores. Outros fatores importantes são: a capacidade de memória e a personalização (MIELNICZUK, 2003 e 2004; MACHADO e PALACIOS, 2003a).

É evidente a importância da interatividade dos novos meios, tanto na viabilização técnica, quanto na formação do imaginário que promove e legitima as iniciativas de jornalismo de fonte aberta aqui estudadas. O que pode ser confirmado pela análise de Pavlik (2001), para quem a nova mídia interativa estaria mudando a própria natureza das notícias e do relato noticioso, no sentido de superar “A romântica, mas inatingível meta da objetividade pura no jornalismo⁶⁷” (PAVLIK, 2001, p.24) e promover a participação do público na criação de um novo jornalismo.

No entanto, a interatividade dos meios *online* e, em especial do jornalismo de fonte aberta, extrapola as características usuais no hipertexto, que não pode prescindir do leitor para acionar a seqüência do discurso. Segundo Salaverría (2005), a interatividade dos “cibermeios” é descrita tanto como a possibilidade de navegação dirigida pelo usuário, quanto como o diálogo entre jornalista e leitor (SALAVERRÍA,

⁶⁷ *The romantic but unachievable goal of pure objectivity in journalism.*

2005, p. 19). Adiante (*idem*, p. 34-36) o autor define quatro tipos de interatividade: de transmissão, ou seja, a possibilidade de ativar ou cancelar emissões, característica da TV; de consulta; de registro, que permite a personalização das páginas com base nos seus hábitos de navegação; e, por fim, interatividade conversacional, na qual a abertura do pólo do emissor ocorre plenamente.

Como veremos adiante, esta visão de comunicação conversacional, através dos meios *online* como consequência da sua interatividade, será aplicada constantemente para descrever a relação entre público e veículo, não só em relação ao jornalismo de fonte aberta, mas também em relação aos *blogs* e ao jornalismo participativo.

As consequências desta abertura das possibilidades de emissão para o jornalismo são exploradas por Pavlik (2001): “[...] quando todos podem ser jornalistas, editores, ou um difusor *web* [...] À medida que novas fontes noticiosas emergem e o público volta-se para uma cada vez mais ampla série de novas fontes...”⁶⁸ (PAVLIK, 2001, p. 92-93). A realidade social seria então construída interpretativamente a partir do acesso e comparação de múltiplas versões (*idem*, p. 25). Com isto ocorre uma perda de controle por parte do jornalista, que deixa de ser o relator “oficial” dos fatos sociais (*idem*, p. 130). Para reagir a esta provocação, seria necessário, segundo o autor, que o jornalismo abandonasse o modelo de comunicação unidirecional e se transformasse em um diálogo responsivo às perspectivas do público (*idem*, p. 136).

Esta posição é muito próxima da idéia de Dan Gillmor (2004) de que o jornalismo deve ser uma conversação e não de uma palestra. No mesmo livro, Gillmor cita o jornalismo cidadão e jornalismo de fonte aberta como exemplos de um processo

⁶⁸ [...] *when everyone can be a journalist, a publisher, or a webcaster [...] As new sources of news emerge and as the public turns to a ever-widening array of news sources.*

maior, que o autor identifica com este modelo conversacional de jornalismo, em que cada artigo é o início de uma discussão na qual todos sairiam mais esclarecidos.

Esta interatividade é o cerne do que opõe usuários de sistemas interativos e receptores de mídia de massa, caracterizando a liberação do pólo do emissor como constitutiva desta nova relação com a mídia⁶⁹. No entanto, não indica nenhuma forma de superação dos modelos existentes, cabendo aqui o questionamento: “será que os usuários converter-se-ão em criadores e escritores, apenas por passarem a dispor de ferramentas interativas e de hipertexto?” (VILCHES, 2003, p.20).

O tema da liberação do pólo do emissor (LEMOS, 2002) no contexto da comunicação digital precisa de críticas e relativizações. Para Gillmor, (2004) não existe o fim dos *gatekeepers*, nem se aproxima o fim dos jornalistas, o que já diziam Palacios e Machado (2003), mas ocorre, cada vez mais, a integração do usuário nos processos de investigação e relato da realidade social, argumento que encontra respaldo em pesquisadores como Vilches (2003) e Boczkowski (2004) entre outros.

O ponto fundamental da comunicação na *web*, o hipertexto, está intimamente ligado à interatividade, à liberação do pólo do emissor e aos processos de escrita colaborativa que ganham relevo no cenário na cibercultura (SILVA JR, 2000), (MIELNICZUK e PALACIOS, 2002).

Vem sendo sugerido que o discurso hipertextual do jornalismo *online*, “Fomenta a participação do leitor (que pode chegar a converter-se em co-autor⁷⁰)” (DÍAZ NOCI 2002, p. 181). Com isto, segue Díaz Noci, “As funções tradicionais do jornalista,

⁶⁹ Esta nova relação com a mídia será tratada em maior profundidade no Capítulo 3.

⁷⁰ “*fomenta la participación del lector (que puede llegar a convertirse en coautor)*”.

sobretudo aquelas que a profissão há atribuído a si mesma, estão em crise. A função do *gatekeeper* [...] cambaleia⁷¹”. (DÍAZ NOCI 2002 p. 182).

Também para Lemos (2002) “todo o sistema hipertextual instaura um híbrido de leitor e escritor”. Desta forma, o hipertexto possibilita uma nova relação entre público e veículo que já não pode ser compreendida como simplesmente uma contraposição dos papéis de emissor e receptor. Considerando a importância do tema para esta dissertação, deixaremos esta nova relação para ser explorada em mais detalhe no capítulo 3.

Como se vê, as características da comunicação interativa em rede e do jornalismo na web estão intimamente ligadas entre si e com o jornalismo de fonte aberta. Para sintetizar este resultado da interatividade e da escrita hipertextual que une a multiplicação dos emissores, a indefinição dos papéis de emissor e receptor Silva Jr. (2000) e Mielniczuk e Palacios (2002) adotam a noção de “multivocalidade” derivada da análise lingüística.

Esta é uma característica relacionada ao fluxo de mensagens todos-para-todos, tal como descrita por Dominique Wolton (2003), em contraste com o fluxo um-para-muitos, característico da comunicação de massa. Como analisa Palacios (2003b, p. 4), esta mudança de lógica pode levar à criação de expectativas irrealistas com relação ao futuro dos media e, inclusive, quanto a um futuro desaparecimento do jornalismo. Para esses autores, ocorre justamente o oposto, com o aumento de emissões (e de emissores) cresce a necessidade de intermediários que possam filtrar os fluxos de informação, assegurando-lhes a qualidade e, portanto, valor.

Como foi exposto no Capítulo 1, um elemento fundamental do jornalismo de fonte aberta é, justamente, a edição coletiva, portanto, a filtragem das mensagens

⁷¹ *Las funciones tradicionales del periodista, sobre todo aquellas que a profesión ha predicado de sí misma, están en crisis. La función de gatekeeper [...] se tambalea.*

publicadas. Ao contrário do que pode parecer, trata-se, em larga medida, de um esforço de organização do fluxo de mensagens e não simplesmente de multiplicação de emissões, o que poderia redundar em uma simples amplificação do ruído.

Como concordam Palacios (2003a, p. 22), Silva Jr. (2004, p. 10), Machado (2003), Hermana (2002) e tantos outros, a importância da filtragem de informações através da função editorial neste contexto de crescimento da quantidade de fontes e de informações que é a internet é cada vez maior. Por esta razão, uma das principais preocupações que motivam a tentativa de estabelecer que papéis e poderes os usuários ocupam em relação aos responsáveis diretos pela manutenção destes *sites* é justamente definir a cargo de quem, com que poderes, e de que forma se exerce esta filtragem nos veículos de fonte aberta.

Esta tarefa de redução de complexidade é um elemento surgido da necessidade dos atores sociais em selecionar e atribuir valor à informação. A solução foi, em grande parte, derivada de desenvolvimentos tecnológicos, como redes *peer-to-peer*, o *software* de publicação para *blogs* e, o que mais importante, o modo de produção de *software open source*. Nos próximos itens, estudaremos estes fatores tecnológicos, sem querer com isto sugerir que estes hajam determinado unilateralmente os fatores sociais dos quais também trataremos neste capítulo.

2.2 - Redes P2P (*Peer-to-Peer*)

Da equalização dos papéis de emissor e receptor resultaria um modelo de trocas bidirecionais e igualitárias entre pares conectados pelas redes telemáticas. Por esta razão, o jornalismo de fonte aberta vem sendo chamado também de jornalismo P2P (BRUNS, 2003; PALACIOS, 2003a) em referência à arquitetura de redes *peer-to-peer*.

As redes de comunicação *peer-to-peer*, ou (ponto a ponto) se caracterizam pelo fato de que cada nó é responsável pela oferta de conteúdo, em oposição às arquiteturas centralizadas, em que o funcionamento da rede depende de um ou vários servidores. Na internet ocorre geralmente uma combinação dos dois modelos. A aplicação mais conhecida desta tecnologia são as redes de compartilhamento de arquivos, como aquelas utilizadas por *softwares* como o *Napster*, *Gnutella*, *Kazaa* entre outros.

Bruns (2003, p.2) caracteriza esta tecnologia de comunicação como implementação de esquemas n-n ou todos-todos de interação e define os veículos de publicação P2P como “*Sites which facilitate the exchange of information and opinion amongst their users, generally with only minimal or no policing by the site*”⁷².

Como afirma Palacios (2003a, p. 26) “nesses formatos, Produtores e Usuários da informação realmente se identificam”. Vale notar, como o autor aponta em seguida, a relação destes experimentos com o jornalismo não é livre de tensões e nos impõe questões importantes, fundamentalmente: trata-se efetivamente de jornalismo? Garante eficácia e credibilidade? Qual é o papel da função editorial? (*id, ibid*).

Estas questões também preocuparam Machado (2002), que define o jornalismo como modalidade singular de interpretação do presente, que supõe o domínio de métodos e conceitos particulares. Atuação, portanto, que não poderia ser exercida com qualidade por amadores.

Também Silva Jr. (2004) aponta tensões relacionadas à identificação entre a função de edição e o aparato técnico e institucional do jornalismo: “se existe uma operação aberta no que toca os protocolos, que modalidades de jornalismo poderiam

⁷² *Sites* que facilitam a troca de informação e opinião entre os seus usuários, geralmente com o mínimo ou nenhuma vigilância do *site*.

emergir, mantendo a característica jornalística, ao mesmo tempo em que se está desvinculado de uma base institucional?” (*Idem*, p.8).

No plano conceitual, é óbvia a relação existente entre a forma de difusão de informações das redes P2P e jornalismo de fonte aberta, como demonstra Bruns (2005). Na prática, no entanto, esta identificação é problemática, uma vez que, ao contrário do que ocorre nas redes de compartilhamento de arquivos, nos *sites* de fonte aberta, a partir da publicação, o produtor da mensagem não possui mais controle sobre a emissão. Não é no computador do usuário que os arquivos estão disponíveis, mas, sim, em um servidor em que a publicação está, quase sempre, sujeita a aprovação editorial. Este fato restringe a independência do emissor, ainda que ele possa participar desta decisão. Trata-se, portanto de um modelo com certo grau de centralização. Sugerimos que o modelo P2P seria aberto em um sentido mais individualista, enquanto um modelo de fonte aberta implica uma concentração de esforços necessariamente coletivista.

Nos casos mais abertos quanto à publicação, como o *Indymedia*, qualquer um pode publicar na coluna da direita, que funciona como um *blog*, ou seja, em ordem cronológica inversa. Desta forma, o único valor do artigo é a atualidade. Para publicar na coluna central é necessário passar pela filtragem do coletivo editorial. Por outro lado, no *Wikinews* qualquer um pode publicar o que queira, mas, não pode impedir que o seu discurso seja descaracterizado por edições posteriores.

Parece-nos que o melhor exemplo de publicação P2P é, sim, o que vem sendo chamado de blogosfera, pois aí, o controle do emissor sobre o conteúdo é completo. Todas as preocupações relatadas por Palacios (2003a), (Machado, 2002) e Silva jr. (2004) se aplicam à produção de conteúdo nos *blogs*, o que não impede que existam *blogs* reconhecidamente jornalísticos. A caracterização como noticiário e a qualidade das matérias, seja no que se refere ao texto, seja às informações veiculadas, dependem

do compromisso do emissor e não das propriedades do formato. Da mesma forma, a publicação aberta não garante o exercício jornalístico nos veículos que a adotam, nem, por outro lado, vem a torná-lo impossível.

Quanto à necessidade de manter a designação jornalismo de fonte aberta, ao invés de adotar o jornalismo P2P, é possível argumentar em favor da necessidade de identificar a sua relação com o *open source software*, uma vez esta modalidade de noticiário traz consigo uma série de valores derivados do movimento do “*software* livre”. Estes valores orientam as suas práticas constitutivas e que têm papel fundamental no método de filtragem e manutenção da qualidade do noticiário. São estas características que passaremos, a explorar em seguida.

2.3 - *Open Source*

O conceito de “fonte aberta” é derivado de “código (fonte) aberto” do movimento do *software* livre (*open source software*⁷³). Este movimento caracteriza-se pela valorização do trabalho colaborativo, voluntário, e não mercantil, o sistema de reputação com base nas colaborações realizadas pelos participantes, a distribuição gratuita do código fonte, o questionamento da autoria intelectual e a abertura dos sistemas às modificações provocadas pela interação com os seus usuários.

Para o modelo de produção de fonte aberta os usuários são co-desenvolvedores e a sua atividade, apontando falhas nos sistemas que utilizam, pode acelerar imensamente o processo de produção (RAYMOND, 2000, p.6). Para o autor de *The cathedral and the bazaar*⁷⁴, imagem que Eric Raymond utiliza para diferenciar o modelo tradicional do

⁷³ *Open source* é traduzido ora como código aberto, ora como fonte aberta. A expressão se refere ao código fonte, ou seja, o programa antes de ser compilado, o qual pode, portanto, ser alterado de modo a produzir diferentes versões do *software* em código binário, ou código executável.

⁷⁴ A catedral e o bazar.

modelo colaborativo de produção, a fiscalização constante dos usuários é a principal garantia de qualidade do *software*.

Isto se deve àquilo que Raymond chama: “lei de Linus” (RAYMOND, 2000, p.8), em referência ao criador do sistema operacional de código aberto Linux. Com esta lei, o autor defende que, quanto maior o número de observadores, menor o tempo exigido para que as falhas tornem-se aparentes. A abertura do código fonte é, portanto, uma maneira de aprimorar a sua qualidade. Esta melhoria contínua tem o preço da dificuldade de organização e articulação de um sistema sem hierarquia que não aquela dada pela reputação individual, como um “Bazar” onde todos falam ao mesmo tempo.

Este movimento surgiu nos anos 80 e encontra sua expressão mais conhecida no desenvolvimento do Linux, a partir em setembro de 1991, quando o estudante Linus Torvalds disponibilizou através da internet um sistema operacional baseado em Unix para que seus amigos e um número cada vez maior de colaboradores o testassem e propusessem soluções e melhoramentos. O resultado é um sistema operacional que garante alta segurança e que pode ser copiado, modificado, distribuído e inclusive vendido por qualquer um dos seus usuários, como explica o projeto GNU da *Free Software Foundation*⁷⁵.

Muitos acreditam que o espírito do projeto GNU é que você não deveria cobrar dinheiro para distribuir cópias de software, ou que deveria cobrar o mínimo possível – apenas o necessário para cobrir os custos. Na verdade nós encorajamos as pessoas que redistribuem software livre a cobrar tanto quanto desejem ou possam [...] Quando nós dizemos “free software” estamos falando de liberdade e não de

⁷⁵ <http://www.gnu.org/philosophy/selling.html>

*preço. Pense em “free speech”, (liberdade de expressão) não em “free beer” (cerveja grátis).*⁷⁶

Com o intuito de estabelecer parâmetros legais para estas atividades, organizações como a *Free Software Foundation*⁷⁷, *Creative Commons*⁷⁸ e a *Open source Initiative*⁷⁹ criaram diversas licenças com diferentes restrições e garantias para autores e usuários.

A flexibilidade do “código aberto” pode ser utilizada para produzir versões melhoradas ou mesmo soluções derivadas. Este uso é feito segundo determinadas convenções estabelecidas pelo seu primeiro “autor”, com a ajuda das licenças alternativas (SCHWINGEL, 2004), que visam garantir opções ao tradicional *copyright*.

Como se pode ver, não se trata de um movimento inteiramente anárquico como pode parecer, segundo Silva Jr. (2004):

[...] há organizações independentes que certificam esses desenvolvimentos e os validam a fim de que os melhores e mais estáveis recursos e aperfeiçoamentos componham a próxima versão do *software* operacional. Assim, essa produção orienta-se segundo uma cooperação descentralizada, porém organizada e certificada, segundo padrões mínimos que garantam a universalidade de compatibilidade do que é desenvolvido com o resto do sistema.

Na verdade, esta aferição de qualidade, no caso do jornalismo de fonte aberta, é garantida apenas pelos coletivos ou comitês editoriais ou ainda, por moderadores, dependendo do caso. Não existe um procedimento padronizado de averiguação ou de

⁷⁶ *Many people believe that the spirit of the GNU project is that you should not charge money for distributing copies of software, or that you should charge as little as possible -- just enough to cover the cost. Actually we encourage people who redistribute free software to charge as much as they wish or can. [...] When we speak of “free software”, we’re talking about freedom, not price. (Think of “free speech”, not “free beer”).*

⁷⁷ <http://www.fsf.org/>

⁷⁸ <http://creativecommons.org/>

⁷⁹ <http://www.opensource.org/>

revisão que seja adotado por todos. Outras restrições são feitas no artigo de Bruns (2003): Na verdade os *sites* de fonte aberta não são nem totalmente *peer-to-peer* - basta lembrar o papel centralizador de moderadores e coletivos editoriais, nem totalmente *open source*. A distribuição do código-fonte para a derivação de versões particulares não é adotada pelos *sites* jornalísticos, o que significa que não há forma de produzir versões alternativas destes *sites* ou de suas coberturas, uma vez que os seus arquivos não estão disponíveis. Qualquer pessoa interessada em abrir uma nova versão precisaria começar do zero na produção do conteúdo jornalístico, que é muito mais importante que a ferramenta de *software*, considerando-se o nosso objeto de estudo.

2.4 - Blogs

A mesma tensão encontrada no final da seção 2.1 entre aumento do número de mensagens e esforço de valorização através da seleção das mesmas pode ser observado no caso do desenvolvimento dos *blogs*. A literatura que explora com mais intensidade as conseqüências deste fenômeno de pluralização dos emissores é aquela referente à *blogosfera*, cuja relação com a fonte aberta é explorada por Silva Jr. (2004, p. 12):

No aspecto da cultura do *blog* e, em relação com a forma cultural da produção via interface, vemos claramente a apropriação de parcelas do ciberespaço (a Internet) como um território livre para o estabelecimento de processos narrativos e discursos de caráter jornalístico. Dessa forma, surge uma produção não alinhada aos modelos dependentes das estruturas tradicionais de produção e circulação de conteúdo.

Para Jim Hall (2005, p.5) “O desenvolvimento do uso de *blogs* parece estar intimamente associado com mídias sociais e participativas como jornalismo distribuído,

jornalismo de fonte aberta, jornalismo cidadão e *we-media*.⁸⁰ Esta análise é confirmada por Susan Robinson (2006, p. 75) “Leitores são fontes chaves no mundo dos *blogs*, e como resultado, a tarefa da audiência está mudando. Blogueiros rotineiramente usam leitores tanto como fontes, quanto como co-autores.⁸¹”, assim como por Antonio Sofi (2006, p. 146).

Os *blogs* são, como mostra Matheson (2004), uma forma própria da *web*, cuja característica básica é o *hyperlink*. Segundo Antonio Sofi (2006, p. 144), suas características são: a autoria tem identidade reconhecível e distinta, mesmo que através de um apelido; é atualizado periodicamente por artigos chamados “*post*”, que se organizam em ordem cronológica inversa; são conservados em arquivos com *links* permanentes e ordenados por data ou assunto e, finalmente, apresentam interatividade mais ou menos acentuada com o leitor. Pedley (2005) acrescenta que os *blogs* tendem ainda a cobrir assuntos muito específicos, respondem e comentam notícias atuais e questões específicas.

Para Matheson, trata-se de um gênero com as suas convenções como “Incluindo uma qualidade efêmera e informal, pouco interesse em impor uma hierarquia ao material e, frequentemente, comentários irreverentes e opiniões acompanhando os *links*.⁸²” (MATHESON, 2004, p. 449).

Do ponto de vista da filtragem versus multiplicação de vozes, os *blogs* funcionam de forma semelhante ao modelo de fonte aberta. Persiste o problema do

⁸⁰ *The development of blogging seems to be closely associated with participatory and social media such as distributed journalism, open-source journalism, citizen journalism and we-media.*

⁸¹ *Readers are key sources in the blog world, and as result, audience agency is changing. Bloggers routinely use readers as both sources and as co-authors*

⁸² *Including an ephemeral and informal quality, with little attempt to impose a hierarchy on material, and often irreverent commentary or opinion accompanying the links*

aumento de mensagens circulantes, e da “carência de atenção⁸³” (GRANIERI, 2005, p. 36). Vale ressaltar, no entanto, a importância do *link* no *blog* serve para enviar o leitor em direções previamente avaliadas e valorizadas pelo *blogger*, portanto, realizam uma função de filtragem do conteúdo disponível, função esta pela qual o *blogger* é constantemente avaliado pelo seu público, e que constitui para ele mesmo forte diferencial em relação ao resto da blogosfera. Para Antonio Sofi (2006, p. 155): “Os *blogs* comportam-se como filtros ativos, com o objetivo de orientar a fruição da informação, reduzindo a “sobrecarga de informação” típica do atual sistema midiático⁸⁴”.

Mais uma vez, tal como ocorre com o jornalismo de fonte aberta, um fator de aumento da superabundância de informações desempenha, concomitantemente, uma função de filtragem.

O funcionamento destas filtragens é estudado por Bruns (2003 e 2005), para quem existe não uma série de categorias estanques, mas um contínuo de variantes daquilo que ele chama publicações P2P e que se estende desde *Blogs* pessoais até os veículos de fonte aberta. Unindo estes modelos, o autor sugere a categoria de *gatewatching*⁸⁵ *sites*, que incluiria tanto *blogs* colaborativos (jornalísticos ou não), quanto o que chama *open news*, que o próprio autor identifica com a versão jornalística dos princípios do movimento do *open source software*.

Para realizar aqui algumas diferenciações fundamentais entre *blogs* e veículos de fonte aberta, o emissor, no caso de um *blog*, possui ou uma identidade individual, (talvez seja melhor dizer: *persona* atentando para o fato de que freqüentemente se trata

⁸³ *Carenza di attenzione.*

⁸⁴ *I blog se comportano come filtri attivi, con l'obiettivo di orientar la fruizione dell'informazione, riducendo l'information overload tipico dell'attuale sistema mediale*

⁸⁵ O capítulo 3 tratará do *gatewatching* em detalhe.

de um personagem que só se dá a conhecer pelos seus textos e pelo seu apelido), ainda que, eventualmente, surjam *blogs* de grupos pequenos e geralmente fechados de colaboradores.

O que importa aqui é que esta identidade é fundamental para a relação com o público (HALL, 2005), (GILLMOR, 2004). Segundo Granieri (2005, p. 30) é o conteúdo agrupado por pessoa que fornece aos indivíduos “Um instrumento de identificação fortíssimo⁸⁶”, que facilita a relação tanto com usuário habituais, quanto com novos usuários.

Enquanto Pedley (2005) afirma que a parcialidade e as opiniões pessoais prejudicam a credibilidade do *blog*, Johnson e Kaye (2004, p.634), afirmam que o público não parece importar-se com a questão. Os autores sugerem que, muito pelo contrário, a parcialidade deste discurso pessoal seria um fator de credibilidade: “Usuários de *Blogs* podem confiar na informação que recebem dos *weblogs* porque acreditam que os seus proprietários não escondem suas preferências *políticas*.⁸⁷”.

Já no que se refere aos veículos de fonte aberta, esta possibilidade de empatia se encontra um tanto reduzida pelo fato de que, graças à publicação aberta a todos e à facilidade de registro no *site*, diversos autores, freqüentemente anônimos, colaboram para a construção do noticiário. Neste caso, é, a princípio, o discurso construído, aprimorado e filtrado coletivamente, assim como os valores que este implica, que podem atrair e manter o público que, ao participar, reafirma uma identidade coletiva. A partir do momento em que esta comunidade começa a firmar-se, podemos esperar que o

⁸⁶ *Uno strumento di identificazione fortissimo.*

⁸⁷ *Blog users may trust information they receive from weblogs because they believe the hosts do not hide their biases.*

sistema de reputação pessoal, típico da produção *open source*, sirva como esteio da credibilidade dos emissores.

Bruns (2003) explica esta característica fundamental destes públicos: a partir do momento que um veículo escolhe certo número de temas e enfoques, projeta um grupo de interesse. O que significa que esta identidade é ainda muito importante. O problema que isto acarreta é evidente. Como aponta o autor, nem o *software* de código aberto, nem o *Slashdot* conseguem escapar ao que Bruns chama o *geek ghetto*, ou seja, a identificação com os *nerds*, que o próprio lema do *Slashdot* expressa claramente “*News for Nerds. Stuff that matters*” (BRUNS, 2003). Problema análogo ocorre com os ativistas da rede *Indymedia*, e por esta razão, a comparação com casos como *AgoraVox* e *Wikinews* é importante para esta discussão.

Vale notar que, neste caso, a própria autoria individual de cada artigo tem grande peso. No *Slashdot* existe não apenas uma forma de identificação estável (ainda que através de apelidos), mas ainda uma relação com a reputação do usuário, que não existe em outras iniciativas. No caso do *AgoraVox*, a identificação do autor é a mais forte dentre os casos estudados. Já no *Indymedia*, existem níveis diferenciados de pertencimento à comunidade virtual (LEVY, 1999) que o mantém e que influenciam na questão da autoria. Finalmente, no *Wikinews* a autoria de cada texto é coletiva por definição.

2.5 - “Mídia Social” e Jornalismo Participativo

Como mostra Jim Hall, diversos dos elementos analisados aqui se conjugam para constituir o que vem sendo chamado de *social media* por alguns autores (HALL, 2005, p.5), (BOWMAN e WILLIS, 2003) e (GILLMOR, 2004). A característica mais importante desta mídia social seria a participação do público na constituição de uma

conversa, em oposição à relação unidirecional da relação emissor-receptor. Trata-se, portanto de um desenvolvimento das próprias características da comunicação interativa, como vimos no item 2.1.

Dentre estes fenômenos, chama a atenção uma influência oriunda do próprio campo jornalístico: o jornalismo participativo, que estudaremos segundo os conceitos definidos por Bowman e Willis no livro *We Media* (2003). Vale notar que esta definição enquadra outras como a de *grassroots journalism*⁸⁸ proposto por Dan Gillmor (2004), como desdobramento do trabalho de Bowman e Willis.

Na perspectiva de Bowman e Willis (2003, p. 9), orientada por um esforço francamente normativo, o jornalismo participativo caracteriza-se pela atuação dos cidadãos na coleta, análise e disseminação de notícias, com o intuito de prover a informação independente, confiável, acurada, abrangente e relevante que a democracia precisa.

Desde que se suponha que esta lista de intenções deveria ser compartilhada por qualquer veículo noticioso, sem discutir aqui se estes de fato cumprem com tantos compromissos, pode-se ver que o jornalismo de fonte aberta se enquadra nesta definição, como sugerem os próprios autores além de Deuze (2001, 2005), Lasica (2003), Gillmor (2004), Outing (2005), Rosen (2004), entre outros.

Como vimos no Capítulo I, este trabalho propõe a definição do jornalismo de fonte aberta como um subtipo de jornalismo participativo tomando como diferença específica a utilização da interação com o público como aprimoramento da qualidade, além do valor peculiar que a autoria coletiva assume neste tipo de publicação.

⁸⁸ Vide nota de rodapé nº 64 na página 48.

Os autores Bowman e Willis reconhecem um fenômeno com esta característica, que eles preferem chamar publicação colaborativa (BOWMAN e WILLIS, 2003, p. 25-28), assim como fazem Chan (2002) e Bruns (2005). Ainda assim, julgamos que é tanto importante, quanto produtivo evidenciar as duas acepções de “fonte aberta” apontadas por Silva Jr. (2004).

Por outro lado, a separação entre a publicação colaborativa e formas anteriores como jornalismo cidadão é definida pelos autores em termos de controle editorial, com que concordam Platon e Deuze (2003, p. 340 e 341): “A empresa de notícias mantém um alto grau de controle através do estabelecimento de uma agenda, da escolha dos participantes e da moderação da conversação⁸⁹”. No caso da publicação colaborativa, “não existe organização central controlando a troca de informações⁹⁰” (BOWMAN e WILLIS, 2003, p. 9).

Acreditamos que esta afirmação seja válida para o que chamamos anteriormente de publicações P2P, como na rede de *blogs*, que remetem uns aos outros de acordo apenas com as decisões dos autores. Mas, mesmo neste caso, existem organizações centrais que controlam a infra-estrutura, e no jornalismo de fonte aberta existem graus diferentes de abertura para a participação, principalmente na função editorial, a que têm acesso diferenciado usuários comuns, registrados, voluntários e dependendo do caso, até mesmo funcionários contratados.

Para os autores Bowman e Willis (2003, p. 15-21), o surgimento do jornalismo participativo está intimamente relacionado com o seu contexto sócio-cultural. Além das influências citadas anteriormente, os autores tratam de algumas questões pertinentes

⁸⁹ *The news organization maintains a high degree of control by setting the agenda, choosing participants and moderating the conversation..*

⁹⁰ *There is no central organization controlling the exchange of information.*

especificamente ao campo da comunicação e do jornalismo, como, por exemplo, a descrença na objetividade jornalística e a substituição da valorização da credibilidade adquirida pelos veículos tradicionais pelo interesse que os autores afirmam ser cada vez maior em fontes de informação e perspectivas alternativas (BOWMAN e WILLIS, 2003, p. 17).

Não se trata de sugerir que haja uma oposição entre credibilidade e “multivocalidade”. Pelo contrário, segundo eles, o sistema de reputação adotado pelos modelos colaborativos de produção como o movimento de *software* livre/fonte aberta, faz emergir uma “credibilidade distribuída” (BOWMAN e WILLIS, 2003, p.43) da qual seriam exemplos adicionais: a reputação pessoal em comunidades de *bloggers* ou o sistema de pontuação adotado pelo mecanismo de busca *Google*, que avalia cada *site* não só segundo o número de remissões de outros *sites*, mas também, levando em conta a popularidade das páginas que possuem *links* direcionados para o veículo avaliado.

O jornalismo participativo não exclui a participação dos jornalistas profissionais, mas representa antes uma nova cultura jornalística mais aberta, que vem sendo chamada de dialógica ou conversacional (DEUZE, 2005), (GILLMOR, 2004), (KUNELIUS, 2001). Nesta, a função do *gatekeeper* não é eliminada, mas, sim, aparece sob nova forma (BRUN, 2003), (BREIER, 2004) e (RIGITANO, 2005). Interessante notar que o próprio Eric Raymond, falando de *software*, referindo-se ao papel de Linus Torvald na criação do Linux, qualifica-o como o *gatekeeper* do processo (RAYMOND, 2000).

Outra contribuição do trabalho de Bowman e Willis (2003) é a elaboração de uma classificação simples, que pode ajudar a enquadrar cada forma participativa de jornalismo segundo o critério mais importante ao longo do presente trabalho: a abertura e o acesso às diferentes funções da atividade jornalística.

Bowman e Willis (2003, p. 32) propõem quatro tipos de publicações segundo os seus níveis de abertura: 1 - Aberta Comunal, onde quase todas as funções são geridas pela comunidade dos seus usuários, mesmo que o *site* possua um único dono; 2 - Aberta exclusiva, no qual um grupo privilegiado pode publicar o conteúdo principal enquanto o seu público se ocupa da informação secundária como comentários, estrutura típica dos *blogs*; 3 - Fechada é a estrutura onde apenas membros aprovados podem ler ou publicar qualquer forma de conteúdo inclusive comentários; e 4 - Parcialmente fechadas nos quais algumas partes do conteúdo podem ser oferecidas ao público em geral.

O que permite delimitar o nosso objeto em relação ao jornalismo participativo é que no jornalismo de fonte aberta, ao contrário do primeiro, existe a possibilidade, em graus diferentes de abertura para cada veículo, de que os seus usuários assumam as tarefas de edição do conteúdo, moderação e até mesmo de manutenção dos *sites*. Segundo a classificação de Bowman e Willis, fica claro que o jornalismo de fonte aberta enquadra-se, a princípio, na primeira categoria, como publicações Abertas Comuns. No entanto, vale notar que esta classificação contempla apenas a capacidade de publicar conteúdo. Cada um dos casos a serem estudados neste trabalho impõe suas condições à participação do usuário, e concede-lhes poderes diferenciados com base no grau de colaboração deste com o *site*, o que sugere que, na prática, o poder de publicar e, o que mais importante, editar o conteúdo é parcialmente restrito.

2.6 - Redes Colaborativas

Segundo Boczkowski (2004, p.141) iniciativas como os *blogs*, as redes P2P e o jornalismo de fonte aberta enquadram-se na noção de “construção distribuída” de noticiário, que já havia contribuído para caracterizar a tipologia aplicada por Anita Chan (2002) ao *Slashdot* como uma “rede colaborativa de notícias”.

Segundo estes autores, as principais características destas redes são: a) uma arquitetura de informação na qual os usuários são co-construtores da informação numa rede de fluxos multi-direcionais; b) uma função editorial centrada na facilitação da produção realizada por um grupo heterogêneo de usuários e c) a coordenação das atividades produtivas voltada para a interdependência, a autoridade distribuída e a multiplicidade de perspectivas (CHAN, 2002).

Já em Bruns (2003 e 2005) interessa-nos a sub-categoria que o autor chama de *open news*, adequada ao conceito de jornalismo de fonte aberta e que faz parte, no esquema do autor, da categoria dos *gatewatching sites*, que exploraremos em profundidade no Capítulo 3. Nestes, Bruns destaca a ocorrência freqüente de reproposição por grupos de interesse (e.g.: militantes e especialistas em tecnologia) de conteúdo anteriormente publicado em outros veículos, o que justifica a denominação adotada.

No que se refere aos problemas inerentes à publicação aberta, o autor cita principalmente o risco de desinformação e de abuso deliberados dos sistemas automáticos de publicação (BRUNS, 2003).

Em *sites* como o *Slashdot*, um sistema de reputação semelhante aos que são aplicados pela comunidade de *software* livre, funcionando como aferição de credibilidade e de critérios de silenciamento-publicização dos artigos, pode combater a baixa qualidade do material postado.

Tal seleção acontece tanto quando o artigo é rebaixado pela moderação, perdendo a atenção do público, quanto quando é criticado, ou complementado. Desta forma, esclarecimentos, críticas e correções podem transformar o que era um artigo originalmente ruim em um debate informativo e crítico. Ou seja, neste modelo de

jornalismo, uma discussão de qualidade pode ter tido um começo ruim, como um artigo de baixa qualidade. Esta é mais uma face da “abertura” desta nova forma de se ver o jornalismo. Aliás, uma das características mais importantes já que toda a checagem da informação fica a cargo do público (MOON, 1999), (DEUZE, 2001, 2005), (BREIER, 2004), (AMORIM e VICÁRIA, 2006).

Com base nesta característica, que permite publicar, criticar, corrigir e melhorar notícias com base na interação com o público, reivindicamos a especificidade do jornalismo de fonte aberta em relação às categorias propostas de *Gatewacther site* (BRUNS, 2003 e 2005) ou *Collaborative news Networks* (CHAN, 2002), apesar de reconhecer que assim como ocorre com a infra-estrutura P2P, ambas as categorias são valiosas como elementos de uma caracterização do fenômeno.

Não queremos dizer que a produção de fonte aberta resolve a questão da credibilidade do noticiário, este é o ponto mais sério dos problemas levantados por estas iniciativas e seria prematuro apresentar uma solução neste ponto do trabalho. Mas não se pode ignorar a capacidade que meios alternativos como os apresentados aqui têm demonstrado para conquistar espaço e reputação. Para se ter uma idéia da repercussão de *Indymedia*, *Wikinews*, *Slashdot* e *OhMyNews* na mídia comercial, além de perceber o quanto estes veículos, principalmente em momentos de crise, chegaram a pautar a grande imprensa, basta consultar Gillmor (2004), Castilho (2004), Nogueira (2003), Moura (2002), entre outros.

Para citar o caso mais conhecido, no *Indymedia* a notícia é endossada principalmente pela utilização dos relatos de testemunhas diretamente envolvidas nos eventos noticiados, independentes com relação ao estado e ao poder econômico, e não através de uma credibilidade derivada das rotinas produtivas da empresa jornalística ou do recurso a fontes oficiais. Como se pode perceber, neste caso, não é no *gatewatching*

que se baseia a credibilidade atribuída pelo público ao *site*; mas, muito pelo contrário, ao relato testemunhal, original, sua atuação como fonte primária.

O caráter testemunhal do discurso é adequado para um esquema que propõe o aumento da diversidade e o fortalecimento da pluralidade (LÉVY, 1999, p. 120), uma vez que não supõe autoridade nem recursos que qualquer pessoa não possa receber de uma organização como o *Indymedia*.

Esta atitude do *Indymedia* no que se refere à objetividade encontra-se explicitada no livro *IMC a new model*, (INDYMEDIA, 2004a), desde o *slogan* da contracapa, “Todos são testemunhas, todos são jornalistas”⁹¹, mas principalmente no quarto capítulo – “Torne-se a mídia”⁹² no panfleto escrito pelo Michigan IMC ensinando a redigir notícias, (INDYMEDIA, 2004a, p. 102), o quinto item “*What about objectivity*”⁹³ afirma:

Há uma coisa importante a se notar sobre a objetividade: ela não existe. O *Indymedia* não é uma fonte objetiva de informação, nós somos apenas mais honestos a respeito dos nossos pontos de vista que a mídia corporativa. O *Indymedia* utiliza a publicação aberta, o que significa que qualquer um (inclusive você) pode publicar suas histórias no *newswire*. Não há filtros além de uma mínima política editorial. O *Indymedia* não só permite que os usuários postem para o *site*, mas também que adicionem seus próprios comentários para o que já está publicado. Desta forma uma narrativa em muitas vozes emerge, mais precisa que uma notícia da mídia corporativa”⁹⁴.

⁹¹ *Everyone is a witness, everyone is a journalist.*

⁹² *Become the media.*

⁹³ E quanto à objetividade?

⁹⁴ *There’s one important thing to note about objectivity: it doesn’t exist. Indymedia isn’t an objective source of information, we’re just more honest about our biases than the corporate media. Indymedia utilizes open publishing which means that anyone (including you!) can post your stories to the newswire. There are no filters beyond a minimal editorial policy. Indymedia not only allow users to post to the site, but also to add their own comments to what has already been posted. In this way a many-voiced narrative emerges, more accurate than a corporate news article.*

A rejeição da objetividade como fundamentação da credibilidade do noticiário é proveniente da sua identificação com os valores corporativos combatidos pelos ativistas (MOTTA, 2003, p. 145). Trata-se apenas de uma posição, e radical, mas representa os mesmos questionamentos que agitam o meio acadêmicos sem receber resposta definitiva.

2.7 - Delimitação no contexto

Na tentativa de inserir o jornalismo de fonte aberta na trajetória de desenvolvimento do jornalismo *online* em geral, podemos utilizar a proposta de John Pavlik (2001) que divide em três estágios o desenvolvimento do jornalismo realizado na internet: o da mera transposição dos conteúdos dos meios originais; a seguir a adoção de parte do potencial hipertextual e interativo do meio *online* e, finalmente, o terceiro estágio, no qual no veículo *online* passa a ser criado a partir das características da internet, entre as quais o autor cita a importância do reconhecimento do papel das comunidades de interesse e o noticiário especializado (PAVLIK, 2001, p.43).

Parece justo considerar, portanto, que o jornalismo de fonte aberta é, não apenas um mero exemplo, mas uma abordagem radical e bastante avançada do jornalismo *online* de terceira geração.

Quando colocamos o jornalismo de fonte aberta frente aos outros elementos do contexto sócio-técnico que lhe deu origem, encontramos coincidências e diferenças importantes: funciona, necessariamente, sobre uma infra-estrutura P2P e possui traços importantes do método de *peer-review* a estas associado, como notam Palacios (2003a) e Deuze (2001). Outra forma de dizer a mesma coisa é falar em rede colaborativa de notícias (CHAN, 2002), produção colaborativa de notícias (BRUNS, 2005), ou produção distribuída de notícias (BOCZKOWSKI, 2004).

No contexto jornalístico, podemos como fazem Bowman e Willis (2003), Rosen (2004), Outing (2005) e outros, categorizar o jornalismo de fonte aberta como uma espécie de jornalismo participativo tal como este último é definido por Bowman e Willis (2003), carregado daquela qualidade conversacional, da qual nos fala Gillmor (2004). Sendo que, no caso aqui estudado, o controle de qualidade sobre o conteúdo é, não só peculiar, mas também de fundamental importância para a sua caracterização.

Uma coisa torna-se clara, a publicação aberta não é o ponto mais importante da questão. Esta redação aberta à participação não é necessariamente jornalismo mais transparente, pois pode esconder a importância da função editorial. Mesmo que o público seja quem escreve, se não for este público quem seleciona o que importa e o que merece destaque, não se pode dizer que as fronteiras entre eles e os jornalista se misturaram. Elas recuaram, para onde é mais importante, a edição. O pólo do emissor parece ser mais complexo do que se pensava.

3 - Novas relações entre público e mídia.

Uma vez estabelecidos o nosso objeto e *corpus* de estudo no capítulo 1, havendo explorado as conexões deste objeto com o seu contexto sócio-tecnológico no capítulo 2, podemos agora avaliar o seu possível impacto no que se refere às relações entre público e meios jornalísticos.

Dentre as características do contexto sócio-técnico no qual o jornalismo de fonte aberta veio a surgir, uma possui importância fundamental para o presente trabalho: o papel representado pela interatividade dos novos meios no possível desenvolvimento de novas relações entre público e mídia. Em especial, interessa-nos a apropriação por parte do público do poder de emissão de conteúdos e, sobretudo, como já chamamos a atenção, da própria tarefa de filtragem e hierarquização dos conteúdos disponíveis.

Os veículos de fonte aberta fazem parte deste processo de proliferação de emissores capazes de atingir um público potencialmente global. Este processo, por um lado, aumenta consideravelmente o “ruído” presente na comunicação midiática, e por outro, viabiliza uma forma nova de filtragem, nascida do próprio público e não do meio jornalístico.

O objetivo deste capítulo é propor o jornalismo de fonte aberta como uma possível resolução desta oposição, já que neste modelo de produção, o aumento do número de emissores viabiliza um aumento correlato do esforço coletivo de filtragem das informações publicadas. Esta é a oportunidade de voltar ao conceito de *Gatewatching*, apresentado no capítulo anterior, ampliando a discussão em uma tentativa de compreender o que Bowman e Willis (2003) chamam “Eco-sistema Midiático Emergente”.

Antes de prosseguir, vale chamar a atenção para o uso do plural quando falamos nestas **novas relações**. Esta escolha visa evitar a noção de que o jornalismo de fonte aberta instauraria **uma nova relação** entre público e meios, caracterizando-se como uma revolução que substituiria os modos vigentes de se fazer jornalismo. Apesar de concordar com Pavlik (2001, p.134), quando este afirma que o fluxo bilateral de informação entre público e veículos estaria redefinindo esta relação entre os pólos, este trabalho aborda, antes, o fenômeno estudado como uma ampliação da variedade de modelos de produção noticiosa e de relação com o público, que vêm tornando o campo jornalístico mais complexo, e mais problemático (SORRENTINO, 2006).

Com o intuito de explorar nova possibilidade de relacionamento, evitamos adotar qualquer discurso determinista, tanto aqueles que privilegiam as causas sociais, quanto os que apostam na primazia dos elementos tecnológicos. A partir da análise realizada nos dois primeiros capítulos, podemos defender esta posição com a constatação de que as principais contribuições que caracterizam o fenômeno estudado foram, em parte oferecidas pelos desenvolvimentos tecnológicos a este relacionados, em parte construídas pelo público a partir da apropriação social dos potenciais da Internet para veicular os seus discursos (LIEVROUW e LIVINGSTONE, 2002).

Como já assinalamos, a Internet não deve ser considerada como um simples meio, mas, sim, como um ambiente compartilhado de comunicação e ação (PALACIOS, 2003b). Mesmo que as características da rede mundial condicionem a viabilidade destas iniciativas, por qualquer perspectiva aplicada ao problema, impõe-se a constatação de que a imbricação entre iniciativas sociais de apropriação e condicionantes tecnológicas é indispensável para que se possa entender o processo de formação do nosso objeto de estudo (LIEVROUW, 2002).

Para esclarecer o que se pode esperar desta rede híbrida entre agentes sociais e dispositivos tecnológicos (PALACIOS, 2003b), devemos ampliar a discussão sobre alguns dos elementos já discutidos no segundo capítulo, como aquelas características da comunicação mediada por computadores que exercem influência direta sobre os nossos questionamentos e que, portanto, não podemos deixar de explorar mais detidamente.

3.1 – Interação e Recepção

Lembra-nos Wolton (2003 p.120) que existe continuidade nos modelos de comunicação de massa e comunicação mediada por computador, assim como na longa história da interatividade. Inclusive a participação do leitor no processo de produção jornalística está longe de ser novidade, como mostra Boczkowski (2004). Por outro lado, fenômenos como interatividade e participação, parecem indicar uma mudança de escala no âmbito da comunicação *online* (McMILAN, 2002), realizando potenciais que antes passaram despercebidos, como sugere Vilches (2003, p. 21) “chegaram as novas tecnologias e pela primeira vez a possível interatividade efetiva dos novos meios”.

Como assinalado preliminarmente no Capítulo 2, a interatividade é o elemento que diferencia a relação entre público e veículos no âmbito da comunicação mediada por computadores, em comparação com a mídia de massa. Indissociável desta, está outro elemento fundamental da web, o hipertexto.

Como aponta o trabalho de Landow (1997), a interatividade é um pressuposto do próprio hipertexto, uma vez que, nesta forma de leitura, o fluxo de informações é controlado pelo leitor, que precisa construir o próprio percurso ao escolher os *links* que conectam as diversas lexias que compõem cada documento hipertextual. Constituindo-se, para Landow, em co-autor da mensagem. Faz-se necessário chamar atenção para o

fato de que esta noção co-autoria implica a concepção de mensagem como o conjunto de informações que o leitor de fato recebe e não aquilo que o autor pretende veicular.

Segundo Primo e Träsel (2006, p.9), o próprio Landow torna explícitos os limites para os potenciais do hipertexto ao considerá-lo além do âmbito da leitura. Uma vez que, para o autor, o hipertexto deve incorporar as possibilidades de escrita, criação de novos *links*, e conexão entre documentos, constata-se Primo e Träsel que a maior parte das páginas *web* não oferece estas funcionalidades e caracteriza-se como, “hipertextos potenciais” (PRIMO, 2003) nos quais o poder do leitor de interferir no processo comunicativo é limitado.

Primo e Träsel (2006) citam como exemplo máximo deste hipertexto potencial o agregador automático *google news*⁹⁵ no qual todo o trabalho de recolhimento, seleção e apresentação das notícias é realizado por *software*.

É provável que haja cada vez mais aberturas para a participação do leitor, que como lembram os autores, são motivadas pelo fato de que, oferecendo esta interatividade, as empresas de comunicação agregam valor aos seus *sites*. Com esta abertura recebem diversas vantagens comerciais, tais como oferecer uma imagem de modernidade, aumentar o engajamento do seu público, além de simplesmente aumentar o tempo que os usuários permanecem em contato com a mensagem e, portanto, expostos aos anúncios publicitários.

Apesar desta aparente abertura, “se as idéias do receptor serão ou não levadas em consideração foge totalmente ao seu controle. Continua sendo do emissor o poder de decidir sobre o aproveitamento ou não das idéias expressas pelo leitor”. (PERUZZO, 2006).

⁹⁵ <http://news.google.com>

Sempre houveram, no jornalismo, diversas formas de interação entre veículos e público, seja através das cartas dos leitores, enquetes, além, é claro, dos telefonemas à redação. O que acontece agora é, antes, uma intensificação desta troca de mensagens, do que uma modificação substancial da relação com o público, quando pensamos na divulgação de notícias, uns permanecem emissores enquanto o público, por mais que tenha meios para solicitar a atenção daqueles, continua sendo simplesmente receptores. A relação de visibilidade, uma relação de poder, segundo Thompson (1998), permanece inalterada, na maioria dos *sites da web*.

Não faz sentido, portanto, falar de co-autoria na maior parte dos *sites jornalísticos da web*, “A fronteira entre autoria e leitura permanece” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p.9). Não basta, como se vê, que um documento seja hipertextual e interativo para que o público possa assumir o papel de autor, até porque, como lembra Vilches (2003, p.20), não basta que as ferramentas de interação, e mesmo de publicação, estejam disponíveis para que o público se dê ao trabalho de produzir conteúdo. Ou, mais simplesmente, não é de se esperar que a recepção ou a interação reativa venham a dar lugar a um público radicalmente novo em relação ao público de massas, pois, como coloca, de forma bem direta, o responsável pelo *site Newsvine*⁹⁶ Michael Davidson (*apud* WEI, 2006, p. 20):

Por mais que se fale por aí sobre participação e a nova *web*, o consumo de mídia será sempre maior que a sua produção... A atividade cerebral necessária para percorrer rapidamente um *blog* ou enviar um artigo noticioso é muito menor do que para criar respostas inteligentes e que acrescentem algo à discussão⁹⁷.

⁹⁶ <http://www.newsvine.com/>

⁹⁷ *For as much talk as there is about participation and the new web, consumption of media will always outweigh production of it.... The brain activity required to quickly scan a blog or post a news article is orders of magnitude less than coming up with a thoughtful, accretive response.*

O resultado desta aplicação parcial dos potenciais do hipertexto é que nestes *sites*, todos os caminhos e movimentos possíveis do internauta encontram-se previstos. Daí a advertência de Manovich (2001, p. 61), de que se trata de uma adequação por parte do leitor a um esquema de associações criado por uma outra subjetividade.

Para o autor, este risco é inerente ao que chama de “mito da interatividade” (MANOVICH, 2001, p. 56), que aplica a noção de interatividade apenas para as novas mídias. Esta incompreensão dos fenômenos comunicativos ignora, por exemplo, o fato de que a arte é por excelência interativa, ao utilizar elipses, alusão e simbologia como elementos significantes, obrigando a mente humana a preencher as lacunas deixadas pela percepção.

O risco apontado por Manovich está em que se tratar da interação como mera atividade objetiva, mover o mouse e clicar em *links*, exteriorizando artificialmente o processo mental de ativação de associações entre componentes intertextuais. Risco que o autor resume como o de exteriorizar a própria vida mental: ao clicar nos *links* de um hipertexto, ainda que esteja produzindo necessariamente as suas próprias associações e interpretações, o leitor está, de fato, navegando a trajetória previamente programada por outra subjetividade.

Por esta razão, é necessário considerar toda a complexidade envolvida na interação com o hipertexto. Tal como sugerem Mielniczuk e Palacios (2002), o leitor do jornal *online* vive um processo multi-interativo estabelecendo relações: “a) com a máquina; b) com o a própria publicação, através do hipertexto; e c) com outras pessoas - seja autor ou outros leitores - através da máquina” (MIELNICZUK e PALACIOS, 2002, p. 35).

Por outro lado, a adição da personalização às características do jornalismo na *web* ajuda a garantir que se tenha em mente aquela trajetória interpretativa individual que Manovich teme ver perdida, uma vez que: “a leitura será feita através da navegação interativa por estes caminhos. Cada leitor irá percorrer um caminho único (personalizado) ditado pelas suas escolhas entre as opções possíveis” (MIELNICZUK e PALACIOS, 2002, p. 35).

Ao qualificar como mito a supervalorização da interatividade dos veículos digitais, Manovich lembra, como fazem diversos outros autores, que todo processo de recepção de mensagens, pressupõe a interação, ou a participação ativa do receptor. A apreensão é sempre parcial, e precisa dar conta de elipses, baixo detalhamento, lacunas na informação, a exigência de focalizar e reorganizar mentalmente as diversas partes que compõem a mensagem. (MANOVICH, 2001, p.56). Para o autor, toda a complexidade do processo psicológico de formação de hipóteses acerca do significado global da mensagem, “não pode ser identificado a uma simples estrutura objetiva de *links* interativos” (*idem*, p. 57).

Por mais que sejam pertinentes estas críticas, esta concepção de interação não esgota todo o significado deste elemento da comunicação mediada por computador, o que torna necessário encontrar uma abordagem mais complexa do tema.

3.1.1 - Interação Reativa e Interação Mútua

Primo (2003) afirma, assim como Landow (1997), que a simples navegação já é um processo interativo. Mas especifica tratar-se de uma interação reativa, o internauta não pode produzir nem modificar, com as suas escolhas, o conteúdo dos *sites*, apenas desencadear trocas segundo um modelo de ação e reação, ou seja, acionar, a cada passo,

a exibição de novas *lexias* (dentre aquelas disponibilizadas pelo *site*), ou executar alguma das funções pré-programadas no *software*.

Em contraposição ao potencial limitado desta forma básica de interação, Primo (2003) utiliza o conceito de interação mútua para designar um regime de trocas capaz de modificar recursivamente os participantes do processo comunicativo, seus produtos e a própria interação. Desta forma, o produto midiático é constituído a partir das negociações entre os interagentes, termo que o autor prefere a usuário por exprimir justamente a diferença entre estas duas formas de interação. Primo e Träsel (2006) encontram o exemplo máximo desta interação mútua nas formas participativas de jornalismo na *web*, uma vez que:

“O interagente é integrado ao processo de produção da notícia como nunca antes. Alguns *sites* noticiosos, inclusive, podem depender totalmente da intervenção dos internautas. Sem a participação ativa de um grupo em interação mútua, esses webjornais não têm qualquer função” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, P.8).

Tomando por base estes graus de interação, podemos agora abordar a tipologia de modelos de hipertexto apresentada por Alex Primo (2003). Em primeiro lugar existe o hipertexto potencial, já mencionado, no qual a ação do internauta encontra-se limitada a certos roteiros pré-programados: “assim, apenas o internauta se modifica, permanecendo o hipertexto com sua redação original” (PRIMO e RECUERO, 2003, p.2).

Além deste, existe ainda o hipertexto cooperativo, ou seja, os interagentes colaboram na produção de um texto de autoria compartilhada, através da interação mútua. E, por fim, no hipertexto colagem existe igualmente uma escrita coletiva, com a diferença que, neste modelo, a organização das partes produzidas separadamente exige a

dedicação de um grupo ao trabalho de recolhimento das contribuições, de integração destes fragmentos e de moderação do processo e das discussões dali nascidas.

Todos os casos estudados neste trabalho enquadram-se nos modelos de hipertexto colagem ou cooperativo. Ou seja, aqueles em que a abertura à participação do público é maior.

Ainda que se aceite, como pressuposto, o caráter ativo de toda recepção midiática, e mesmo, como aponta Manovich, do próprio processo de apreensão e atribuição de significado às mensagens, a relação dos sujeitos engajados numa relação de interação mútua, tal como apresentada por Primo (2003) parece bastante distante daquilo que Gillmor (2004) chama “*the former audience*”, como contraponto ao público interativo. Tudo leva a crer, portanto, que estes potenciais da interatividade estejam mais presentes no jornalismo participativo em geral e no jornalismo de fonte aberta, o qual, como vimos no Capítulo 1, leva mais longe esta abertura à participação.

Especificamente, este hipertexto promove o surgimento do usuário encarregado tanto do consumo quanto da produção dos produtos (GILLMOR, p. 137), a velha idéia de “*prosumer*”, criada Alvin Toffler, para indicar o produtor-consumidor que a personalização dos produtos de consumo parecia indicar, foi adaptada por Bruns (2005) como “*produser*”.

3.1.2 - Interatividade e Liberação da Emissão:

A conexão da parcela mais rica da humanidade em uma rede global de comunicação e trocas econômicas parece sugerir o surgimento de um “espírito da época” característico da Sociedade de Redes descrita por Castells (1999, 2003), ou da Cibercultura descrita por Levy (1999, 2001) e Lemos (2002), entre outros. Este espírito da época seria caracterizado pela conectividade e interatividade em escala global, uma

vez que, ainda que a exclusão digital seja um fenômeno nada desprezível, é justamente a parcela mais rica a que possui os meios de controle e poder capazes de implantar novas condições de vida e modos de produção ao conjunto da humanidade.

Dentre as promessas de abertura democrática implícitas neste “espírito” da contemporaneidade, a liberação do pólo da emissão costuma ser a mais presente. No caso específico do jornalismo participativo, esta democratização e este empoderamento do público são dois dos valores mais citados tanto pelos responsáveis pelas diversas iniciativas, quanto pelos seus públicos (WEI, 2006), (GILLMOR, 2004), (BOWMAN e WILLIS, 2003), (PRIMO e TRÄSEL, 2006), (PLATON e DEUZE, 2003) etc.

Os argumentos apresentados em defesa desta visão das coisas costumam ser a transparência dos procedimentos, a possibilidade constante de crítica e moderação por parte do público, além, principalmente, da multiplicação de temas e de vozes que tenderiam a diversificar e, até mesmo, pulverizar (PRIMO e TRÄSEL, 2006) as fontes. As iniciativas aqui estudadas baseiam inclusive a credibilidade do seu discurso mais na vigilância e correções feitas pelo próprio público do que em metodologias de apuração das informações (WEI, 2006). No entanto, nem todos estão de acordo quanto ao valor desta diversificação.

Em primeiro lugar, até onde vai esta “democratização”, considerando-se as desigualdades regionais e sócio-econômicas verificadas no acesso à internet? Em alguns casos como o *Slashdot* e na própria história no *software open source* esta valorização da reputação pessoal numa comunidade unida por interesses e conhecimentos altamente especializados faz lembrar uma estrutura antes aristocrática que democrática. Há quem discorde que a publicação para nichos especializados seja mais democrática do que a mídia de massa.

3.1.3 – Saturação Informacional

Dominique Wolton (2003) foi um dos que, após identificar a tendência para a adoção de um modelo de comunicação todos-todos em substituição ao modelo um - todos, postou-se em defesa da centralidade da mídia de massa, como importante elemento de divulgação e discussão de temas de interesse comum. O temor deste autor é que à pulverização das emissões sobrevenha a perda do senso de realidade socialmente compartilhada. “Quando se reconhecerá que a questão da saturação de informação também faz parte dos problemas gerados pela expansão das redes?” (WOLTON, 2003 p.139).

Para ele, “os veículos de massa são os instrumentos de comunicação que atuam no universal e não no particular. Com estas mídias, a informação é dirigida a todos” (WOLTON, 2003, p. 96). Segundo este autor, a democracia está ligada à existência de intermediários de qualidade, enquanto o acesso direto à informação é antes uma ameaça que um progresso para a democracia (*idem*, p. 110).

Adiante, Wolton denuncia a ingenuidade de supor que a publicação livre de controle produziria apenas dados corretos e verdadeiros e renova a crítica à saturação de informações na Internet (WOLTON, 2003, p.138). Seria sem dúvida ingenuidade pensar que o afluxo e o acúmulo de dados iriam espontaneamente ou pela bondade inerente dos seres humanos, produzir informação de qualidade e muito menos valor-notícia. Mas não se trata disso. Estas iniciativas não foram mobilizadas por ignorância quanto à importância da filtragem da informação no sentido de qualificá-la, mas, muito pelo contrário, para entregar ao usuário mais e melhores ferramentas e oportunidades para pesquisar e relatar a realidade social. Buscam atender, portanto, àquilo que também Palacios (2003b) assinala: o fato de que com o aumento de emissões (e de emissores)

crece a necessidade de intermediários que possam filtrar os fluxos de informação, assegurando-lhes a qualidade e, portanto, valor.

A abordagem escolhida para este trabalho e mesmo a definição de jornalismo de fonte aberta a que se chegou, focalizam exatamente as questões da filtragem, e da valorização das informações. Trata-se aqui, não de um simples aumento na cacofonia generalizada do ciberespaço, mas, antes de uma série de esforços para prover uma filtragem coletiva, com o máximo de transparência e agilidade. Paradoxalmente, este “excesso” de informação não se resolve pela diminuição do conteúdo disponível, mas, antes, pela agregação de mais dados que sirvam de subsídio a uma filtragem mais eficiente (GRANIERI, 2007).

Os problemas com a qualidade dos intermediários, a correção e verdade dos dados publicados são evidentes, mas a reivindicação do poder de fala que estes *sites* representam continua valendo, e, além disto, esta reivindicação serve ainda como crítica aos valores a partir dos quais se legitimam determinados intermediários ao invés de outros.

As comunidades que mantêm os veículos aqui listados, todas, sem exceção, devem a sua existência ao fato de questionarem a credibilidade do jornalismo convencional, ou não encontrarem neste, seja notícias apuradas como gostariam, em profundidade, ou sobre os temas que interessam apenas a elas.

O caso *OhMyNews versus* a imprensa de direita coreana (GILLMOR, 2004) é um exemplo, assim como a franca hostilidade dos ativistas do *Indymedia* com relação à imprensa corporativa que é financiada pelos anúncios das corporações multinacionais que aqueles criticam (INDYMEDIA, 2004a). Somam-se a estes os *sites* mais

intimamente ligados ao movimento de *software* livre como *Slashdot* e *Wikinews*, avessos por princípio a indústria do *software*, seus valores e métodos.

A questão é se é de fato necessário delegar este poder a intermediários qualificados e, o que é mais importante, como qualificá-los? Vale lembrar que não se trata simplesmente de criar novos regulamentos e cargos públicos, mas sim de lutar pelo poder (MARTIN-BARBERO, 1995).

Não se trata de menosprezo pela função da filtragem dos conteúdos, mas, pelo contrário, na concentração de esforços neste que é o ponto chave num ambiente saturado de informação: a organização e valorização do fluxo de informações. O que se busca não é simplesmente a multiplicação de emissões e consequentemente de ruído.

Para insistir ainda uma vez: a questão é justamente melhorar a relação Sinal/Ruído não pela redução do sinal, mas pela agregação de ainda mais informação (GRANIERI, 2007), como exemplificado pelo caso *Slashdot* onde, como já dissemos, um artigo deficiente pode gerar uma discussão de qualidade através das críticas e comentários agregados pelo público, ou seja, melhorando a relação Sinal/Ruído pelo aumento das emissões.

3.1.4 – Broadcasting X Narrowcasting

Outra crítica freqüente diz respeito à capacidade do modelo de noticiário aqui estudado para engajar públicos amplos. Dentre os casos escolhidos, dois veículos são dirigidos a seguimentos restritos de público: *Slashdot* a profissionais ou aficionados das tecnologias de informação e *Indymedia* a uma rede de ativistas de esquerda fortemente ligados aos movimentos contra o modelo neoliberal de globalização. Estes casos não oferecem dificuldades à tarefa de compreender a motivação ao engajamento. Os mesmos grupos são possuidores de suas próprias informações, conhecimentos e fontes

próprias sobre os seus temas de eleição. São grupos muito ativos, com uma identidade coletiva forte e excluídos ou insatisfeitos com relação à grande mídia. Vale considerar a hipótese de Castells (1999, vol. 2) de que o fortalecimento (ou recrudescimento) das identidades de grupos específicos seja um efeito colateral do surgimento da sociedade de redes no contexto da Globalização.

Já nos casos do *Wikinews* e do *AgoraVox*, o compromisso do público com a manutenção do fluxo de notícias dos *sites* é mais problemático. De maneira geral, no entanto, todos possuem públicos bastante restritos. Cabe, portanto, levar em conta a hipótese levantada por Wolton:

“As novas tecnologias apresentam a vantagem de corresponderem plenamente à lógica individualista dominante de nossa sociedade; as mídias de massa, por sua vez estão em sintonia com a outra problemática, a do grande público e da democracia de massa (...) não são por enquanto nem a condição, nem a vanguarda da comunicação do futuro. Elas são o outro lado da moeda, o complemento das mídias de massa em relação ao modelo de sociedade individualista de massa. As primeiras insistem na dimensão individual, as últimas na dimensão coletiva. (WOLTON, 2003, p. 189)

Se, por um lado, é certo que o alcance destas iniciativas é limitado a grupos muito fechados em relação à sociedade em geral, e mais, precisamente grupos pertencentes à parcela da humanidade que está do lado “incluído” do “*digital divide*”, vale lembrar que se trata de empreendimentos coletivos, bastante abertos do ponto de vista hierárquico e, além disto, de alcance global.

Por outro lado, existem diversas iniciativas de jornalismo participativo que se baseiam nos laços sociais encontrados em comunidades locais, tais como o *Backfence*, *Daily Gotham* e *MyMissourian*, nos Estados Unidos, *El Morrocotudo*, *El Rancahuaso* e *El Amaule*, no Chile; além de *sites* de alcance e agenda nacionais como o *OhMyNews* na

Coréia do Sul. No caso do jornalismo de fonte aberta, três dos nossos casos possuem sites em diversas línguas, *Indymedia*, *WikiNews* e *AgoraVox*, que desta forma, de uma maneira ou de outra, congregam comunidades virtuais em torno a laços culturais.

Levando-se tais fatores em consideração, ao invés de supor que a fragmentação apontada se deva às características das novas tecnologias, como sugere Wolton, parece mais apropriado analisar a questão como uma ampliação do ambiente comunicacional para o *narrowcasting*. Pode-se também supor que o processo de segmentação de mercado, que há anos vem ocorrendo na mídia de massa, constitui parte importante do próprio contexto sócio-econômico em que surgem estas iniciativas.

3.1.5 – A mídia tradicional entra no jogo.

A mídia comercial passa, pouco a pouco, a adotar ferramentas de interação e participação limitada, seja como estratégia de relacionamento com o receptor e fonte de atração de público, portanto, aumento de receita, seja para aproveitar o conteúdo por este enviado (em geral gratuitamente).

Já é uma realidade o uso da internet como complementação à “fruição” dos programas televisivos, e como forma de cativar o público para a marca das emissoras através do seu *site*. Jornais de todo o mundo abrem cada vez mais espaço para a interação do público, seja através do envio de fotografias, como fazem *The Guardian*, *Estadão*, e mesmo publicação de matérias enviadas pelos leitores em seções como *MSNBC*, o *VC repórter* do *Terra notícias* e, no caso da *CNN*, o *Fan Zone* durante a Copa do Mundo de 2006 e, logo após esta experiência, o *I report*.

Todas estas iniciativas são aplicações limitadas, controladas. A única exceção notável foi a inauguração em junho de 2005 dos *Wikitorials* do *LATimes*⁹⁸, que três dias depois de iniciado, redundava num completo e embaraçoso fracasso, quando o jornal teve que retirar do ar mensagens pornográficas enviadas pelo público.

A adoção de alguns mecanismos de participação que estão longe de representar todo o potencial do jornalismo participativo pode ser considerada muito positiva por uns, enquanto, representaria uma ameaça de banalização ou mercantilização do modelo para aqueles que se interessam por um suposto potencial revolucionário das formas participativas, o qual estaria sendo co-optado ou banalizado pelas estratégias da mídia tradicional.

Mais uma vez, vale insistir, o verdadeiro potencial da interação mútua entre público e veículo no caso do jornalismo é o potencial para produzir um esforço coletivo de filtragem, aprofundamento, enfim, de enriquecimento das matérias publicadas, o que nem sempre ocorre com as iniciativas comerciais.

3.2 - Participação e *Gatewatching*

Enquanto aumenta esta participação do público no esforço para dar conta da realidade social, ao mesmo tempo em que a mídia comercial começa a incorporar esta participação às suas estratégias de relação com o consumidor, torna-se claro que esta interface entre mídia e público ativo é constitutiva do processo de difusão de mensagens jornalísticas nos meios interativos.

A primeira impressão que a multiplicação de emissores pode provocar é a de que uma vez que um número cada vez maior de fontes de informação torna-se fácil e

⁹⁸ <http://www.latimes.com/>

rapidamente acessível ao público, a necessidade de que os jornalistas desempenhem a sua clássica função de filtragem parece encontrar-se abalada, como avalia Díaz Noci (2002, p.182). Por outro lado, como vimos na seção 3.1.3, a saturação de emissões não só torna ainda mais importante o surgimento de ainda mais instâncias de filtragem, como o próprio jornalismo de fonte aberta pode representar um esforço de aliar os aspectos aparentemente concorrentes de ampliar o número de emissores e constituir um espaço de filtragem colaborativa.

Díaz Noci define assim o *gatekeeping*: “Fundamentalmente, esta concepção pretende que o público conhece aquilo que os jornalistas – ou melhor dizendo, os veículos em que estes trabalham – querem que conheçam⁹⁹” (DÍAZ NOCI, 2002, p.182), em franca contradição, portanto, com o atual grau de abertura seja no que se refere à publicação, seja no tocante ao acesso.

Segundo Axel Bruns (2005, p. 11), o conceito designa o regime de controles presentes na produção das notícias destinado, não apenas a definir que notícias saem da redação para o consumo do público, mas da mesma forma, controla a coleta de dados, seleciona os eventos que são considerados aptos a virar notícia, ou seja, o *gatekeeping* age sobre as entradas e saídas de dados, assim como sobre a resposta do público, por exemplo: quais cartas ou críticas do leitor serão publicadas.

No esforço de compreender estas novas relações, Gillmor, (2004) e Bruns (2003) propõem que ao modelo tradicional de controle dos fluxos de informação, o *gatekeeping* realizado pelos veículos tradicionais, pode estar associado um processo paralelo do lado do público. O *gatewatching*, expressão adotada por Bruns (2003 e 2005), Primo e Träsel (2006), Hsing Wei (2006) para designar a operação de observação e divulgação de

⁹⁹ Fundamentalmente, esta concepción pretende que el público conoce aquello que los periodistas – o mejor dicho, los medios en que éstos trabajan – quieren que conozcan.

notícias presentes na mídia, aumentam as chances de uma matéria ganhar a atenção do público.

A fundamentação conceitual desta proposta é desenvolvida no livro de Axel Bruns: *Gatewatching – Collaborative Online News Production*¹⁰⁰ (2005). Para este autor, a mídia digital, da qual o maior exemplo é a *World Wide Web*, cria condições para que se possa contornar as barreiras jornalísticas impostas aos seus três portões, o autor quer dizer, coleta de dados, publicação dos artigos e dar visibilidade às críticas e comentários do público (BRUNS, 2005, p. 12). Para o autor, a Internet tem recrutado setores do público para a tarefa do *gatewatching*: “A observação dos portões de saída da publicação de notícias e de outras fontes, de modo a identificar material importante à medida que este se torna disponível¹⁰¹”.

Este trabalho de observação pode ser interno e externo, daí a sua importância para o conceito de jornalismo de fonte aberta, posto que esta dissertação leva em conta principalmente o fato de que nos veículos considerados, fazer parte da organização que o mantém não é condição necessária para a publicação de relatos, ou para a colaboração, complementação e crítica.

Os *gatewatchers* não podem guardar os portões através dos quais passam as notícias e informações em geral. Como a comunicação na internet e, em especial, nestes veículos, distancia-se do modelo baseado na emissão e recepção, caracterizando-se pelo fluxo de mensagens com base nas escolhas do usuário, os portões aqui já não são mais os locais através dos quais a informação chega até nós, mas, sim pontos de acesso na nossa busca por informação.

¹⁰⁰ *Gatewatching – Produção Colaborativa de Notícias em Rede.*

¹⁰¹ *The observation of the output gates of the news publication and other sources, in order to identify important material as it becomes available.*

O papel dos *gatewatchers* é vigiar esses canais e apontar as informações e fontes valiosas. Trata-se, portanto, de um trabalho de filtragem. A partir do conceito de *collaborative gatewatcher sites*, que Bruns propõe como resultado de esforços comunitários de *gatewatching*, torna-se evidente a relação deste tipo de *site* com nichos de mercado e públicos possuidores de necessidades muito específicas, que são justamente aquelas que podem beneficiar-se mais de novos mecanismos de seleção e filtragem.

3.2.1 – A Participação do público

Nestes *sites* colaborativos, a interação com o público é tão importante na produção das matérias, quanto à colaboração entre os seus co-autores. Ainda mais importante, o escrutínio permanente das saídas do processo pelos membros desta comunidade é o mecanismo de detecção e correção de erros do qual depende a credibilidade dos veículos que se encaixam neste perfil, é este escrutínio que aproxima a “*Linus Law*”¹⁰² do *open source* e o *gatewatching* interno.

Aqui o conceito de participação do público precisa ser detalhado. Para Bowman e Willis (2003, p. 33) esta participação pode dar-se nos seguintes níveis:

1. Comentário: esta é a função mais popular, presente hoje em quase todos os *sites* de notícias através servidores de bate-papo, fóruns, ou *blogs*. Pertencem ainda a esta categoria os *blogs* de especialistas independentes, *gatewatchers* profissionais.
2. Filtragem e edição: Os membros de uma determinada comunidade guiam aqueles com quem possuem interesses em comum até novas fontes de informação. Coletam e editam material de diversas fontes distintas etc.

¹⁰² “quanto maior o número de observadores, menor o tempo exigido para que as falhas tornem-se aparentes” vide página 60.

3. Averiguação de notícias: diz respeito à possibilidade de verificar se todos os dados de uma notícia são verdadeiros, ou checar se o autor ouviu mais do que um único lado da questão etc.
4. Reportagem independente: neste caso o membro do público que tiver acesso a fatos que possam tornar-se notícias enviam seus relatos ao veículo. O mais comum nos veículos comerciais ainda é o envio de fotos de celulares, apesar de virem surgindo iniciativas como *Vc repórter* da *Terra Networks* ou *I report* da *CNN*, entre outros.
5. *Annotative Reporting*: o produto das interações com o público adiciona ou supre deficiências da matéria original.
6. *Open source* e *peer review*: os autores referem-se especificamente à submissão dos artigos do veículo à avaliação permanente dos seus leitores, permitindo a estes interferir e propor novas abordagens. Segundo os autores este modelo é, portanto, mais adequado a *sites* especializados em determinados nichos de interesse, que atendam públicos especializados no tema, o que maximiza a eficiência do modelo.
7. Transmissões em áudio e vídeo
8. Compras, vendas e publicidade de produtos.
9. Compartilhamento de conhecimentos.

Pode-se constatar que o conceito de *gatewatching* de Bruns (2005) atende à maior parte das categorias de participação listadas por Bowman e Willis (2003), especificamente às seis primeiras, que são aquelas que importam a um *site* noticioso.

No modelo de produção do jornalismo de fonte aberta, a interação com o público, precisa ser levada aos níveis de participação listados por Bowman e Willis de modo que possa ser incorporada e integrada ao processo produtivo do noticiário, assim como à melhoria continua da qualidade do produto final. Parte fundamental deste processo é a realização de *gatewatching* seja internamente, zelando pela verificação e correção de dados, contribuindo e comentando o trabalho dos outros membros, seja externamente pesquisando as fontes de informação do *site*.

3.2.2 – *Motivação da participação*

Já que a participação do público é aquilo que move os *sites* aqui estudados, devemos empreender algum esforço no sentido de compreender de que forma o público é mobilizado para esta tarefa.

Como mostram Bowman e Willis (2003, p.38), a partir dos trabalhos de Abraham Maslow e Amy Jo Kim, as pessoas participam de uma comunidade *online* em busca da sensação de identidade e pertencimento a um grupo; do reconhecimento deste grupo ao valor das suas contribuições e portanto, da melhoria da auto-estima; e, finalmente, em busca do aprendizado e auto-realização.

No caso específico do jornalismo participativo os autores listaram os seguintes desejos:

1. Ganhar *status* e construir uma reputação na comunidade. As pessoas desejam mostrar seus conhecimentos e serem reconhecidas como autoridades em um determinado assunto.

Fica claro que os sistemas de reputação e a “meritocracia” do modelo *open-source* de produção adaptaram-se bem a este aspecto do jornalismo participativo. Outro elemento a destacar é a noção de que a participação levaria ao reconhecimento público da perícia do usuário em um determinado assunto. Devemos, por conta disto, supor que este desejo é mais bem atendido por um veículo voltado para uma comunidade restrita de especialistas ou militantes do que por um veículo generalista?

2. Conexão com outras pessoas com base em interesses comum.

Mais uma vez parece que a motivação à participação do público é direcionada antes a comunidades restritas por certos interesses compartilhados do que a públicos generalistas.

3. Compreender e dar sentido aos acontecimentos nos termos do próprio público, ao invés do recurso tradicional da mídia de massa aos especialistas de plantão.

Esta necessidade aumenta principalmente num contexto de expansão dos emissores midiáticos, onde, ademais, desconfia-se das distorções operadas por agentes políticos e econômicos (BOWMAN e WILLIS, 2003, p.40). Mesmo nas comunidades dos especialistas, critica-se a falta de profundidade da mídia de massa, enquanto, por seu turno, os militantes reclamam sempre da distorção ideológica da mídia corporativa. Parece-nos clara a indicação de que existe mais motivação à participação nas comunidades restritas.

4. Informar e ser informado.
5. Entreter e ser entretido
6. Criar.

Todas estas motivações beneficiam-se do baixo custo das emissões em rede, da possibilidade de encontrar um público, por pequeno e disperso que este possa ser, e de oferecer informação muito rara, controvertida ou “obscura” (BOWMAN e WILLIS, *id*, *ibid*). Em todas as motivações listadas, pode-se encontrar indícios de que a satisfação do público com a sua participação será maior no “*thin media*” ou “*narrow casting*”, ou seja, em *sites* voltados para nichos de mercado e públicos com interesses muito específicos.

3.3 – Nova ecologia dos *media*?

Além do jornalismo de fonte aberta, a função de *gatewatching*, interna ou externa, é típica de todos os formatos participativos estudados por Gillmor, como exemplos de uma relação dialógica entre público e mídia, assim como dos exemplos de “*we media*” citados por Bowman e Willis (2003), ou da blogosfera segundo Granieri (2005). Para Bruns (2005) tanto publicações P2P em geral, quanto o jornalismo

participativo, ou ainda o modelo *open source* realizam, uns mais, outros menos, esta função de controle e divulgação de mensagens.

Podemos afirmar que, além da publicação de notícias em primeira mão, o *gatewatching* é uma função essencial compartilhada por todos os formatos e modelos de produção típicos no contexto sócio-técnico, a partir do qual surge o nosso objeto de estudos.

Diversos autores chegam a esta conclusão, a começar por John Hiler (2002) que concebe os dois fluxos de informação características desta atividade, que ele estuda no contexto das trocas entre blogosfera e mídia impressa. Para Hiler, tanto a matéria prima para a confecção das notícias passa a chegar ao jornalismo tradicional, a partir dos *blogs*, quanto críticas, complementações e correções feitas aos seus produtos pelos mesmos *blogs*. Trata-se, portanto, de duas instâncias sucessivas de produção: publicação de conteúdo original e o *gatewatching* que devem, segundo Hiler, interagir de forma a estabelecer a verdade dos fatos.

Algumas limitações podem ser apontadas aqui: em primeiro lugar percebe-se que ele define formas de jornalismo de fonte aberta como *Slashdot* e *Kuro5hin* como *blogs* coletivos, ou comunitários; em segundo lugar esta mesma relação de complementaridade pode ser encontrada entre outras fontes participativas e a mídia comercial.

Desenvolvendo as idéias de Hiler, Bowman e Willis (2003), conceberam a emergência de um novo “Eco-sistema Midiático”, representado pela Figura 1, que mostra a visão proposta pelos autores das relações entre *blogs*, jornalismo participativo e de fonte aberta, com o jornalismo tradicional. Este esquema propõe que, juntamente com as aberturas à participação oferecidas pela mídia comercial, as formas

operado tanto pelos jornalistas, quanto pelo seu público, em busca da maior aproximação possível da realidade dos fatos.

Outras perspectivas tentam compreender o entrelaçamento da mídia participativa, da blogosfera e das publicações P2P (BRUNS, 2005) com a mídia tradicional assim como sua influência no campo jornalístico. Por exemplo, os conceitos de Herbert Gans como o de noticiário multi-perspectivo, que para Bruns (2005, p. 25) representam o *modus operandi* dos sites dedicados ao *gatewatching*. Outra contribuição de Gans, adotada por Bruns, é o modelo da mídia dividida entre duas camadas complementares, uma representando os veículos tradicionais e outra dedicada ao noticiário multi-perspectivo preconizado por Gans, uma das funções principais desta segunda camada seria:

Eles estariam voltados primeiramente a re-analisar e re-interpretar as notícias coletadas pela mídia central – e pelas agências de notícias – para seus públicos, adicionando seus próprios comentários e apoiando-os com tanta reportagem original, particularmente para apoiar notícias de serviço, representativas e vindas das bases, tanto quanto fosse financeiramente viável¹⁰³ (GANS, 1980, p. 318 *apud* BRUNS, 2005, p. 26).

Basta pensar na camada “multi-perspectiva” de Gans como uma iniciativa vinda do próprio público, ao invés da forma de jornalismo cívico que ele propõe e teremos o modelo apresentado por Bowman e Willis (2003) a partir das idéias de Hiler (2002).

A idéia de ampliação do campo jornalístico apresentada por Carlo Sorrentino (2006), é outra abordagem empreendida no sentido de compreender as inter-relações entre jornalismo tradicional e mídia participativa como um processo de transformações

¹⁰³ They would devote themselves primarily to reanalyzing and reinterpreting news gathered by the central media – and the wire services- for their audiences , adding their own commentary and backing these up with as much original reporting, particularly to support bottom-up, representative, and service news, as would be financially feasible.

e adaptações mútuas, que reaperentariam antes uma diversificação do campo jornalístico do que uma superação evolutiva do jornalismo tal como é feito hoje em dia.

O certo é que um terceiro elemento impõe-se na internet entre veículos tradicionais e público leitor. Trata-se de uma série de iniciativas que mesclam as características das duas entidades anteriormente separadas de emissores e receptores. O objetivo é interagir mais ativamente tanto com públicos específicos, quanto com os veículos tradicionais, ampliando as instâncias de filtragem das informações disponíveis *online*, produzindo informação em primeira mão, comentários, críticas, correções e reflexão pública a respeito da cobertura jornalística e de seus temas.

Participando desta nova instância do eco-sistema midiático, os casos que interessam a esta pesquisa têm em comum a importância destas atividades internas e externas de *gatewatching*: o público não se restringe ao papel de ler conteúdos, e escolher seus percursos no hipertexto, tampouco se restringe a comentar o que lê, mas pode assumir a autoria das matérias que acessa, debater cada artigo, se assim desejar e inclusive influenciar a edição do conteúdo do *site*. O que diferencia os veículos estudados é o grau de abertura, facilidade e responsabilidade concedido aos interagentes no desempenho da filtragem do material.

Para testar até que ponto os diversos casos obtêm sucesso em viabilizar este processo de produção iniciaremos, no próximo capítulo, a avaliação das suas coberturas, descobrindo até que ponto ocorre uma verdadeira democratização das emissões, e que estratégias mais favorecem este fenômeno. Além disto, testaremos como este modelo funciona para diferentes públicos (militantes, especializadas, generalistas etc.), segundo diferentes abordagens: favorecer o *gatewatching* e o comentário ou a produção original e factual.

4 - Possibilidades e restrições à participação.

Neste capítulo apresentaremos os resultados do estudo comparativo dos casos escolhidos. O capítulo descreve a interface gráfica de cada veículo, assim como oferece uma visão das seções e categorias em que os artigos estão organizados. A seguir focalizaremos o processo de edição utilizado em cada caso, detalhando a estratégia de cada veículo para garantir a qualidade dos artigos publicados e os papéis atribuídos ao público neste processo.

Na terceira parte, colocaremos à prova cada um dos casos, com base na pesquisa das coberturas, buscando quantificar os atores do processo produtivo e a distribuição das oportunidades de publicação. A seguir serão mapeadas a organização e priorização dos temas e, finalmente, caracterizaremos cada *site* no que se refere à escolha entre priorizar a publicação de conteúdo original, *versus* o exercer função de *gatewatching*, a seleção e a crítica da atuação de outros emissores.

Finalmente realizaremos as comparações entre os veículos. Alguns dados que apresentaremos como destaques ao longo do capítulo não poderão ser generalizados devido à grande heterogeneidade do corpus escolhido. Faremos as observações cabíveis, assim mesmo, a seu devido tempo, de modo a caracterizar o que é peculiar a cada caso estudado.

4.1 - Interface Gráfica

O primeiro elemento que precisamos analisar é a interface gráfica dos *sites*. Procederemos a uma descrição sucinta da organização geral dos seus elementos, chamando a atenção para o espaço destinado ao conteúdo, à navegação e a ênfase nos dispositivos voltados a encorajar a participação do usuário. No geral as interfaces são

bastantes simples e sua usabilidade é pouco inovadora, mas satisfatória, ficando, por esta razão, esta forma de avaliação de fora do nosso trabalho.

4.1.1 - Slashdot

Como nota Bruns (2005, p. 35), o foco central do *Slashdot* está na junção entre notícias e comentários. Como podemos observar na Ilustração 2, logo abaixo da discreta barra de título do *site* vêm os *links* com as opções para fazer o *login* no caso dos usuários registrados, registrar os novos usuários e assinar o *site*. Mais abaixo a **coluna central** do *site* apresenta, em destaque, o conteúdo publicado, ocupando entre 50 e 60 % da largura da página. Curioso notar que a primeira matéria costuma perder espaço na página por competir com o anúncio publicitário quando este vem localizado no canto superior direito da parte de conteúdo.

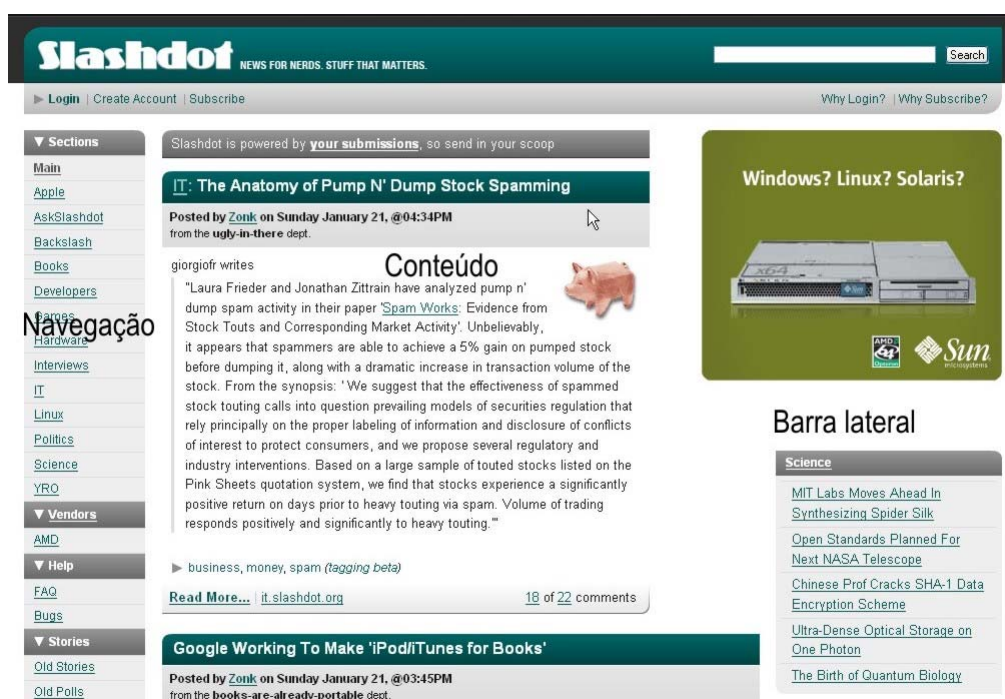


Ilustração 2 – Divisão funcional da interface com o usuário (Slashdot)

Os **anúncios** neste formato costumam ocupar algo próximo a 300 pixels (30% da largura da página), à custa do rebaixamento da coluna da direita que ocupa 23% da largura e diminuição da coluna central de 60% para 50% da largura. Já no formato mais

comum de *banner*, os anúncios vêm logo abaixo da barra de título, rebaixando para isto toda a seção de conteúdo.

A **coluna direita** traz notícias em destaque organizadas por seção; os *tags* indicando os temas mais discutidos, que podem ser usados como uma forma alternativa de navegação; enquetes; histórias do dia anterior e mesmo mais antigas; resenhas de livros e *links* diversos.

A **coluna da esquerda** é destinada à navegação e ocupa 12% da largura do *site*. Ali se tem acesso às seções temáticas do *site*, algumas dedicadas à informática, mercado de trabalho e internet como: *Apple*, *Developers*, *Games*, *Hardware*, *IT*, *Linux* e *YRO* (*Your Rights Online*); assim como às seções genéricas como *Books*, dedicada a resenhas, *Interviews*, *Politics*, *Science*; e ainda seções exclusivas como *Ask Slashdot*, que tira dúvidas ou alimenta discussões sobre temas propostos pelo público e *Backslash*, em que um membro da equipe comenta a repercussão dos artigos publicados na véspera.

Existem ainda na coluna esquerda *links* para as FAQs, e para relatar problemas no uso do *site*, *link* para uma página de *releases* do patrocinador AMD, uma seção que permite visitar matérias e enquetes antigas, *hall* da fama e o *link* para enviar artigos à equipe de edição. Interessante notar o pouco destaque que o *site* dá a esta opção nesta coluna. A principal forma de incentivar a participação do público vem de um *link* que fica logo acima da primeira matéria, encorajando o usuário a enviar artigos, candidatar-se a meta-moderador, criar entradas nos *Journals*, que serão automaticamente consideradas pela edição, além das vantagens de se assinar o *site* etc.

Cada **página de seção** utiliza exatamente o mesmo *layout*, mas com esquemas de cores completamente diferentes entre si.

As páginas dos artigos:

Segundo o padrão do jornalismo na *web*, cada artigo é apresentado em uma página separada, com a série de comentários logo abaixo. O diferencial no caso do *Slashdot* é o painel de controle, apresentado na Ilustração 3, que permite escolher que comentários se deseja ver, segundo a atualidade ou a qualidade atribuída pela moderação a cada comentário.

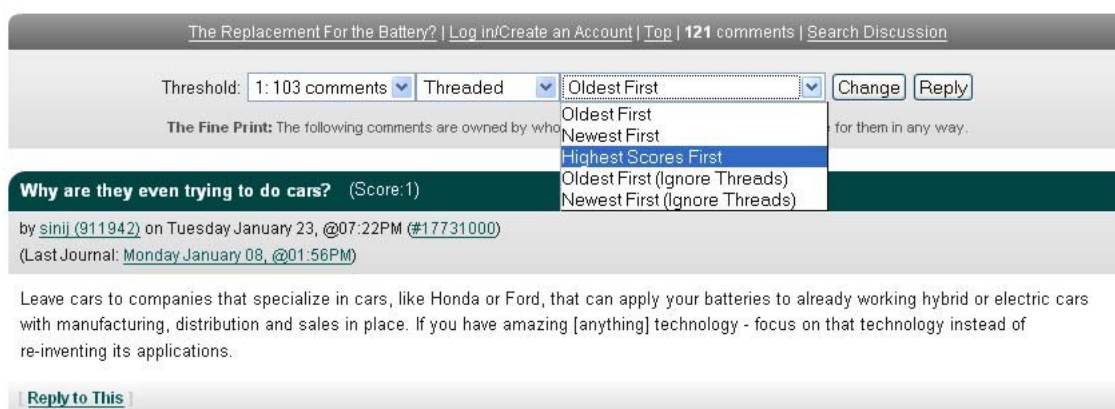


Ilustração 3 – Painel das notícias do Slashdot

Todos os comentários recebem notas de -1 até 5, desta forma, pode-se ver, (tomando um exemplo aleatório), todos os 390 comentários de um determinado artigo, os 325 com nota superior a 0, 223 acima de 1, 59 acima de 2, os 35 acima de 3, ou os 15 comentários com nota igual a 5. Além da nota numérica, os moderadores atribuem qualificações subjetivas aos comentários como: interessante, informativo, divertido etc. O usuário pode ordenar os comentário segundo vários critérios, tais como cronologia, qualidade, de forma a acompanhar ou ignorar cada discussão específica (*threads*).

A seguir vêm os comentários organizados como num fórum de discussões, sendo que as respostas que estão abaixo do nível de qualidade que o usuário estabeleceu não são imediatamente visíveis, devendo ser selecionadas, caso o leitor esteja interessado

em seguir o encadeamento da discussão, sem importar-se com a qualidade dos argumentos.

4.1.2 - Indymedia e Centro de Mídia Independente

Quem visita o endereço do *Indymedia* ou o *Centro de Mídia Independente - Brasil* encontra as divisões que podemos observar na Ilustração 4 :



Ilustração 4 – Divisão funcional da interface com o usuário (Indymedia).

No caso do *site* global *Indymedia.org*, logo abaixo da barra de título, encontramos os *links* essenciais: *features archive*, para as matérias da coluna central que já foram arquivadas; *newswire*, para as matérias publicadas na coluna da direita; *publish*, para que o usuário possa enviar matérias para a coluna lateral e *about*, com informações sobre o *site*.

No caso do CMI-Brasil, como podemos notar na Ilustração 5, sob o logotipo encontra-se o menu principal contendo os seguintes *links*: **Sobre o cmi**, **Ajuda**, **Contato**, **Seja Voluntário**, **Política Editorial**, **Notícias** que leva para o arquivo *newswire*, e **Publique**.

A **coluna da esquerda** é a barra de navegação tanto para as seções internas quanto para os todos os *sites* da rede global *Indymedia*. Ali se pode encontrar *links* para as versões traduzidas do *site*, para o material em outras mídias, arquivos de notícias antigas e dos artigos escondidos, para a documentação do *site*, *links* para o bate-papo da rede, além do serviço de busca e finalmente, para os projetos da rede global. No caso do *Indymedia*, a coluna da esquerda é encabeçada pela lista de idiomas em que as artigos da coluna central são traduzidos por voluntários.

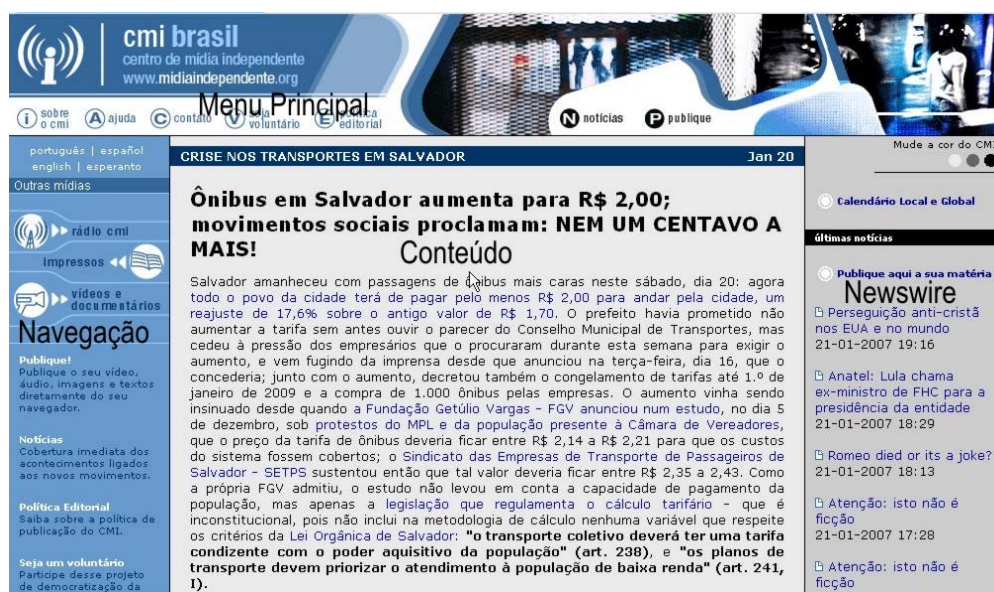


Ilustração 5 – Divisão funcional da interface com o usuário (CMI)

A **coluna central** é o espaço alocado para as notícias produzidas pela própria rede *Indymedia*, administrado pelo coletivo editorial, no caso de cada centro local, e por uma equipe de editores de diversos centros pelo mundo, no caso do *Indymedia.org*. Em tese, esta coluna pode veicular notícias publicadas na coluna da direita. Segundo a documentação do CMI: seria a “primeira página” do veículo. “Nela são publicadas as notícias mais importantes que aparecem na coluna da direita (de publicação aberta) ou sugeridas pelos coletivos locais”. Na verdade, notícias da coluna da direita chegam à coluna central após a filtragem e redação realizada pelo coletivo editorial, assim como

quando as matérias do jornalismo comercial são formuladas com base em *releases* enviados à redação (HOLANDA, 2004).

No *site* internacional do *Indymedia*, esta coluna central já aparece preenchida, segundo o endereço IP do usuário, com as matérias traduzidas para o seu idioma, desde que haja traduções para estas matérias.

A **coluna da direita** é a parte do *site* dedicada à interação com o usuário. No caso do CMI-Brasil, pode-se escolher a versão de *layout* e esquema de cores da página, nos dois casos, checar os calendários local e global, além é claro das notícias enviadas pelo público. Os artigos enviados mais recentemente para o *site*, através da publicação aberta, ficarão publicados aí, a menos que o editor os envie para a seção de “artigos escondidos”¹⁰⁴ ou apague-os completamente. Também esta coluna tem acréscimos no *site* internacional, que traz acima do *Newswire* o *link* do *Live IMC Coverage*, com emissões em áudio dos Centros de Mídia Independentes de todo o mundo.

Nenhum dos dois *sites* oferece uma lista de seções temáticas que se possa consultar, e a partir das quais se inicie a navegação. Na verdade, tanto a coluna central, quanto a coluna da direita são como os *blogs* mais simples, não revelando grande esforço com a estruturação do conteúdo.

4.1.3 – AgoraVox

A primeira coisa que chama a atenção de quem observa a interface do *AgoraVox* é o destaque dado ao incentivo para atrair redatores para o *site*. A Ilustração 6 mostra que o topo da página é um chamado à contribuição: “Você tem uma notícia? Publique

¹⁰⁴ A página “Artigos Escondidos” é onde ficam os artigos retirados da “Coluna da Direita” pelo Coletivo Editorial. Eles saem da primeira página, mas continuam disponíveis.

seu artigo! Torne-se repórter cidadão no AgoraVox.fr¹⁰⁵”. O logotipo da barra de título vem apenas abaixo deste chamado e vem ladeado por duas caixas, uma para realizar o registro dos redatores e outra para realizar a inscrição dos novos usuários.



Ilustração 6 – Divisão funcional da interface com o usuário (AgoraVox)

Logo abaixo, duas barras de navegação horizontais, dando acesso às notícias segundo as seções do *site*, segundo as edições diárias, (raramente durante finais de semana), uma série de *links* sobre o *site* seus iniciadores etc., um campo de busca, além, é claro, do *link* para publicar um artigo. As seções apresentadas são as áreas temáticas clássicas do jornalismo: *Citoyenneté*, *Economie*, *Environnement*, *Europe*, *International*, *Médias*, *Politique*, *Santé*, *Société* e *Tribune Libre*¹⁰⁶. Esta última destinada aos textos de caráter opinativos.

¹⁰⁵ Vous avez une actualité? Publiez votre article! Devenez Citoyen reporter sur AgoraVox.fr

¹⁰⁶ Cidadania, Economia, Meio-ambiente, Europa, Internacional, Mídia, Política, Saúde, Sociedade e Tribuna Livre.

Os artigos são apresentados à esquerda em coluna dupla, sendo que a notícia principal recebe o destaque do topo da área de conteúdo, ocupando as duas colunas, com um fundo de cor diferente do branco padrão.

Cada artigo é apresentado em uma caixa com a sua respectiva seção temática identificada, título e o trecho inicial do texto. Abaixo deste, segue a identificação do autor, o número de comentários (inclusive em áudio mp3), e uma breve lista de artigos do mesmo redator.

À direita das notícias vêm duas caixas em destaque. A primeira de *dossiers*: coberturas de temas específicos como (ainda) o 11 de setembro de 2001, Oriente Médio, violência urbana, entre outros, mais abaixo segue o perfil de um autor em destaque e, a seguir, a lista com os redatores mais ativos. Diversos elementos sugerem que este *site* identifica sempre e valoriza muito os seus redatores, e o caráter autoral do conteúdo por eles produzido.

Completam a página alguns anúncios, sempre à direita, chamadas para a programação da *AgoraVox Tv*¹⁰⁷, resenhas de imprensa e de *blogs*, entre outros.

A página de artigos dá todo o espaço sob as barras de navegação horizontal ao texto do redator, no início e no fim existe um painel de interação como o que trazemos a seguir, com *links* para comentários, uma avaliação gráfica e interativa do artigo, além de outras opções úteis, como se pode ver na Ilustração 7.



Ilustração 7 – Painel das notícias do AgoraVox

¹⁰⁷ www.agoravox.tv

4.1.4 - Wikinews e Wikinotícias

As interfaces do *Wikinews* e *Wikinotícias*, apresentadas pelas ilustrações 8 e 9, respectivamente, seguem o padrão do projeto que lhes deu origem: a enciclopédia *Wikipedia*. A maior parte da página é dedicada ao conteúdo, sobre cada página existem os *links* mais importantes do sistema *wiki*: a página de discussão do artigo, a página fonte que qualquer usuário pode editar e o histórico das edições realizadas no artigo.

Os artigos frequentemente trazem ilustrações e fotos, e são por padrão seguidos pelas caixas: Notícias relacionadas, Fontes citadas e Categorias relacionadas ao tema do artigo. Ainda complementando o texto costumam estar presentes caixas que trazem informação adicional, frequentemente originárias da *Wikipedia*, sobre os personagens, temas ou países presentes na notícia.

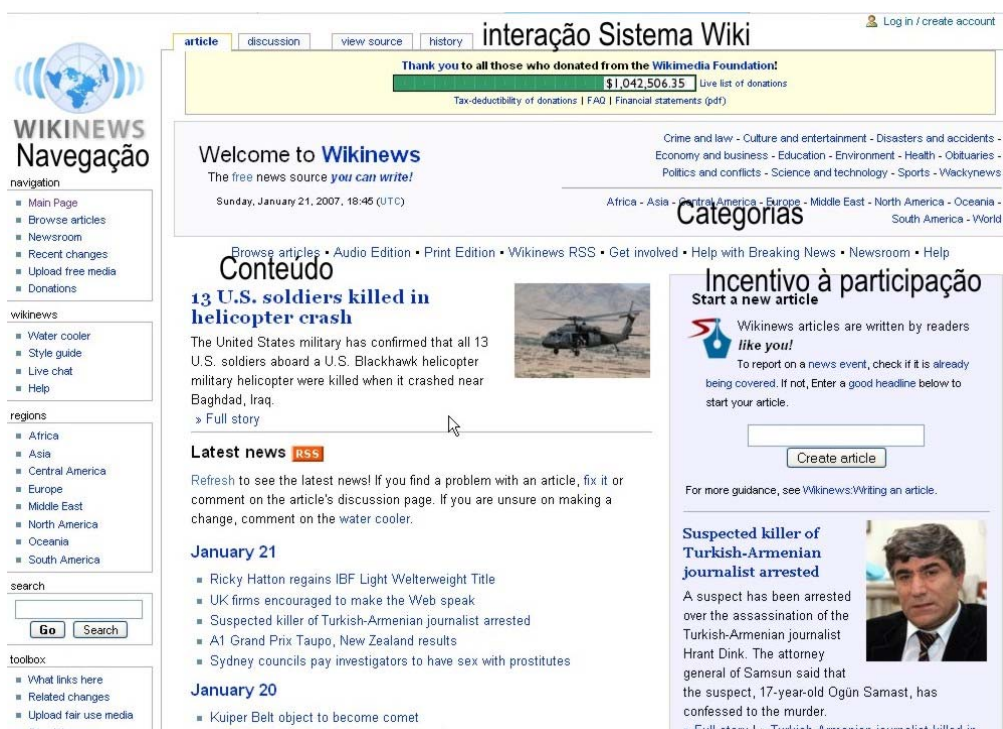


Ilustração 8 – Divisão funcional da interface com o usuário (Wikinews)

A **coluna de navegação** à esquerda é muito parecida com a da enciclopédia, e oferece opções para navegar pelas notícias por regiões ou países, por categorias, por

data, ou por tópicos. Trata-se de uma transposição nem sempre conveniente dos índices da enciclopédia para o contexto noticioso, onde listas alfabéticas são quase sempre menos úteis do que as cronológicas e onde as listas, seja qual for o critério segundo o qual estejam organizadas, terminam perdendo o mais importante de todos os critérios num veículo noticioso: o valor notícia. Além disto, a coluna da esquerda conta com campo de mecanismo interno de buscas, *links* para seções organizando as notícias por regiões e para os *sites* *wikinews* em diversas línguas.



Ilustração 9 – Divisão funcional da interface com o usuário (WikiNotícias)

A página da **redação** - *Newsroom* no *Wikinews* e *Área de Trabalho* no *Wikinotícias* - exibe o processo de produção do noticiário, com os artigos em fase de produção, os pedidos de auxílio ou de contribuição adicional, as disputas em torno das matérias problemáticas, artigos que podem ir para lixo caso não apareça quem os edite de forma a estarem adequados para a publicação, etc.

As página da comunidade do Wikinews e do Wikinotícias (respectivamente *WaterCooler* – Esplanada) são os locais de conversas e discussões a respeito de propostas de mudanças, divulgação de técnicas de trabalho, dúvidas sobre a organização do *site*, aprimoramento dos procedimentos editoriais etc.

4.2 - Papéis e poderes

A outra dimensão (talvez a mais importante) da interface de interação entre público e *site* é a estrutura organizacional da produção do noticiário. Como propusemos no final do segundo capítulo, os limites que separam o público das pessoas que controlam o discurso dos veículos estudados não desapareceram completamente, mas recuaram para onde é mais importante, a função de edição.

Por esta razão precisamos considerar também esta interface que, como faz toda interface, ao mesmo tempo em que põe dois pólos em contato, marca a separação existente entre eles.

4.2.1 - O Coletivo Editorial do Indymedia

Nos casos local e internacional da rede *Indymedia*, o foco principal da análise há de ser a divisão do conteúdo entre a coluna central, onde ficam os editoriais (matérias produzidas pela equipe do coletivo de edição), e a coluna da direita, ou *newswire*, alimentada via *software* de publicação aberta que posta os artigos enviados pelo público. Esta separação determina duas formas distintas de interação com o usuário, onde a questão da mediação se torna fundamental.

O slogan do *Indymedia* “Não odeia a mídia, seja a mídia¹⁰⁸” precisa ser confrontado com esta divisão do discurso do noticiário. A rede de coletivos se propõe

¹⁰⁸ “Don’t hate the media, be the media”.

como canal aberto, através do qual o público em geral pode publicar as suas notícias. Esta promessa é realizada apenas na coluna da direita, onde ocorre a estratégia de publicação aberta, defendida pela comunidade. No entanto, com a coluna central, a própria organização criou, mantém e destaca um espaço em separado, onde publica as suas próprias matérias, agindo, portanto, como mediadora entre o público e a realidade que propõe representar com o seu discurso. Ou seja, prometendo transparência, está, na verdade, remediando a relação com público (BOLTER E GRUSIN, 2004).

A coluna central é editada e organizada segundo critérios jornalísticos, apesar de estruturalmente ser exatamente como um *blog*. O coletivo editorial possui os meios para enriquecer e modificar as matérias quando necessário. Já a coluna da direita é organizada apenas pela atualidade. É uma simples coleção de mensagens, não necessariamente notícias. Ao contrário do que ocorre com a coluna central, a presença de uma mensagem neste espaço não lhe atribui valor jornalístico. A atividade do coletivo de edição geralmente se limita a retirar da coluna aquelas mensagens ofensivas ou sem valor noticioso, como comentários, queixas e anúncios diversos. Trata-se, portanto, de uma seleção restrita à desqualificação. Quando considerada válida, uma notícia veiculada aí está destinada a ser transferida para os arquivos, com base apenas na sua atualidade, freqüentemente, questão de minutos.

Na verdade não existe diferença técnica entre a coluna da direita e o arquivo; trata-se de um repositório dinâmico de dados (o *newswire*), do qual a coluna da direita retira constantemente os registros mais recentes. A publicação aberta automática (tudo o que for enviado irá aparecer no *site*) age apenas sobre o *newswire* e, portanto sobre a coluna da direita. A coluna central é editada sob controle humano e segundo os critérios decididos pelo coletivo editorial.

Em que pesem as diferenças citadas entre o *newswire* (de fácil acesso para quem porventura se interessar) e um arquivo jornalístico tradicional, o destino dos artigos que passam pela coluna da direita é o descarte ou o esquecimento em meio à confusão decorrente do acúmulo de mensagens freqüentemente sem valor jornalístico e, com muita freqüência, sem qualquer sentido (HOLANDA, 2004).

A possibilidade de que o coletivo de edição alimente a coluna central com notícias confeccionadas a partir de material da coluna da direita não torna as duas colunas equivalentes, no que se refere ao valor jornalístico. A matéria só é considerada válida para a coluna central quando escolhida através da mediação operada pelo coletivo editorial, exatamente como ocorre com uma sugestão de pauta enviada para a redação de um jornal comercial. Com este poder, os membros do grupo de edição agendam e selecionam o conteúdo do noticiário, exatamente como faz qualquer editor corporativo, ainda que segundo valores distintos. O que o coletivo de edição realiza é mediação, (MARTIN-BARBERO, 2003), esta não é neutra nem se confunde com a atuação do usuário, não importa o grau de interação que este adote através da publicação aberta.

Apesar disto, pode-se argumentar que o projeto em questão só se realiza em todo o seu potencial na medida em que incentiva o engajamento do usuário em uma nova relação com a notícia. Devemos supor que a proposta de que o público pode se tornar mídia se refere muito mais à possibilidade de participar das discussões *online* e engajar-se nos coletivos da rede *Indymedia*. Neste sentido, a rede internacional e o seus coletivos é bastante aberta à participação e, como sugere Martin-Barbero (2003), através da mediação e não das características do meio, abre ao público a oportunidade de participar da edição do conteúdo.

Esta perspectiva está de pleno acordo com o programa de três pontos da cibercultura, segundo Pierre Lévy: a interconexão, a formação de comunidades virtuais

e a inteligência coletiva (LÉVY, 1999, p. 127). Uma característica fundamental desta proposta é a de considerar estes três pontos como complementares e mutuamente implicados. Tendo isto em vista, é necessário considerar as características da comunidade virtual criada em torno do *Indymedia*. Desta forma devemos contar com a estrutura organizativa da rede de coletivos como espaço de mediação dotado daquelas propriedades que garantiriam a abertura de oportunidades à atuação dos voluntários. A análise da cobertura do *CMI-Brasil* e do *site Indymedia.org* deve buscar compreender as dificuldades enfrentadas e avaliar até que ponto foram bem sucedidos na realização da sua proposta.

4.2.2 - A função de moderação do Slashdot

O *Slashdot* representa uma tentativa de se construir o noticiário em regime colaborativo, de acordo com os valores da “Ética *Hacker*¹⁰⁹” e do *software* de “código aberto”, principalmente a liberdade de acesso, a colaboração e a não mercantilização (MOURA, 2002) e (NOGUEIRA, 2002).

No caso do *Slashdot*, qualquer usuário pode enviar artigos, inclusive preservando o anonimato, sendo que neste caso o artigo será atribuído a *anonymous coward*¹¹⁰. No entanto, o simples envio não garante a sua publicação. Os artigos são filtrados pelos editores e só aqueles que despertem interesse e estejam de acordo com as diretrizes do *site* serão publicados. Toda a relação com o *site* pode ser virtual, sendo que a participação responsável é premiada com o estatuto de moderador, como explica Catarina Moura (2002).

¹⁰⁹ Conjunto de regras de atuação dos *hackers* que rejeitam a conduta criminosa de alguns pares e que defendem o livre acesso a sistemas informáticos a livre distribuição de informação.

¹¹⁰ Covarde anônimo.

“Os moderadores são escolhidos pelo sistema entre os utilizadores mais assíduos e com uma contribuição mais positiva. A sua função é atribuir uma pontuação aos comentários submetidos. Os comentários mais pontuados são, conseqüentemente, os mais lidos. O estatuto de moderador é temporário, de modo a salvaguardar a pluralidade de idéias que caracteriza o */site/*. Por outro lado, e para prevenir eventuais abusos, não lhe é permitido submeter comentários nas discussões que está a moderar”.

Para tornar-se moderador, o usuário deve ser registrado e fazer *login* regularmente, para que o sistema possa manter seu perfil atualizado. Ser um leitor regular e antigo, segundo critérios relativos, decididos pelo *software* que faz as avaliações, de forma a descartar alguns milhares de usuários recentes ou inconstantes e considerar apenas um percentual pequeno, uma elite, de usuários.

Quando um usuário é **registrado** no sistema, ganha:

- o direito de possuir um *blog* pessoal (*journal*), criar preferências pessoais que possam ser salvas entre diferentes utilizações;
- possuir uma lista de *bookmarks* compartilhados;
- a possibilidade de definir categorias como *Friends & Foes*, de forma a considerar afinidades e desavenças pessoais quando avaliar uma discussão ou um comentário recebido;
- pode ser escolhido pelo sistema para os papéis de moderador ou meta-moderador;
- Publicar comentário com um escore: 1 ao invés do zero atribuído ao usuário visitante, segundo o *site*, isto significa que duas vezes mais pessoas iram ler seus comentários.

O **usuário assinante**, pagando uma assinatura de 5 dólares, pode visualizar 1000 páginas sem os anúncios publicitários. Este sistema destina-se a oferecer o serviço sem onerar excessivamente os usuários que visitam o *site* com menos freqüência. Segundo

as explicações do *site*¹¹¹, vinte dólares seriam suficientes para que 82% dos leitores possam utilizar o *site* sem anúncios por um ano.

E além de tudo isto o usuário deve possuir um bom *karma*¹¹². Segundo o modo como seus artigos foram avaliados pela edição do *site*; como seus comentários foram avaliados pelos moderadores; por sua vez, caso já tenha sido moderador, como sua moderação foi avaliada pelos meta-moderadores; e finalmente como foi o seu eventual desempenho como meta-moderador.

Cada usuário possui um karma que pode assumir os valores: terrível, mal, neutro, positivo, bom ou excelente e que influenciará a atenção recebida por este nas próximas interações, seja enviando artigos, moderando ou sendo avaliado. Os FAQs do *site* chamam a atenção para um detalhe: ser avaliado como engraçado (*funny*) não melhora o seu karma. “Você deve esperto e não um espertinho¹¹³”.

Vale acrescentar que além de dar notas de -1 a 5, os moderadores qualificam subjetivamente os comentários com *tags* como *informative*, *funny*, *insightful*, que podem ser utilizados para orientar a leitura de cada usuário.

Resumindo os papéis assumidos pelos diferentes participantes: a edição é realizada exclusivamente pelo *staff* do *site*, a moderação e meta-moderação pelos usuários registrados e todos os usuários podem enviar matérias, ou comentários, mesmo anonimamente.

Fica claro desta forma que apenas no que se refere à publicação e moderação dos comentários, este seria um modelo de jornalismo propriamente aberto. Apesar disto, deve-se levar em conta que o grupo de editores não realiza seu trabalho a partir de

¹¹¹ <http://slashdot.org/article.pl?sid=02/03/01/1352200&mode=nocomment>

¹¹² Karma é o score que cada usuário identificado acumula a cada interação com o sistema.

¹¹³ *You have to be smart, not just a smart-ass.*

critérios jornalísticos. Não se trata de edição jornalística propriamente dita, mas, sim de um modelo de *peer-review* aceito como válido pelo público.

No entanto, persistem os fatos de que esta organização instaura uma hierarquia de papéis fixos, os quais o público não pode mudar ainda que não se deva esquecer que o *site* como um todo, apesar de ser mantido por um grupo restrito, é permanentemente influenciado pelas sugestões e opiniões dos seus usuários. A fidelidade dos mantenedores ao valor principal do movimento do *Software Livre* é um importante fator de credibilidade do veículo. Desta forma, a própria estrutura do *site* pode ser alterada por sugestão do seu público de uma maneira que, dificilmente, um *site* tradicional correria o risco de experimentar.

Neste modelo surge ainda uma outra estranha forma de promover a abertura à participação, uma vez que, no que se refere aos moderadores, a “mediação” não é realizada pelas negociações de um grupo, uma instância social cultural (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 20), mas automatizada por *software*, um dispositivo técnico.

Estas aparentes oposições entre discurso e a prática do *Slashdot* são, na verdade falsas, uma vez que tal dispositivo foi criado como expressão dos valores das comunidades *hacker* e de *software* livre que constituem a maior parte do seus usuários, não passa de produto “agenciador” destas mediações, de um esforço de apropriação social da tecnologia.

4.2.3 - Escrita colaborativa do WikiNews

Todos os veículos descritos até aqui se caracterizam por graus diferenciados de controle editorial sobre o conteúdo publicado. Em oposição a estes, a experiência mais radical de publicação aberta é a escrita colaborativa possibilitada pela ferramenta *wiki*.

No *Wikinews*, seguindo os parâmetros da *Wikipedia* descritos por Gillmor (2004, p. 148), não há nem chefes, nem moderadores e nem editores estabelecidos de antemão e qualquer membro do público é livre para intervir e alterar dados, além de criar alertas contra artigos que julgue falsos ou ofensivos.

Dois elementos desta alternativa são importantes para facilitar a correção de distorções: em primeiro lugar, a preservação de um histórico de modificações para cada artigo, o que possibilita que se perceba mais rapidamente alterações realizadas de má-fé, e, ao mesmo tempo, a possibilidade de adicionar marcas de advertência nos artigos de forma a identificar aqueles que são polêmicos, preconceituosos, parciais etc.

Apesar desta abertura, existem parâmetros dentro dos quais o trabalho é organizado. E, inevitavelmente, os usuários mais assíduos terminam por impor os seus critérios ao trabalho como um todo. O *Wikinotícias*¹¹⁴, responsável pelo noticiário em português possui uma série de regras as quais podem elas mesmas ser editadas por qualquer usuário do sistema. O artigo *O que é Wikinews*¹¹⁵ afirma:

Wikinews é uma fonte de notícias escrita inteiramente pelos seus utilizadores e estruturada sobre certos valores principais: Wikinews é sobre notícias. Os nossos artigos são [sic] sobre eventos atuais, não estamos no negócio de escrever livros de história ou entradas de enciclopédia. Se uma história se alterar por várias vezes no decorrer de vários dias, então múltiplos artigos devem ser escritos sobre o tema.

Seguem os autores dizendo que o “Wikinews é concentrado”. Isto quer dizer que as histórias devem concentrar-se em “um evento ou fenômeno atual único, em um tempo específico”, uma aplicação fiel da definição de notícia através da singularidade

¹¹⁴ http://pt.wikinews.org/wiki/Página_principal

¹¹⁵ http://pt.wikinews.org/wiki/Wikinoticias:O_que_Wikinews_%C3%A9

apresentada por Elias Machado (2002). Além disto, o documento preconiza a política tradicional da rede *Wikipedia* do NPOV ou Ponto de Vista Neutro:

“Sempre que for possível, todos os pontos de vista devem ser apresentados, contanto que eles tenham referencias [sic] e sejam sobre o tema, dentro de um contexto apropriado, nao [sic] importa quao [sic] abrangentes sejam”.

Outro compromisso com os valores jornalísticos é aquele com a informação factual. “Os artigos devem tratar só com fatos e as suas conseqüências verificáveis. Não deve haver nem conjectura nem opinião pessoal do(s) autor(es)”.

No que diz respeito à relação com o público, existe um compromisso com a relevância dos temas e com a explicação deste para os leitores não familiarizados, assim como devido à vocação “tanto global como local [...]. as histórias devem ser escritas com a intenção de ser informativas e interessantes a um público internacional”.

O único aspecto verdadeiramente novo e radical da proposta reside na sua natureza colaborativa, que para os autores significa que “Uma história Wikinews não tem um repórter como o seu autor. O mundo inteiro é convidado a participar e escrever, processar e reescrever cada artigo para melhorar o seu conteúdo.” ([Wikinotícias](#)¹¹⁶).

Além deste documento, o veículo dá-se a conhecer através de uma outra página¹¹⁷, contendo normas de **coisas a não fazer** tais como: copiar material de outras fontes, não apagar, mas, sim, corrigir e acrescentar informações aos artigos com os quais não concordar, evitar o proselitismo, a publicidade e o texto opinativo, além de evitar fazer experiências nas páginas que ficam visíveis para o público.

¹¹⁶ http://pt.wikinews.org/wiki/Wikinoticias:O_que_Wikinews_%C3%A9

¹¹⁷ http://pt.wikinews.org/wiki/Wikinoticias:Políticas_e_procedimentos

4.2.4 - O Comitê Editorial do AgoraVox

O AgoraVox esforça-se para publicar fatos objetivos, verificáveis e “Na medida do possível, inéditos¹¹⁸”. Este incentivo para que o material enviado pelos redatores seja inédito, faz com que, o *site* não se enquadre a princípio, na categoria de *gatewatching* proposta por Axel Bruns (2003). Evidentemente, não se trata de uma exigência. Mas mesmo isto é incomum nos outros casos. Os fundadores afirmam privilegiar aquelas informações que sejam difíceis de encontrar, indisponíveis nos meios tradicionais ou deliberadamente escondidas.

Conscientes do risco de propagação de rumores e desinformação, os responsáveis pelo *site* apostam no seu comitê editorial para filtrar o conteúdo publicado. Este comitê é composto por um ou mais funcionários da empresa mantenedora do *site* e um número impreciso de redatores voluntários para a tarefa, selecionados dentre os redatores registrados que já possuam um bom número de contribuições.

Nem por isto, no entanto, deixam de valorizar a correção das eventuais falhas através dos comentários. É possível que um artigo insatisfatório permaneça no *site* desde que, nos comentários, apontem-se e corrijam-se quaisquer inverdades, de maneira semelhante à relação com comentários do modelo *Slashdot*.

Ao contrário do que ocorre no modelo *Wiki*, nenhum artigo pode ter o seu teor modificado a não ser pelo autor do mesmo, mas o comitê reserva a si a prerrogativa de corrigir eventuais erros de ortografia e sintaxe, além de alterar-lhe o título a fim de torná-lo mais interessante.

A lista de artigos que podem ser rejeitados pelo comitê é clara e longa. Serão rejeitados os artigos preconceituosos, difamatórios, pornográficos ou comerciais,

¹¹⁸ *Autant que possible inédits.*

redundantes, com algum problema de direitos autorais, sem relação com a atualidade, não inédito, que contenha falsidades ou afirmações inverificáveis, os muito curtos ou muito longos, confusos ou imprecisos.

Existe, ainda, o espaço *Tribune Libre*, dedicado a textos opinativos. Como o seu nome torna evidente, pode-se encontrar aí artigos que não estejam de acordo com a política editorial, desde que as suas opiniões sejam originais e bem documentadas.

4.3 - A realidade na prática.

Na realização da pesquisa, tomamos para a base de dados todas as matérias publicadas em todos os veículos do *corpus* selecionado, entre os dias 4 de novembro e 4 de dezembro de 2006, anotando os valores segundo os campos: Veículo, Título, Data e Hora, Autor, Seção, Gatewatching, Número de Fontes externas citadas, Fontes Externas. No caso do *Slashdot* adicionamos o campo Editor.

Para estabelecer até que ponto é posta em prática a promessa de abrir o acesso à publicação pelos *sites* estudados, iremos a seguir avaliar a distribuição de oportunidades de emissão em cada caso. Para estabelecer quem publicou todas as matérias, os dados foram analisados de forma a identificar os autores, e estabelecer o número de publicações anônimas, o que torna impossível assegurar qual seria o número total de autores, já que um mesmo anônimo poderia enviar diversos artigos. Desta forma o tratamento percentual dos dados tomará sempre como referência **o número de autores identificados**.

Por “Autor Identificado” queremos dizer um autor reconhecível e que, portanto, pode acumular reputação junto à comunidade. Como regra geral, todos os autores são identificados por um pseudônimo, uma vez que, mesmo aqueles que assinam os artigos com nomes próprios podem estar mentindo.

Na verdade o que diferencia os autores identificados dos anônimos, é a decisão de fazer-se reconhecer ou não. Os pseudônimos são uma forma e identificação válida nestes casos por causa da “meritocracia” típica do modelo de fonte aberta, a atribuição de crédito aos autores que contribuem com material de qualidade e o conseqüente ganho de atenção e relevância na comunidade tornam penosa a perda da reputação pessoal, que precisaria ser reconquistada a partir do zero.

Com o intuito de listar os autores mais ativos e visualizar a participação de cada um no número de publicações, destacamos aqueles que publicaram pelo menos quatro artigos ao longo do mês, portanto, uma média de uma publicação por semana, lembrando que isto não significa que estes usuários tenham, de fato, feito contribuições semanais.

Além disto, iremos traçar um perfil temático de cada cobertura. Estes perfis, no entanto, não podem servir para comparações entre os veículos estudados, devido à grande especialização temática em alguns deles e à dificuldade em traduzir as áreas temáticas entre os modelos. Por exemplo, as categorias do *Wikinews* e *Wikinotícias* não funcionam como seções editoriais, mas, antes, como índices de busca, similares aos *tags* do *Slashdot*, podendo inclusive sobrepor-se umas às outras gerando categorias como “Oriente médio + Política e conflitos + Internacional + Iraque + Saddam Hussein”.

A heterogeneidade do *corpus* dificulta ainda a tarefa de comparar a relação de cada um com a função de *gatewatching* discutida nos dois capítulos anteriores, da mesma forma que a relação de fontes utilizadas por cada *site*, assim como a relação destes com a escolha de um foco para cobertura em artigos factuais e opinativos.

De qualquer forma os elementos característicos do conteúdo de cada caso serão sempre apresentados e comentados, mesmo aonde não for possível estabelecer comparações entre os casos.

4.3.1 - Slashdot

Analisando os artigos publicados na página principal do *Slashdot* durante o período entre 4 de novembro e 4 de dezembro de 2006, percebe-se em primeiro lugar que aí não se encontram apenas as matérias originalmente designadas para esta seção (*main*), mas também matérias selecionadas entre as áreas temáticas do *site*.

A Tabela 1 mostra que, no período estudado, foram publicados 639 artigos, 559 destes foram enviados por 390 autores identificados. Ocorreram 80 publicações anônimas, 12,5% do total. A relação de artigos por autor **identificado** é 1,64. A média de publicações é 18,64 artigos por dia.

Durante o tempo da pesquisa, a distribuição dos artigos publicados por autor seguiu o seguinte padrão:

Tabela 1- Participação dos autores (Slashdot)

Categorias	Autores	Autores identificados(%)	Artigos (total=639)	Artigos(%)
Autores identificados	390	-	559	87,5%
Anônimos	-	-	80	12,5%
Publicaram apenas 1 artigo no período	338	86,7%	338	52,9%
2 ou mais artigos	52	13,3%	221	34,6%
4 ou mais artigos	16	4,1%	139	21,8%
10% mais ativos	39	10%	193	30,2%

Note-se que a maioria das publicações (52,9%) deveu-se a autores que publicaram um único artigo, e que os 10% mais ativos são responsáveis por 30,2% dos artigos publicados.

Na relação dos autores mais ativos, apresentada na Tabela 2, tomamos, como já foi dito, aqueles com pelo menos quatro artigos publicados no período pesquisado, no caso *Slashdot*, equivalendo a 4,1% dos autores identificados:

Tabela 2 – Autores com média igual ou maior que 1 artigos/semana (Slashdot)

Apelido do Autor	Artigos Publicados	(%) do total de artigos
eldavojohn	30	4,7%
Zonk	16	2,5%
PreacherTom	14	2,2%
brian0918	8	1,3%
mikesd81	8	1,3%
prostoalex	8	1,3%
theodp	8	1,3%
dptalia	7	1,1%
Hemos	7	1,1%
netbuzz	6	0,9%
Roland Piquepaille	6	0,9%
ScuttleMonkey	5	0,8%
Grooves	4	0,6%
kdawson	4	0,6%
MattSparkes	4	0,6%
NewYorkCountryLawyer	4	0,6%

Um fator que merece destaque no caso *Slashdot*, apesar de não poder ser comparado com os outros casos, é a intensa concentração da função editorial nas mãos dos poucos editores do *staff*, apresentada a seguir, na Tabela 3.

Tabela 3 – participação dos editores (Slashdot)

Editores	Matérias editadas	
Zonk	226	35,4%
kdawson	169	26,4%
ScuttleMonkey	66	10,3%
CmdrTaco	50	7,8%
CowboyNeal	38	5,9%
samzenpus	38	5,9%
Hemos	36	5,6%
Cliff	11	1,7%
jamie	2	0,3%
Roblimo	2	0,3%
Korbinus	1	0,2%

Quanto ao conteúdo da primeira página, como regra geral, o *Slashdot* **publica informação factual** e este é um dos critérios da edição. Os usuários registrados podem publicar livremente suas opiniões nos seus *Journals*, podendo, inclusive, ter seus artigos utilizados pelos editores. Além do factual, outros tipos de texto aparecem em seções como “entrevistas”, “resenhas de livros”, e “pergunte ao *Slashdot*”.

Como o que interessa a este trabalho não é o agendamento de temas operado pelos veículos, mas compreender as suas escolhas editoriais, a pesquisa focaliza as seções utilizadas em cada caso, assim como a atenção dada pela comunidade de usuários a cada uma destas seções. No caso presente, a tabela 4 mostra a distribuição por área temática apurada pela pesquisa:

Tabela 4 – Artigos por Seções (Slashdot)

Seções	Artigos	(%) dos artigos
Principal	115	18,0%
Ciência	104	16,3%
Seus Direitos <i>Online</i>	102	16,0%
Hardware	83	13,0%
Tecnologias da Informação	77	12,1%
Linux	37	5,8%
Jogos eletrônicos	36	5,6%
Política	27	4,2%
Pergunte ao <i>Slashdot</i>	18	2,8%
Desenvolvedores	14	2,2%
Apple	13	2,0%
Resenhas de livros	9	1,4%
Entrevistas	4	0,6%

Vale observar que falta nesta tabela a seção “*Backslash*”, que trata da repercussão, dos comentários e discussões gerados pelos artigos do dia anterior e que, portanto, não consta da primeira página do *site*.

A tabela 5 mostra que a função de *gatewatching* é central no *Slashdot*, confirmando a classificação de Axel Bruns (2005) como um *site* de *gatewatching* supervisionado:

Tabela 5 – Gatewatching X conteúdo original (Slashdot)

Origem do artigo	Artigos Publicados	(%) dos artigos
Gatewatching	521	81,5%
Original	118	18,5%

Outro fator para avaliar esta função é a série de fontes mais utilizadas para a confecção dos artigos, que apresentamos a seguir, na Tabela 6.

Tabela 6 – fontes mais citadas (Slashdot)

	Fontes	Citações
1	<i>Blogs</i>	46
2	CNET	25
3	BBC	23
4	CNN	21
5	Sites Diversos	21
6	NewScientist	19
7	BusinessWeek	18
8	New York Times	16
9	Wired	13
10	Washington Post	13
11	Arstechnica	12
12	ZDNet	11
13	Computerworld	9
14	Reuters	9
15	NetworkWorld	7
16	Yahoo News	6
17	eWeek	6
18	Silicon.com	6
19	SPACE.com	6
20	Wall Street Journal	6

A importância dos *blogs* merece destaque, assim como a categoria “*Sites diversos*”, que engloba aquelas fontes que não são veículos tradicionais do jornalismo

generalista, nem publicações científicas ou voltadas à área de tecnologia e nem *blogs*. Trata-se de bancos de dados, *sites* de empresas, centros de pesquisa e organizações como a *Eletronic Frontier Foundation*, relacionados ao escopo dos interesses do público. A importância destas fontes reside no fato de que estas citações indicam um esforço exploratório ou de divulgação de informações raras por parte dos autores. Note-se ainda a quantidade de fontes jornalísticas tradicionais utilizada pelo *Slashdot*, o que mais uma vez confirma a avaliação de Bruns (2005).

4.3.2 – AgoraVox

No *site* francês, a distribuição dos artigos por autor seguiu o padrão apresentado na Tabela 7:

Tabela 7 – Participação dos autores (AgoraVox)

Categorias	Autores	Autores identificados (%)	Artigos	Artigos(%)
Autores identificados	277	-	533	100,0%
Publicaram apenas 1 artigo no período	170	61,4%	170	31,9%
2 vezes ou mais	107	38,6%	363	68,1%
4 vezes ou mais	30	10,8%	185	34,7%
10% mais ativos	28	10%	177	33,2%

Observa-se, antes de qualquer coisa, que não se publica artigos anônimos no *AgoraVox*. Note-se ainda que a maioria das publicações (68,1% dos 533 artigos) deve-se a autores que publicaram pelo menos dois artigos no mês e que os 10% mais ativos dentre os autores são responsáveis por 33,2% dos artigos publicados.

A seguir podemos comparar, na Tabela 8, as contribuições dos autores com pelo menos quatro publicações no mês, equivalendo a 10,8% dos autores identificados:

Tabela 8 – Autores com média igual ou maior que 1 artigos/semana (AgoraVox)

Apelido do Autor	Artigos Publicados	(%) total de artigos
Bernard Dugué (Bordeaux en Aquithènes)	13	2,4%
Henry Moreigne (clermont ferrand)	13	2,4%
Lilian Massoulier (toulouse)	12	2,3%
La Taverne des Poètes (Quimper)	10	1,9%
Okan Germiyanoglu (Issy-les-Moulineaux)	9	1,7%
Theothea.com (Paris)	9	1,7%
Jean Claude BENARD (Bondy)	7	1,3%
Philippe Bilger (Paris)	7	1,3%
Antoine Christian LABEL NGONGO (Neuilly)	6	1,1%
Laurent Checota (Paris)	6	1,1%
Lucien-Samir Arezki Oulahbib (Lyon)	6	1,1%
Sandra.M (Paris)	6	1,1%
Timothée Poisot (Corbeil)	6	1,1%
Adam Kesher (Paris)	5	0,9%
Bertrand C. Bellaigue (Paris)	5	0,9%
ÇaDérage	5	0,9%
Candide2 (Saint-Paul)	5	0,9%
Guillaume Champeau (Guyancourt)	5	0,9%
Lê Hérison (Poitiers)	5	0,9%
Michel Monette (Québec)	5	0,9%
Argoul (Paris)	4	0,8%
Arnault Coulet (Lyon)	4	0,8%
Chem ASSAYAG (Paris)	4	0,8%
dana hilliot (saint-flour)	4	0,8%
De ço qui calt ? (Paris)	4	0,8%
Francis Pisani (San Francisco)	4	0,8%
Gilles Roman (Valparaiso)	4	0,8%
JDCh (Saint Cloud)	4	0,8%
Luc (Avignon)	4	0,8%
VV (Paris)	4	0,8%

Pode-se perceber duas informações importantes: a concentração relativamente baixa das emissões, e a quantidade de autores contribuindo regularmente para o *site*.

As notícias listadas na tabela seguinte como pertencentes à seção principal, são aquelas que aparecem em destaque na página do *site* e às quais não se associa nenhuma categoria, a exemplo do que ocorre no caso *Slashdot*.

Apesar da orientação do *site* para que os artigos opinativos fiquem restritos à seção “Tribuna Livre”, preferindo publicar na página principal os artigos factuais, mesmo um exame superficial do conteúdo mostra o quanto o foco da cobertura é a opinião. A distribuição por área temática, apresentada na Tabela 9, revela esta escolha, uma vez que é justamente a “Tribuna Livre” a seção mais popular (17,1% dos artigos publicados).

Tabela 9 – Artigos por Seções (AgoraVox)

Seções	Artigos	(%) dos artigos
Tribuna Livre	91	17,1%
Política	66	12,4%
Cultura e Lazer	51	9,6%
Sociedade	48	9,0%
Economia	41	7,7%
Internacional	38	7,1%
Mídias	28	5,3%
Cidadania	25	4,7%
Ciência e Tecnologia	24	4,5%
Principal	22	4,1%
Meio Ambiente	17	3,2%
Testemunhos	17	3,2%
Espantoso	14	2,6%
Europa	13	2,4%
Info. Locais	11	2,1%
Saúde	9	1,7%
Religiões	6	1,1%
Esporte	6	1,1%
Personalidades	5	0,9%
Extrato de obra	1	0,2%

Esta concentração na opinião, no debate de notícias e no testemunho pessoal tornou impossível avaliar até que ponto este *site* realiza o que Bruns define como *gatewatching* ou se o *AgoraVox* seria mais bem descrito como um espaço público de discussões, idéia reforçada pela própria escolha do nome do *site*.

A dificuldade que impediu esta mensuração é que a presença de fontes jornalísticas nos artigos deste veículo não significa que estas tivessem, de fato, sido as fontes de informação do artigo, poderiam ser simplesmente sugestões de leitura ou de aprofundamento dos temas incluídos *a posteriori*, como os links “Leia também” ou “Saiba Mais”, que ampliam as matérias dos jornais *online* comerciais.

De qualquer forma, pode-se inferir que o foco do *AgoraVox* não é o *gatewatching*, a crítica da cobertura jornalística em geral, ou de matérias específicas, mas a reflexão sobre a realidade, a partir sempre da agenda midiática, mas, raramente a partir de fontes específicas.

4.3.3 – WikiNews

A Tabela 10 apresenta a distribuição dos 337 artigos publicados no período estudado.

Tabela 10 – Participação dos autores (Wikinews)

Categorias	Autores	Autores identificados(%)	Artigos	Artigos(%)
Autores identificados	75	-	290	86,1%
Anônimos	-	-	47	13,9%
Publicaram apenas 1 artigo no período	41	54,7%	41	12,2%
2 vezes ou mais	34	45,3%	249	73,9%
4 vezes ou mais	17	22,7%	210	62,3%
10% mais ativos	8	10,7%	157	46,6%

Note-se a concentração do trabalho nas mãos dos usuários mais freqüentes, revelada pelo fato de que 22,7% dos autores é responsável por 62,3% dos artigos, (informação que é confirmada pela Tabela 11), enquanto 54,7% dos que contribuem para o *site* (uma única vez) geram apenas 12,2% do conteúdo. Outro fator considerável é a contribuição dos anônimos equivalente, a quase 14% do conteúdo publicado.

Tabela 11 – Autores com média igual ou maior que 1 artigos/semana (Wikinews)

Apelido do Autor	Artigos Publicados	(%) do total de artigos
Nzgabriel	39	11,6%
FellowWikiNews	28	8,3%
Fentonrobb	28	8,3%
Shyam	19	5,6%
Zanimum	12	3,6%
DragonFire1024	11	3,3%
Nyarlathotep	10	3,0%
PVJ59	10	3,0%
Brian New Zealand	8	2,4%
Momodamonkey	8	2,4%
Crimson	7	2,1%
Kinnerc	6	1,8%
Towsonu2003	6	1,8%
Cartman02au	5	1,5%
Icelandic Hurricane	5	1,5%
Edbrown05	4	1,2%
Sir Nicholas de Mimsy-Porpington	4	1,2%

A avaliação das categorias no *Wikinews*, apresentada na Tabela 12, deve levar em conta que estas categorias frequentemente se sobrepõem no *site* e que, para viabilizar a presente pesquisa, foi necessário escolher subjetivamente aquela categoria que parecia mais adequada para descrever o artigo, dentre a série que os autores atribuem a cada matéria.

Esta classificação não dá o relevo necessário a um fator muito importante na análise deste veículo: a proeminência obtida pelas as notícias sobre Nova Zelândia e Canadá no agendamento do *Wikinews*. Lamentavelmente a avaliação deste agendamento fugia ao âmbito desta pesquisa e complicaria demais um *corpus* já excessivamente heterogêneo. Mas vale a pena chamar a atenção para o fato de que 15 do total de 337 notícias mencionavam o Canadá no seu título, enquanto 35 mencionavam a Nova Zelândia. Este teste simples parece indicar uma apropriação

parcial do noticiário do *Wikinews*, equivalente a aproximadamente 15% do total, por grupos até certo ponto periféricos na comunidade de falantes de língua inglesa.

Tabela 12 – Artigos por Seções (Wikinews)

Seções	Artigos	(%) dos artigos
Política e conflitos	111	32,9%
Crime e Lei	36	10,7%
Oriente Médio	29	8,6%
Esportes	26	7,7%
Economia e negócios	20	5,9%
Desastres e acidentes	17	5,0%
Cultura e entretenimento	12	3,6%
Meio-ambiente	12	3,6%
Obituário	11	3,3%
Ciência e tecnologia	11	3,3%
Religião	10	3,0%
Saúde	8	2,4%
Eleições no Canadá	7	2,1%
Televisão	6	1,8%
Educação	5	1,5%
Internet	4	1,2%
Cultura	2	0,6%
Mídia	2	0,6%
Nova Zelândia	1	0,3%
Temporada de Furacões, 2006	1	0,3%
Jornalismo	1	0,3%
Microsoft	1	0,3%
Tempo	1	0,3%
wiki	1	0,3%
Wikinews	1	0,3%
não editada	1	0,3%

Quanto ao *gatewatching* (vide Tabela 13) e à composição das fontes de informação (Tabela 14), a vocação do *Wikinews* para repercutir a grande mídia de língua inglesa é notável, apesar de que estas fontes sejam bastantes diversificadas: a BBC, preferida com larga vantagem sobre as outras é citada em apenas 15 das 301 notícias que repercutiram no *site*.

Tabela 13 – Gatewatching X conteúdo original (Wikinews)

Origem do artigo	Artigos Publicados	(%) dos artigos
Gatewatching	301	89,3%
Original	36	10,7%

Tabela 14 – fontes mais citadas (Wikinews)

Fontes	Citações
BBC News <i>Online</i>	15
Reuters	6
CNN	6
New York Times	4
MSNBC	4
One News	4
ABC News	3
Al-Jazeera	3
Times	3
Associated Press	2
Wall Street Journal	2
Nasa	2

4.3.4 – WikiNotícias

O baixo volume de produção do Wikinotícias é o fator mais importante deste veículo. Este problema vem associado ao fato de que mesmo o número de contribuições esporádicas é muito baixo, apenas um autor contribuiu desta forma durante o mês que durou a pesquisa. As tabelas 15 e 16 mostram que a manutenção do *site* depende de apenas três voluntários.

Tabela 15 – Participação dos autores (Wikinotícias)

Categorias	Autores	Autores identificados(%)	Artigos	Artigos(%)
Autores identificados	4	-	32	94,1%
Anônimos	-	-	2	5,9%
Publicaram apenas 1 artigo no período	1	25,0%	1	2,9%
2 vezes ou mais	3	75,0%	31	91,2%
4 vezes ou mais	3	75,0%	31	91,2%
10% mais ativos	1	25,0%	18	52,9%

Tabela 16 – Autores com média igual ou maior que 1 artigos/semana (Wikinotícias)

Apelido do Autor	Artigos Publicados	(%) do total de artigos
Carlosar	18	52,9%
Felipearaldi	7	20,6%
Haomon	6	17,6%

A dependência do *Wikinotícias* com relação a estes três usuários é agravada pelas divergências entre eles. Durante o período estudado, o usuário Carlosar realizou cinco reclamações com respeito a artigos dos seus colegas que, segundo afirma, não deveriam ser publicados. Três das reclamações denunciavam “Suspeita de Violação de Direito Autoral” contra o segundo usuário mais ativo, Felipearaldi, e duas alegam “fonte não confiável” contra o terceiro mais ativo, Haomon. Vale notar que a fonte não confiável era o CMI, a respeito das matérias sobre uma manifestação na cidade de Oaxaca no México.

Resta pouco a comentar sobre o *site*, a não ser a importância do noticiário político, que se observa na Tabela 17, e que precisa ser questionado, uma vez que com um número tão pequeno de autores, qualquer preferência pessoal pode distorcer os dados da pesquisa.

Tabela 17 – Artigos por Seções (Wikinotícias)

Seções	Número	(%) dos artigos
Política e conflitos	17	50,0%
Economia e negócios	3	8,8%
Oriente Médio	3	8,8%
Religião	3	8,8%
Ciência e tecnologia	2	5,9%
Obituário	2	5,9%
Desporto	1	2,9%
Meio-ambiente	1	2,9%
Saúde	1	2,9%
Sociedade	1	2,9%

No tocante à função de *gatewatching* (Tabela 18) e à escolha das fontes (Tabela 19) repetem-se os resultados observados no caso *Wikinews*.

Tabela 18 – Gatewatching X conteúdo original (Wikinotícias)

Origem do artigo	Artigos Publicados	(%) dos artigos
Gatewatching	29	85,3%
Originais	5	14,7%

Tabela 19 – fontes mais citadas (Wikinotícias)

Fontes	Citações
BBC	8
Folha de S. Paulo	5
Reuters	4
El País	3
Último Segundo	2
El Nacional	2
Fox	2
Centro de Mídia Independente	2

4.3.5 – Indymedia

O *site* global da rede *Indymedia* deveria servir para agregar e traduzir os artigos encaminhados pelos centros locais ao redor do mundo. Quando dizemos deveria servir, o fazemos porque, como os dados da Tabela 20 deixam claro, este veículo vem sendo mantido em funcionamento, na medida do possível, apesar de estar longe de atender ao que se esperava da sua atuação.

Tabela 20 – Participação dos autores (Indymedia)

Categorias	Autores	Autores identificados(%)	Artigos	Artigos(%)
Autores identificados	7	-	9	100,0%
Publicaram apenas 1 artigo no período	5	71,4%	5	55,6%
2 vezes ou mais	2	28,6%	4	44,4%
4 vezes ou mais	0	0,0%	0	0,0%
10% mais ativos	1	14,3%	2	22,2%

As dificuldades do *site* refletem-se no volume de produção, o pequeno número e a dispersão dos autores das poucas contribuições enviadas, como demonstra a tabela 21, assim como o número e dispersão geográfica das fontes apresentadas na Tabela 23.

Tabela 21 – Todos os Autores (Indymedia)

Autor	Artigos Publicados	(%) do total de artigos
Athens Indymedia	2	22,2%
Bruno Parga	2	22,2%
Aotearoa Indymedia NZ	1	11,1%
Diet Simon	1	11,1%
Melbourne Indymedia	1	11,1%
Rafael Di Giovanni	1	11,1%
Vitor Araujo	1	11,1%

Além do baixo volume de publicação, a avaliação da importância da função de *gatewatching* para a estratégia do *site*, representada pela Tabela 22, encontra-se prejudicada pelo fato de que as fontes externas utilizadas pelo veículo foram, em sua totalidade, outros *sites* da mesma rede. Neste contexto, aplicar a tais artigos a qualificação de *gatewatching* mereceria restrições.

Tabela 22 – Gatewatching X conteúdo original (Indymedia)

Origem do artigo	Artigos Publicados	(%) dos artigos
Gatewatching	5	55,6%
Original	4	44,4%

Tabela 23 – fontes citadas (Indymedia)

Fontes	Citações
IMC Oaxaca	2
IMC Austin	1
IMC-Germany	1
IIMC de Chicago	1

4.3.6 – Centro de Mídia Independente

Este veículo provocou grandes dificuldades à pesquisa, uma vez que a defesa do anonimato como princípio político, e talvez o espírito coletivista da comunidade que o sustenta, tenham tornado os dados recolhidos insuficientes para identificar os autores dos artigos. Houve apenas uma identificação certa de autoria, dando crédito ao CMI-Goiânia. Nenhum outro artigo pode ser atribuído com segurança a qualquer usuário. O mais plausível seria supor que os “*editoriais*” da coluna central sejam, no final das contas, responsabilidade exclusiva do coletivo editorial, único autor do noticiário, cujo quadro geral é apresentado pela Tabela 24.

Como não se encontra no *site* nenhuma indicação de quem possa ter escrito os artigos que são atribuídos a autores como “Transporte Público? [sic]” optou-se por, na realização da Tabela 25, representar fielmente esta inconsistência ou invés de contorná-la, de maneira a preservar o modo de trabalho utilizado com os outros veículos estudados. Até mesmo porque o objetivo da pesquisa é representar as estratégias e métodos como cada veículo realiza a sua abertura de espaço para a publicação e a defesa do anonimato é, neste caso, aspecto fundamental da proposta.

Tabela 24 – Participação dos autores (?) (CMI)

Categorias	Apelidos (?)	Apelidos identificados(%)	Artigos	Artigos(%)
Apelidos (?)	31	-	40	100,0%
Publicaram apenas 1 artigo no período	27	87,1%	27	67,5%
2 vezes ou mais	4	12,9%	13	32,5%
4 vezes ou mais	1	3,2%	7	17,5%
10% mais ativos	3	9,7%	13	32,5%

Tabela 25 – Apelido presentes em mais de 1 artigo publicado (CMI)

Autores(?)	Artigos Publicados	(%) do total de artigos
TRANSPORTE PÚBLICO?	7	17,5%
Cinema militante	2	5,0%
MORADORES/AS DE RUA	2	5,0%
RÁDIO LIVRE	2	5,0%

Apesar do pequeno número de artigos, a situação fica um pouco mais clara quando consideramos a origem das informações utilizadas na cobertura. Na Tabela 27 parece manifestar-se a vocação do CMI para dar expressão ao grupo político que o sustenta, representada pela opção pelo conteúdo original (*vide* tabela 26); assim como a sua integração à rede *Indymedia*, fonte de três dos cinco artigos dedicados a repercutir notícias internacionais, no caso, as manifestações ocorridas na localidade de Oaxaca no México, como demonstra a Tabela 27. Outro elemento presente foi o recurso aos relatos da “linha de frente” das manifestações políticas, no caso mexicano realizados através da Universidad de Oaxaca.

Tabela 26 – Gatewatching X conteúdo original (CMI)

Origem do artigo	Artigos Publicados	(%) dos artigos
Gatewatching	5	12,5%
Original	35	87,5%

Tabela 27 – Fontes citadas (CMI)

Fontes	Citações
Indymedia	3
Carta Maior	2
Universidad de Oaxaca	2

4.4 – Comparativos

Em primeiro lugar apresentamos, na Tabela 28, os totais e médias de cada veículo.

Tabela 28 – Comparativo dos valores totais e médias.

	AgoraVox	Slashdot	Indymedia	CMI	WikiNews	Wikinotícias
Total de Notícias	533	639	9	40	337	34
Autores identificados	277	390	7	31	75	4
Média N/Ai	1,9	1,6	1,3	1,3	4,5	8,5
Média N/dias	17,8	21,3	0,3	1,3	11,2	1,1

O que chama a atenção é a diferença de volume entre as produções dos diferentes *sites*: se o baixo volume do *CMI* pode ser justificado pelo público pequeno e muito específico a que atende, é difícil crer que um veículo noticioso como o *Indymedia* que publica apenas 9 notícias em um mês esteja cumprindo a sua função, para qualquer público que se possa imaginar. O mesmo vale para o *Wikinotícias*, com a média de 1,1 notícia por dia, e com apenas quatro colaboradores identificados e regulares.

O caso do *Wikinews* é intermediário, mas vale notar que a média diária de 11,2 notícias é resultado de um grupo relativamente pequeno de autores, que são responsáveis por uma média de produção maior que a do *Slashdot* e *AgoraVox*.

São estes dois *sites* os que parecem estar conseguindo publicar um bom volume de material, com uma boa distribuição das oportunidades de emissão.

Para compreender melhor a relação entre dedicação dos usuários e volume de notícias, vamos analisar a distribuição dos artigos publicados de acordo com determinados perfis de autores. Estes perfis foram estabelecidos em três categorias arbitrárias, os habituais (aqueles que possuem uma média igual à pelo menos um artigo

publicado por semana), os intermediários e os esporádicos (aqueles que publicaram apenas uma vez no período estudado). Devido ao período relativamente curto de acompanhamento, não se pode pretender que estes perfis sejam válidos para caracterizar definitivamente o público do *site*, sendo tomados aqui como indicadores de tendências de perfil. A Tabela 29 interessa-nos por oferecer uma idéia de quais usuários são responsáveis pelo ritmo de publicação de cada *site*.

Tabela 29 – Participação de cada perfil no total de autores.

Perfis	AgoraVox	Slashdot	Indymedia	CMI	WikiNews	Wikinotícias
esporádicos	61,4%	86,70%	71,40%	87,10%	54,70%	25%
intermediários	27,80%	9,2%	28,60%	9,70%	22,70%	-
habituais	10,80%	4,10%	-	3,20%	22,70%	75%

A Tabela 30 mostra qual grupo é responsável pela publicação da maioria das notícias em cada caso estudado.

Tabela 30 – Perfil com maior percentual dos artigos publicados.

AgoraVox	Slashdot	Indymedia	CMI	WikiNews	Wikinotícias
habituais	esporádicos	esporádicos	esporádicos	habituais	habituais
34,70%	52,90%	55,60%	67,50%	62,30%	91,30%

Tabela 31 – Percentual dos artigos publicados pelos 10% mais ativos de cada *site*.

	AgoraVox	Slashdot	Indymedia	CMI	WikiNews	Wikinotícias
10% mais ativos publicam	33,20%	30,20%	22,20%	32,20%	46,60%	52,90%

Os números das Tabelas 30 e 31 oferecem uma boa visão da sustentabilidade dos diferentes veículos. Nota-se que *AgoraVox* e *Slashdot*, além de possuírem o maior número de publicações, são os veículos que menos dependem de um grupo específico

de usuários. As médias de notícias por autor identificado destes dois *sites* também indicam que estes são os que melhor cumprem a promessa de democratizar o acesso à publicação de artigos.

A concentração da produção nas mãos de poucos usuários nos veículos baseados no modelo *wiki* e o pouco volume da produção dos veículos do modelo *Indymedia*, mostram claramente a insuficiência destas estratégias para promover uma maior diversificação dos emissores.

A relação entre *gatewatching* e publicação de conteúdo original, apresentada pela Tabela 32, parece indicar que, dentre os veículos estudados, o único dedicado a publicar informação de primeira mão como forma de dar voz aos seus usuários é o *Centro de Mídia Independente*. O fracasso do *site* global da mesma rede talvez se deva à ausência desta comunidade local como suporte.

Como o caso do *AgoraVox* caracteriza-se pelo projeto de criar um ambiente virtual de discussões e livre expressão para os seus usuários, não se pode dizer que esteja focado na função de *gatewatching*. As citações de outros veículos podem ser interpretadas tanto como referências às fontes que motivaram a produção do artigo, quanto ofertas de informação adicional ou de interpretações, que o autor considera valiosas para a discussão. Desta forma, seria questionável classificar tais artigos como *gatewatching*.

Tabela 32 – Proporção entre artigos originais e repercussões de outros *sites*.

	AgoraVox	Slashdot	Indymedia	CMI	WikiNews	Wikinotícias
Gatewatching	-	81,50%	55,60%	12,50%	89,30%	85,30%
Original	-	18,50%	44,40%	87,50%	10,70%	14,70%

Os dados colhidos mostram que *AgoraVox* e *Slashdot* destacam-se pela quantidade de artigos publicados. Fica claro também que estes *sites* não dependem de um grupo pequeno de usuários para manter-se. Tanto o modelo ativista de *Indymedia* e *CMI*, quanto o modelo *wiki* deixaram a desejar, publicando poucos artigos ou, tal como ocorre no caso *Wikinews*, dependendo de um pequeno grupo de mantenedores que terminaram, neste caso, por apropriar-se do *site*.

A produção de material original em primeira mão pelo público parece depender de crises, grandes manifestações ou catástrofes para ganhar relevo, o mesmo vale para os veículos ativistas. Ao mesmo tempo, a priorização do *gatewatching*, não parece influir no sucesso dos *sites*, como demonstram os casos *Wikinotícias* e *Wikinews*.

Por outro lado, a criação de um espaço onde uma determinada comunidade possa opinar e discutir sobre os temas da atualidade, assim como criticar a cobertura destes por parte da imprensa, parece ser a fórmula do sucesso tanto de *AgoraVox* quanto do *Slashdot*.

No primeiro caso o caráter autoral e opinativo é o traço mais forte que aparece como principal motivação à participação, favorecendo a conquista de *status* pessoal junto á comunidade: primeiro dos incentivos à participação listados por Bowman e Willis (2003, p.38) e apresentados no Item 3.2 desta dissertação. As outras fontes de motivação citados pelos autores também entram jogo é claro.

O mesmo vale para o caso do *Slashdot*, mas, além do fator *status*, entra em jogo a característica fundamental do *narrowcasting*: a possibilidade de publicar informação rara, especializada e obscura. (BOWMAN e WILLIS, 2003).

De posse destes dados e dos resultados colhidos, pode-se elaborar algumas conclusões a respeito destas estratégias de abertura à participação do público, assim como das possibilidades de interação entre estas iniciativas e o jornalismo tradicional.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi motivado por uma provocação ao jornalismo profissional tal como estabelecido na sociedade ocidental a partir da modernidade. Quando partes do público deixam de simplesmente reclamar do jornalismo profissional e passam a assumir suas funções, isto produz uma série de questionamentos, especialmente, a partir do momento em que utilizam meios e métodos estranhos à prática jornalística tradicional para fazê-lo. Mas quando conseguem convencer profissionais da área quanto ao valor dos seus procedimentos, tal como ocorreu no caso da colaboração entre a *Jane's Intelligence Review* e *Slashdot*, relatado na página 27 do primeiro capítulo, é justo que o fato chame a atenção de estudiosos da área. O objetivo desta dissertação foi compreender tal proposta de produção jornalística, seus fundamentos, avaliar os seus resultados e tentar prever as suas possíveis interações com o jornalismo tradicional.

Entendemos que não se trata de um modelo rígido e consistente de produção de noticiário, mas de uma série de iniciativas autônomas, que se influenciam mutuamente, ao mesmo tempo em que possuem agendas e métodos diferentes na busca dos mesmos objetivos. Esta natureza heterogênea dos casos que se oferecem ao estudo foi, durante todo o percurso, o maior obstáculo à sua apreensão.

Por outro lado, este foi um obstáculo particularmente produtivo para a pesquisa, uma vez que tornou possível correlacionar o sucesso relativo de diversos veículos com a série de escolhas que caracterizavam as suas respectivas estratégias, de forma a identificar os modelos que pudessem explorar com mais chance de sucesso os potenciais do Jornalismo de Fonte Aberta.

Mas, antes de confrontar nossas hipóteses com os resultados obtidos, há uma questão a ser mais uma vez respondida. Agora, já de posse dos resultados da pesquisa, conhecendo deficiências e fracassos do modelo será que podemos manter a nossa posição de que se trata efetivamente de jornalismo?

A resposta é sim. Pode ser bem ou mal feito, a cada caso observado, pode ser suficiente ou insuficiente como representação da realidade social, mas o fato é que estes *sites* assumiram o compromisso de informar os seus respectivos públicos acerca dos temas e tópicos da realidade que os cerca, dispondo para tal de meios e rotinas padronizados visando captar e averiguar as notícias. E o que é mais importante, dispondo de meios para selecionar a boa informação, corrigir erros e acrescentar dados adicionais à informação ruim.

Alguns decidiram fazê-lo de forma generalista, outros, especializada; através da informação factual, ou através da análise e opinião do leitor; uns manifestaram, outros esconderam os posicionamentos políticos que interferem nas suas cobertura, e não fizeram tais escolhas de forma diferente de como as fazem os jornalistas profissionais.

Para que tal investigação fosse possível, a primeira preocupação foi a apreensão correta do objeto de estudos. Tarefa que oferecia uma série de dificuldades, devidas, principalmente, às divergências de nomenclatura e caracterização entre os diversos autores.

No Capítulo 1, objetivando esta apreensão do fenômeno, buscamos constituir conceitualmente o objeto, recuperando um histórico da tomada de consciência com relação ao nosso objeto de estudos por parte dos profissionais e estudiosos do jornalismo. Partindo do levantamento bibliográfico selecionado, percorremos a rede de referências de cada artigo e livro estudado, buscando as primeiras análises do surgimento das discussões sobre o nosso objeto.

Como vimos, estas discussões foram motivadas pela atitude do editor da *Jane's* em descartar um artigo escrito por um jornalista profissional e recorrer ao público e ao processo de aprimoramento da informação característico do *Slashdot* para confeccionar uma reportagem sobre ciber-terrorismo.

Descobrimos que o *Open source Journalism* nascera da associação entre *Open source Intelligence*, com a qual tanto a revista de inteligência militar *Jane's Intelligence Review*, quanto o seu editor estavam familiarizados e *Open source Software* utilizado pelo público do *Slashdot*.

A inteligência de fonte aberta não é nada de estranho ao jornalismo, aliás, é nada menos que o trabalho do repórter quando este não está recorrendo a fontes oficiais ou documentos sigilosos. Seria, talvez, a face mais democrática do jornalismo, defendida por aqueles que mesmo antes do surgimento do jornalismo participativo, defendiam o Jornalismo Público, e o Jornalismo Cidadão.

Já o *software* de fonte aberta exigiu um estudo mais detalhado. Este estudo revelou tensões sérias com valores do jornalismo. Por exemplo, a transparência com relação às próprias falhas, indispensável para a eficiência da verificação das informações, e o caráter voluntário e colaborativo do processo produtivo.

Fechando este capítulo pudemos estabelecer uma definição do objeto, que é o primeiro resultado desta pesquisa: **Jornalismo de fonte aberta é aquele que depende da participação do público tanto para a produção do conteúdo a ser publicado, quanto para a sua validação através do escrutínio e da correção efetuados pelos leitores. A notícia não vale por ter sido publicada, mas sim por resistir ou incorporar as críticas do público a que se destina.**

De posse desta definição pudemos selecionar o nosso corpus, e decidimos por uma amostragem diversificada, de maneira a comparar estratégias diversas de aplicação dos métodos de fonte aberta.

O corpus terminou sendo composto por:

- *Slashdot*, de importância “histórica”, altamente especializado em tecnologia, atendendo, portanto, a um segmento muito definido de público, sem fortes posicionamentos políticos, com uma estratégia fortemente baseada no seu suporte tecnológico, e caracterizado pela edição fechada à participação do público;
- *AgoraVox*, marcadamente opinativo e autoral, de conteúdo generalista e público amplo, também sem posição política explícita, diferenciado do primeiro pela participação dos autores no Comitê Editorial;
- *Indymedia* e *Centro de Mídia Independente*, as versões global e nacional de uma mesma estratégia caracterizada pelo convite à participação na sua militância política e pela separação de espaços de publicação e distribuição desigual de possibilidades de participação nas decisões, com base no grau de envolvimento do usuário com esta militância e;
- *Wikinews* e *Wikinotícias*: as versões em inglês e português da estratégia derivada na enciclopédia *wikipedia*, baseada na abertura quase completa à participação, com amplas possibilidades e poderes concedidos a qualquer interagente disposto a participar.

Com o intuito de delimitar o objeto no seu contexto, buscamos, no Capítulo 2, conhecer o contexto sócio-técnico em que este vem a surgir. Desta forma pudemos aprofundar nossos conhecimentos a respeito do processo de produção de fonte aberta,

assim como da infra-estrutura tecnológica das redes que permite as trocas aceleradas indispensáveis a este processo. Estabelecemos ainda relações entre diversas formas de publicação de conteúdos por parte do público, assim como iniciativas oriundas do próprio campo jornalístico, que visam incorporar a participação do leitor no seu ciclo de produção.

Este estudo permitiu que se percebesse o quanto este contexto é campo fértil para o surgimento do nosso objeto. Ao mesmo tempo, permitiu-nos delimita-lo em relação aos diversos fenômenos correlatos. Uma caracterização mais completa do objeto beneficiou-se do conhecimento das características compartilhadas pelas várias formas colaborativas possibilitadas pelas redes *peer-to-peer*. Tanto pelas formas de publicação e troca de informações disponíveis ao público, quanto dos diferentes tipos de jornalismo que tentam uma interação mais intensa com o seu público, sem descuidar das especificidades que dão identidade a cada um destes fenômenos.

Uma consequência fundamental deste mapeamento é a percepção do seu significado no que se refere à interatividade dos novos *media* e as novas relação entre público e veículos por esta possibilitadas. Para explorar esta questão de fundamental importância para o nosso estudo, empreendemos, no Capítulo 3, um breve traçado do desenvolvimento destas novas relações.

Buscamos a compreensão do papel dos interagentes, desde a oposição entre a recepção características da mídia de massa e a interatividade dos novos *media*; passando pela liberação de várias possibilidade de publicação colocadas à disposição do usuário, a baixo custo, graças às tecnologias interativas; até analisar a relação entre público e veículos tradicionais, através da participação do leitor na captação de conteúdo.

Um papel possível do cidadão no processo comunicativo é o *gatewatching* (BRUNS, 2005), que vem a por em contato e articular em funções complementares o *narrowcasting* e os meios de difusão massiva. O conceito criado por Bruns é de fundamental importância tanto na caracterização do Jornalismo de Fonte Aberta, quanto na compreensão das possíveis relações de complementaridade entre este e o jornalismo tradicional.

O Capítulo 4 apresenta e discute os achados da análise de conteúdo realizada com o intuito de mostrar os resultados reais destas estratégias. Os dados refletiram, em primeiro lugar, a dificuldade em atingir um volume considerável de conteúdo e, portanto, de interação com o público. O modelo *Indymedia* e *CMI*, caracterizado pela separação entre o espaço destinado aos artigos dos respectivos Coletivos Editoriais e aquele dedicado ao público em geral, foi o que mais sofreu com a baixa produção.

Por seu turno, os veículos que propiciam a maior abertura, ressentiram-se do mesmo problema do pouco conteúdo enviado (*Wikinotícias*), além do risco de descaracterização pelo predomínio de um grupo restrito, como demonstra a presença dos Canadenses e dos Neozelandeses no *Wikinews*, propiciada, na verdade, por um grupo bastante restrito de usuários muito frequentes.

Respondendo a nossa questão sobre a distribuição das oportunidades de emissão, vimos que pelo menos 22% do total de artigos publicados são enviados pelos 10% mais ativos dos autores, e que, ao mesmo tempo, não se pode afirmar que um grupo pequeno de participantes habituais domine os *sites*, exceto no modelo *wiki*.

A concentração de emissores, seja no modelo *Indymedia* e *CMI*, seja no *wikis*, vem sempre associado a problemas de volume de publicação ou de distorção do noticiário.

Outra questão formulada na introdução dizia respeito ao foco da produção de conteúdo. Este representaria a expressão da visão de mundo da comunidade de usuários do *site*, ou reproduziria a cobertura da mídia comercial? Descobrimos que a discussão da agenda difundida pela mídia comercial é constante em todos os casos, menos no *Indymedia*.

Quanto a nossa primeira hipótese, que supunha que uma equipe de “*insiders*” dominaria o discurso dos veículos, de forma a evitar o risco de que o ruído criado pelos “*visitantes*” descaracterizasse o *site*, os resultados da pesquisa mostraram-se dúbios. Por um lado houve uma relativa concentração das emissões: nos casos de maior sucesso, o grande volume de artigos e de autores que publicaram uma única vez no período representa sem dúvida um alto grau de abertura e acesso à publicação.

Pode se dizer que os *sites* bem sucedidos como *Slashdot* e *AgoraVox* parecem haver atingido uma massa crítica de colaboradores e não dependem mais de uma pequeno grupo de “*militantes*”.

Quanto ao papel central da edição, parece confirmada a hipótese de que um método estruturado funciona melhor que um mais aberto, tal como é o modelo *wiki*, mas é preciso levar em conta o fato de que os dados dos *sites Indymedia* e *CMI* foram insatisfatórios e o modelo *wiki* é o mais jovem dentre os estudados aqui. Já no que concerne ao grau de abertura da edição como fator de sucesso, o que há de comum nos modelos mais bem sucedidos, *Slashdot* e *AgoraVox* é a influência do mérito dos emissores. Não há motivo para crer que o fechamento da edição do primeiro seja necessário ou benéfico.

A terceira hipótese, relativa aos discursos periféricos, está comprovada. Os exemplos da apropriação do *Wikinews* por canadenses e neozelandeses, a constante

presença de nomes de origem africana ou islâmica no *AgoraVox* e o sucesso do *Slashdot*, no seu estreito nicho de mercado, apontam nesta direção. Talvez até mesmo o sucesso do modelo generalista do *AgoraVox* possa ser explicado apenas pelo caráter opinativo do *site* e não por esta escolha estratégica, o que significa dizer, trata-se do ponto de vista de cada emissor, de uma rara chance de ser escutado por um grande público.

A importância da atividade de *gatewatching* demonstra claramente que a repercussão dos temas agendados e das matérias da cobertura jornalística tradicional supera com folgas a publicação de conteúdo original, em todos os casos, menos na rede *Indymedia*.

Quanto à inserção do jornalismo de fonte aberta no campo jornalístico, com base na bibliografia apresentada no Capítulo 3 e na importância observada da função de *gatewatching*, podemos propor que esta nova forma de produção noticiosa representa uma ampliação do campo jornalístico, no sentido apresentado por Sorrentino (2006). Concebemos esta ampliação, segundo o modelo apresentado por Gans via Bruns (2005), de uma segunda camada de produção de notícias, mais próxima do público, e que interage e reflete sobre a camada do jornalismo comercial.

As perspectivas de Sorrentino e Gans têm em comum o fato de conceberem a comunicação midiática, não como uma relação entre pólos conectados por um canal, segundo o modelo da Teoria da Informação, mas, sim como um campo de forças (dividido em camadas, segundo a conceituação de Gans) em que interagentes disputam relevância, atenção e possibilidades de emissão. Ambos os autores apostam nas possibilidades de articulação entre estes interagentes.

Esta abordagem é fundamental para dar sentido e contexto a conceitos como o de *gatewatching*, de Bruns, do jornalismo participativo de Bowman e Willis, ou do jornalismo como uma conversação, segundo Gillmor. E oferece perspectivas positivas quanto a uma possível e promissora articulação entre Jornalismo de Fonte Aberta e Jornalismo Tradicional.

Julgamos que os objetivos da pesquisa foram alcançados de forma satisfatória, até porque o caráter exploratório do trabalho não dava respaldo à criação de expectativas exageradas. Trata-se muito mais de um esforço de aproximação, descoberta e formação de ferramental teórico para futuras pesquisas. No entanto, explorar mais a fundo esta possível articulação entre fonte aberta e a produção tradicional de notícias foge ao fôlego deste trabalho e de seu autor, devendo ser deixado para futuras empreitadas.

REFERÊNCIAS

AGORAVOX. **Qui sommes nous?** 2005. Disponível em <http://www.agoravox.fr>. Acessado em 9 de abril de 2007.

AMORIM, Ricardo e VICÁRIA, Luciana. **A Enciclopédia Pop**. Época, São Paulo, nº 401, p. 40-47, 23 de janeiro de 2006.

ANTOUN, Henrique. Jornalismo e Ativismo na Hipermissão: em que se pode reconhecer a nova mídia. In Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre, RS, EDIPUCRS, nº 16, 2001.

BAOIL, Andrew. **Slashdot and the public sphere**. 2000 Disponível em http://www.firstmonday.org/issues/issue5_9/baoill/index.html#author . Acessado em 9 de abril de 2007.

BOCZKOWSKI, Pablo J. **Digitizing the News: Innovation in online newspapers**. MIT Press: Cambridge, 2004.

BOLTER, Jay D. e GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. MIT Press: Cambridge, 2002.

BOOTH, William. **Murder, Incorporated?** The Targets Were Capitalism, and Officer Mobilio. The Accused Is Dead Serious About His Quirky Defense. In: **Washington Post.com**, Estados Unidos, 2005, 4 de abril, <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A24016-2005Apr3.html>. Acessado em 9 de abril de 2007.

BOWMAN, Shayne; WILLIS Chris. **We media. How audiences are shaping the future of news and information**. The Media Center, 2003. Disponível em : <http://www.hypergene.net/wemedia>. Acessado em 9 de abril de 2007.

BRAMBILLA, A. M. **A identidade profissional no jornalismo open source** Em Questão, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 103-119, jan./jun. 2005.

BRAMBILLA, A. M. **Jornalismo open source em busca de credibilidade**: como funciona o projeto coreano OhmyNews International. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. XXVIII Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, 2005.

BREIER, Lucilene. **Not always stuff that matters**. Um exercício de relação entre Slashdot e o pensamento de Michel Maffesoli 2004 em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acessado em 9 de abril de 2007.

BRUNS, Axel. **From Blogs to Open News: notes towards a Taxonomy of P2P Publications**. 2003. ANZCA03 Conference, Brisbane. July 2003. Disponível em : <http://eprints.qut.edu.au/archive/00000193/> . Acessado em 9 de abril de 2007.

BRUNS, Axel. **Gatewatching**. Collaborative online News production. New York: Peter Lang Publishing Inc. , 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTILHO, Carlos. **Wikinews e a nova revolução informativa**. Observatorio da Imprensa. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>. Acessado em 9 de abril de 2007.

CHAN, Anita. **Collaborative News Networks**. Distributed Editing, Collective Action, and the Construction of Online News on Slashdot.org 2002. Disponível em <http://web.mit.edu/anita1/www/thesis/Intro.html>. Acessado em 9 de abril de 2007.

CRINGLEY, Robert. **Quantum Dilemma**: If the World Banking System is Compromised by Quantum Computing, Why Aren't We Worried? 7 de outubro de 1999. Disponível em: http://www.pbs.org/cringely/pulpit/1999/pulpit_19991007_000626.html. Acessado em 9 de abril de 2007.

DEUZE, Mark. **Online Journalism: Modeling the first generation of news on the World Wide Web**. In: First Monday, volume 6, number 10 (October 2001), Disponível em http://firstmonday.org/issues/issue6_10/deuze/index.html. Acessado em 9 de abril de 2007.

DEUZE, Mark. **Understanding the impact of the internet**: On New Media Professionalism, mindsets and buzzwords. 2005. <http://www.ejournalist.org> Acessado em 9 de abril de 2007.

DÍAZ NOCI, Javier. **La escritura Digital. Hipertexto y construccion del discurso informativo em el periodismo electrónico**. Universidad del País Vasco. Servicio Editorial. 2002.

DIRCORDIA FAQ. **Frequently Asked Questions**, 2003. Disponível em <http://www.discordia.us/scoop/special/faq>. Acessado em 9 de abril de 2007.

DIRCORDIA. **Why Discordia?** 2003. Disponível em <http://www.discordia.us/scoop/special/whydiscordia/index.html> Acessado em 9 de abril de 2007.

DUBE, Jonathan. **Dan Gillmor launches first Grassroots Media project: Bayosphere**. Cyberjournalist.net. 2005. Disponível em <http://www.cyberjournalist.net/news/002608.php> Acessado em 9 de abril de 2007.

EFF - Electronic Frontier Foundation. **Indymedia Server Takedown**. Atualizado em agosto de 2005. Disponível em <http://www.eff.org/Censorship/Indymedia/>. Acessado em 9 de abril de 2007.

FAKAZIS, Elizabeth. **Janet Malcolm. Constructing boundaries of journalism**. In Journalism Vol. 7(1): 5–24. 2006.Sage Publications: (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi).

FERREIRA, Giovandro Marcus. , **Presença da técnica nos estudos comunicacionais**, Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), Porto Alegre, 2004.

GILLMOR, Dan. **We the media. Grassroots journalism by the people, for the people**. O'Reilly, 2004.

GLAVE, James, **Slashdot : All the News that Fits**, Wired News, 1999. Disponível em <http://www.wired.com/news/print/0,1294,21448,00.htm>. Acessado em 9 de abril de 2007.

GRANIERI, Giuseppe – **Geração Blog**. Editorial Presença, 2005

GRANIERI, Giuseppe – **Appunti di anatomia della conversazione**. Disponível em <http://www.apogonline.com/webzine/2007/03/26/19/200703261901/>. Acessado em 9 de abril de 2007.

HALL, Jim. **The News Blog in 2005: Social Journalism at the Eye of the Storm**. II Encontro de Weblogs Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2005. Disponível em http://mccd.udc.es/orihuela/covilha/jlori_covilha/sld029.htm. Acessado em 9 de abril de 2007.

HERMANA, Luis A. F. **Os enredados no ciberespaço**, entrevista concedida a Elias Machado in: Pauta Geral n.4. Salvador: Calandra, 2002.

HILER, John. Blogosphere: the emerging Media Ecosystem. Disponível em www.microcontentnews.com/2002. Acessado em 9 de abril de 2007.

HOLANDA, André. **Credibilidade, Participação e Contestação. O Processo de Construção da Informação o Centro de Mídia Independente (CMI)**. Projeto experimental de conclusão de curso. FACOM/UFBA. 2004. http://www.facom.ufba.br/jol/fontes_projetos.htm. Acessado em 9 de abril de 2007.

INDYMEDIA, **The IMC, a new model**. Version 1.0. Hedonist Press. 2004. Disponível em <http://www.hedonistpress.com/indymedia/index.html>. Acessado em 9 de abril de 2007.

INDYMEDIA, **FBI Seizes IMC Servers in the UK**. Indymedia. 2004. Disponível em <http://www.indymedia.org/en/2004/10/111999.shtml>. Acessado em 9 de abril de 2007.

JOHNSON, T. e KAYE, B. **Wag the blog: How reliance on traditional media and the Internet influence credibility perceptions of Weblogs among blog users**. Journalism and Mass Communication Quarterly, 81(3), 2004. 622-642.

KAMBAYASHI, Takehiko. **OhmyNews to Put Down Roots in Japan**. Japan Media Review 2006. Disponível em <http://www.japanmediareview.com/japan/people/tkambayashi/> Acessado em 9 de abril de 2007.

KOH, Annie. **OhmyNews to Foster Journalism in Japan**. OhMyNews, março de 2006. disponível em <http://english.ohmynews.com/> Acessado em 9 de abril de 2007.

KUNELIUS, Risto. **Conversation: a metaphor and a method for better journalism?** Journalism Studies, Volume 2, Number 1, 2001, pp. 31-54.

LANDOW, G. 1997, **Hypertext 2.0: The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology**, The John Hopkins University Press, London.

LASICA, J. D. **Participatory Journalism Puts the Reader in the Driver's Seat**. Online Journalism Review (2003). Disponível em <http://www.ojr.org/> . Acessado em 9 de abril de 2007.

LEONARD, Andrew. **Open Source Journalism**. Salon, 1999. Disponível em http://www.salon.com/tech/log/1999/10/08/geek_journalism/index.html, Acessado em 9 de abril de 2007.

LEMONS, André. **Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Sulinas, 2002.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência. O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Ed 34, 1993 (10ª reimpressão - 2001).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed 34, 1999.

LEYDEN, John. **FBI seizes Indymedia servers**. The Register, 8 de outubro de 2004. Disponível em http://www.theregister.co.uk/2004/10/08/fbi_indymedia_raids/ . Acessado em 9 de abril de 2007.

LIEVROUW, L. A. **Determination and Contingency in New Media Development: Difusion of Innovations and Social Shaping of Technology Perspectives**. In: LIEVROUW, L. A.; LIVINGSTONE, S. (org.). **Handbook of new media: social shaping and consequences of ICTs**. London: Sage, 2002.

LIEVROUW, L. A.; LIVINGSTONE, S. **The social shaping and consequences of ICTs**. In: LIEVROUW, L. A.; LIVINGSTONE, S. (org.). **Handbook of new media: social shaping and consequences of ICTs**. London: Sage, 2002.

MACHADO, Elias. **La Estructura de la Noticia em las Redes Digitales**: um estúdio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2000.

MACHADO, Elias. **O jornal como epicentro das redes de circulação de notícias**, in: Pauta Geral, n. 4. Salvador: Calandra, 2002.

MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003.

MADARIAGA, José María García de. **Periodismo de “código abierto”**. Trabalho apresentado durante o II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação – Disponível em www.cccc2004.ubi.pt. Acessado em 9 de abril de 2007.

MANOVICH, Lev. **The language of New media**. Cambridge: Massachussets Institute of Technology, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MATHESON, Donald. **Weblogs and the epistemology of the news**: some trends in online journalism. *new media & society*. Vol6(4):443–468 2004.

MCMILLAN, Sally. **Exploring models of interactivity from multiple research traditions: Users, documents, and systems**. In: LIEVROUW, L. e LIVINGSTONE, S. *The handbook of new media*. London: Sage Publications, 2002.

MIELNICZUK, Luciana e PALACIOS, Marcos. **Considerações para um estudo sobre o formato da Notícia na Web: o link como elemento paratextual**. In: Pauta Geral n. 4 Salvador: Calandra, 2002.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web**. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e Implicações do Jornalismo na WEB**, trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM, Lisboa, 2001. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/jol/> . Acessado em 9 de abril de 2007.

MIELNICZUK, Luciana. **Interatividade como dispositivo do jornalismo online**. In: GOMES, Itania M. M; MIELNICZUK, Luciana; SÁ, Augusto; SANTOS, Santos (Orgs.) Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas II. Salvador: Edufba, 2000.

MIELNICZUK, Luciana. **Considerações sobre interatividade no contexto das novas mídias**. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Orgs.). Janelas do Ciberespaço - Comunicação e Cibercultura. Porto Alegre : Sulina, 2000, 172-185.

MILLER, Robert. **Jane's Intelligence Review Lauds Slashdot Readers as Cyberterrorism experts**. Slashdot, 1999, <http://features.slashdot.org/article.pl?sid=99/10/07/120249> Acessado em 9 de abril de 2007.

MOON, Jin, **Open source journalism: fact checking or censorship?** Media Studies Center. 1999 <http://www.freedomforum.org/templates/document.asp?documentID=7802> . Acessado em 9 de abril de 2007.

MOURA, Catarina. **O jornalismo na era do SlashDot**. Universidade da Beira Interior, janeiro de 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acessado em 9 de abril de 2007.

MOTTA, Luiz G. **Crise no paradigma do jornalismo: mas qual paradigma** In: Pauta Geral n. 5 Salvador: Calandra, 2003.

NOGUEIRA, Luis Carlos. **Slashdot, comunidade da palavra**. Universidade da Beira Interior, fevereiro de 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acessado em 9 de abril de 2007.

OUTING, Steve. **The 11 layers of Citizen Journalism**. A resource guide to help you figure out how to put this industry trend to work for you and your newsroom. Poynter Online. 2005 http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=83126. Acessado em 9 de abril de 2007.

PALACIOS, Marcos. **Rupturas, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória**. In MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. Modelos de Jornalismo Digital. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003.

PALACIOS, Marcos. **Internet as System and Environment in Cyberspace: Preliminary Ideas from an Ongoing**, in *TripleC*, vol. 1, n. 2, 2003, disponível em <http://triplec.uti.at/articles>. Acessado em 9 de abril de 2007.

PAVLIK, John Vernon. **Journalism and New Media**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2001.

PEDLEY Paul. **International phenomenon? Amateur journalism? Legal minefield?**. Business Information Review, Vol. 22(2): 95-100

PERUZZO, Cicilia M. K. **Webjornalismo: do Hipertexto e da Interatividade ao Cidadão Jornalista**. Verso e Reverso / Revista da Comunicação nº37 2003.

PLATON, S.; DEUZE, M. **Indymedia Journalism: a radical way of making, selecting and sharing. news?** In: Journalism. London: Sage, 2003. 336-355.

PRIMO, Alex. **Quão interativo é o hipertexto?** : Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003.

PRIMO, A; RECUERO, R. **Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da wikipedia**. Revista da FAMECOS. Porto Alegre: , n.22, p.54 - 65, 2003. Disponível em www.pontomidia.com.br/raquel/pesquisa/hipertextocooperativo.pdf . Acessado em 9 de abril de 2007.

PRIMO, A; TRÄSEL, M. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de Notícias LOGOS**, nº 52 Setembro de 2006. Disponível em <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n52/alaic.html>. Acessado em 9 de abril de 2007.

RAYMOND, Eric S. **The Cathedral and the Bazaar**. First Monday, volume 3. 2000. Disponível em <http://www.firstmonday.org/issues/issue3.3/raymond/>. Acessado em 9 de abril de 2007.

RIGITANO, Maria Eugenia C. **Os filtros e o jornalismo participativo: uma proposta de análise da seleção de notícias no Centro de Mídia Independente**. 404nOtF0und ANO 5, VOL 1, N. 48· novembro/2005.

ROBINSON Susan. **The mission of the j-blog Recapturing journalistic authority online**. In: Journalism Vol. 7(1): 65–83 2006.Sage Publications: (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi).

ROSEN, Jay. **Top Ten Ideas of '04: Open Source Journalism, Or "My Readers Know More Than I Do."** Pressthink. 2004 <http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/>. Acessado em 9 de abril de 2007.

SCHWINGEL, Carla. A. **O sistema de publicação do Centro de Mídia Independente**. Artigo apresentado no V Congresso Iberoamericano de Periodistas en Internet, 2004.

SALAVERRÍA, R. **Redacción Periodística en Internet**. 2005. Pamplona: Eunsa

SILVA JR. José Afonso da Silva Júnior. **A interface como estrutura de produção do jornalismo de fonte aberta**. Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Porto Alegre, 2004.

SOFI, Antonio. Um nuovo giornalismo s'intreccia nella Rete: l'informazione nell'era dei blog. In: SORRENTINO, Carlo. Il campo giornalistico. Nuovi orizzonti dell'informazione. Carocci - 2006.

SORRENTINO, Carlo. **Il campo giornalistico**. Nuovi orizzonti dell'informazione. Carocci - 2006.

STOCKINGER, Gottfried. **Para uma Sociologia da Comunicação, 2001**, in: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa>. Acessado em 9 de abril de 2007.

SYDNEY MORNING HERALD. **FBI seizes Indymedia servers**. Outubro de 2004. Disponível em <http://www.smh.com.au/articles/2004/10/08/> : Acessado em 9 de abril de 2007.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Vol I – Porque as notícias são como são**. Florianópolis, Posjor-UFSC/Insular, 2005

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Vol II – A tribo jornalística**. Florianópolis, Posjor-UFSC/Insular, 2005

WEI, Hsing. **The Hype vs. Reality vs. What People Value: Emerging Collaborative News Models and the Future of News** CitMedia, 2006 disponível em <http://citmedia.org/learn/surveys/collaborativenews.htm>. Acessado em 9 de abril de 2007.

WIKIPEDIA, **Indymedia: Seizure of servers by the FBI**. Atualizado em maio de 2006. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Indymedia#Seizure_of_servers_by_the_FBI. Acessado em 9 de abril de 2007.

WOLTON, Dominique **Internet e depois? Uma crítica das novas mídias**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2003.

VILCHES, Lorenzo. **A Migração Digital**. São Paulo, Edições Loyola, 2003.

ZELIZER, Barbie **Taking Journalism Seriously. News and the Academy**. Sage Publications, 2004